

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes  
Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem  
(LAEL)

Ricardo Mendes Montefusco

**A METÁFORA E A CRÍTICA SOCIAL EM O QUINZE, DE RACHEL DE QUEIROZ:**  
Um enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional

Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da  
Linguagem

São Paulo  
2020

Ricardo Mendes Montefusco

**A METÁFORA E A CRÍTICA SOCIAL EM O QUINZE, DE RACHEL DE QUEIROZ:**  
Um enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sumiko Nishitani Ikeda

São Paulo  
2020

Ricardo Mendes Montefusco

**A METÁFORA E A CRÍTICA SOCIAL EM O QUINZE, DE RACHEL DE QUEIROZ:**

Um enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sumiko Nishitani Ikeda — PUC-SP (Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Madureira — PUC-SP (examinadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Flamínia Manzano Moreira Lodovici — PUC-SP (examinadora)

---

Prof. Dr. Ulisses Tadeu Vaz de Oliveira — UFMS (examinador)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Piedade Teodoro da Silva — INESP (examinadora)

São Paulo, 18 de junho de 2020

***À minha esposa e filhas,  
pelo incentivo e carinho***

Esta pesquisa foi realizada com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior — CAPES (13 meses de bolsa) e do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento de São Paulo – **CNPq** (35 meses de bolsa).

Processo nº 141526/2017-3

This research was carried out with financial support from the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES (13 months of scholarship) and the Centro de Pesquisas e Desenvolvimento de São Paulo - CNPq (35 months of scholarship).

Process number: 141526/2017-3

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelas portas abertas e por colocar em meu caminho pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

Fica expressa aqui a minha gratidão, especialmente:

À professora Dra. Sumiko, pela orientação, pela troca de experiências e apoio incondicional em todo processo de elaboração dessa pesquisa.

Aos Professores doutores Greta Nascimento Marchetti (Rede Sagrado de Educação), Ulisses Tadeu Vaz Oliveira (UFMS) e Flaminia Manzano Moreira Lodovici (PUCSP) pelas valiosas orientações nos exames de qualificação.

Aos Doutores do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC – SP, pelas experiências e conhecimentos compartilhados.

À Maria Lúcia, pelo carinho, paciência e atenção para com os professores e alunos do programa.

Aos colegas de classe, mestrandos e doutorandos, pela agradável convivência e apoio mútuo.

Ao grande amigo Fernando Akimitsu Katayama, pela orientação e solução de questões de ordem técnico-burocrática.

Às amigas Fabiana Pastore e Geórgia Reginato, pelas correções do texto e valiosas sugestões.

A minha esposa e filhas, pela paciência, pelo apoio nos momentos críticos deste trabalho e por lutarem sempre pelos meus ideais.

Aos professores doutores que tão gentilmente aceitaram integrar a banca de defesa dessa tese e contribuíram para o enriquecimento desse trabalho.

*“A linguagem tem a possibilidade de fazer curtos-circuitos em sistemas orgânicos intactos, produzindo úlceras, impotência ou frigidez. Porque são as palavras que carregam consigo as proibições, as exigências e expectativas. E é por isto que o homem não é um organismo mas este complexo linguístico a que se dá o nome de personalidade.”*

*Rubem Alves*

## RESUMO

O objetivo desta tese de doutorado é o exame da crítica social no romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, que trata da grande seca ocorrida em 1915, experienciada pela própria autora quando criança. A análise, ao tratar das escolhas lexicogramaticais do texto, considera essas estruturas dentro do enquadre de uma metáfora que não só permeia e domina todo o enredo, mas também forma a espinha dorsal da sua estrutura argumentativa. Nesse contexto, a escolha lexical é um eminente aspecto do texto em que opiniões e ideologias subjacentes podem se superficializar. A escolha lexical em prol da coesão constrói significados no discurso que transcendem os significados referenciais de cada palavra por meio da interação de itens lexicais que se relacionam semântica e pragmaticamente. Essa visão condiz com a teoria conceitual da metáfora. Como um mapeamento ontológico e epistêmico por meio de domínios conceituais (da fonte para o alvo), a metáfora não é apenas uma questão de língua, mas também um conceito intimamente ligado ao pensamento e ao raciocínio, que tem consequências sociopolíticas. Por outro lado, a pesquisa trata também de alguns dos mecanismos pelos quais a narrativa trabalha sobre o leitor — capacitando-o a “sentir com” os personagens. Nesse sentido, a pesquisa leva em consideração a noção do dialogismo bakhtiniano, por meio do qual o texto dialoga com os leitores, envolvendo-os nos processos tanto de persuasão quanto de crítica. Esses processos requerem uma leitura “relacional”, que, apoiada nos recursos linguísticos, dispõe emoção e ética de maneira específica para cocriar complexos de significados de ordem superior, ou *metarrelações*, que posicionam os leitores a adotar atitudes específicas em relação aos personagens. A pesquisa conta com a proposta teórico-metodológica da Linguística Sistemico-Funcional (LSF), um modelo multiperspectivo, designado a dar aos analistas lentes complementares para a interpretação da linguagem em uso, bem como outras teorias que tratam do intersubjetivismo, metarrelação e avaliatividade. Esta tese de doutorado responde às seguintes perguntas: (a) Como é feita a relação entre língua e literatura pela LSF em *O Quinze*? (b) Qual é o papel da metáfora na crítica social na obra? (c) Qual é o papel da transitividade e da avaliatividade no processo persuasivo no discurso?

**Palavras-chave:** *O Quinze*. Crítica social. Metáfora. Avaliatividade. Linguística Sistemico-Funcional.

## ABSTRACT

The purpose of this doctoral dissertation is to examine the social criticism in Rachel de Queiroz's novel *O Quinze*, which deals with the great drought occurred in 1915, experienced by the author herself as a child. The analysis, when dealing with the lexicogrammatical choices of the text, considers these structures within the framework of a metaphor that not only permeates and dominates the whole plot, but also forms the center of its argumentative structure. In this context, lexical choice is an eminent aspect of the text in which hidden opinions and ideologies can surface. Lexical choice for cohesion builds meanings in discourse that transcend the referential meanings of each word through the interaction of lexical items that relate semantically and pragmatically. This view is consistent with the conceptual theory of metaphor. As an ontological and epistemic mapping through conceptual domains (from source to target), metaphor is not only a matter of language, but also a concept closely linked to thought and reasoning, which has sociopolitical consequences. On the other hand, the research also deals with the some of the mechanisms by which narrative works on the reader — enabling him to "feel with" the characters. The research takes into consideration the notion of bakhtinian dialogism, through which the text dialogues with readers, involving them in the processes of both persuasion and criticism. These processes require a "relational" reading, which, relying on linguistic resources, provides emotion and ethics in a specific way to co-create complexes of higher-order meaning, or metarrelations, which position readers to adopt specific attitudes toward characters. The research relies on the theoretical-methodological proposal of Systemic-Functional Linguistics (SFL), a multiperspective model, designed to give analysts complementary lenses for the interpretation of the language in use, as well as other theories that deal with intersubjectivism, metarrelation and appraisal. This research answers the following questions: (a) How is the relationship between language and literature made by the SFL in *O Quinze*? (b) What is the role of metaphor in social criticism in the novel? (c) What is the role of transitivity and appraisal in the persuasive process in the discourse?

**Keywords:** *O Quinze*. Social criticism. Metaphor. Appraisal. Systemic-Functional Linguistics.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Transitividade — Processos/ Participantes/Circunstâncias .....	35
Quadro 2 – Metafunção interpessoal .....	44
Quadro 3 – Modalidade (Entre o SIM e o NÃO) .....	45
Quadro 4 – Metafunção interpessoal (análise).....	45
Quadro 5 – Exemplos de avaliatividade .....	47
Quadro 6 – O sistema da avaliatividade.....	48
Quadro 7 – Redundância .....	48
Quadro 8 – Avaliatividade inscrita e evocada.....	49
Quadro 9 – Avaliatividade interna e avaliatividade externa.....	53
Quadro 10 – As Teorias .....	60
Quadro 11 – Capítulos objeto de análise .....	65
Quadro 12 – Modelo de análise .....	68
Quadro 13 – Relação de expressões atitudinais no primeiro estágio.....	124
Quadro 14 – Relação de expressões atitudinais no segundo estágio.....	126
Quadro 15 – Relação de expressões atitudinais no terceiro estágio.....	128
Quadro 16 – Relação de expressões atitudinais no quarto estágio .....	130
Quadro 17 – Avaliação social do retirante.....	131
Quadro 18 – Representação da realidade: o homem e o animal .....	132
Quadro 19 – Recurso de construção da empatia pelo afeto (+).....	133
Quadro 20 – Construção da coerência no discurso narrativo via transitividade .....	134
Quadro 21 – Metáfora da despedida: Seca é Adeus.....	135

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACLISF	Análise Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional
ADC	Análise do Discurso Crítica
LSF	Linguística Sistêmico-Funcional
LC	Linguística Crítica
LC	Linguística Cognitiva
<i>TNYT</i>	<i>The New York Time</i>
<i>CD</i>	<i>China Daily</i>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>1 PANORAMA HISTÓRICO E LITERÁRIO</b> .....	<b>20</b>
1.1 Manifestações estéticas do Modernismo e contexto histórico .....	20
1.2 O romance de 1930 .....	21
1.3 Rachel de Queiroz .....	23
1.3.1 <i>Traços Estilísticos de Rachel de Queiroz</i> .....	25
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>28</b>
2.1 Escolhas lexicogramaticais e a metáfora .....	28
2.2 Metáfora no Discurso .....	30
2.2.1 <i>Metáfora e coesão lexical</i> .....	32
2.3 Linguística Sistemico-Funcional .....	33
2.3.1 <i>Metafunção ideacional</i> .....	34
2.3.1.1 Processos materiais .....	37
2.3.1.2 Processos mentais .....	38
2.3.1.3 Processos relacionais .....	39
2.3.1.4 Processos verbais .....	40
2.3.1.5 Processos comportamentais .....	41
2.3.1.6 Processos existenciais .....	42
2.3.1.7 Metáfora do Porcesso .....	42
2.3.1.8 Circunstâncias .....	43
2.3.2 <i>Metafunção interpessoal</i> .....	44
2.3.3 <i>Metafunção textual</i> .....	46
2.4 Além da permuta: O sistema de avaliatividade .....	46
2.4.1 <i>Logogênese</i> .....	50
2.5 A proposta de Macken-Horarik .....	51
2.6 O diatexto e a intersubjetividade do discurso .....	54
2.7 A Linguística Sistemico-Funcional e o Cognitivismo .....	57
2.8 Linguística Crítica .....	58

<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>61</b>
3.1	Dados .....	61
3.2	Procedimentos de análise.....	66
3.2.1	Exemplo da análise .....	67
<b>4</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>70</b>
4.1	Transcrição e seleção de trechos do capítulo 3.....	70
4.1.1	<i>Análise da transitividade e da avaliatividade do capítulo 3 .....</i>	<i>71</i>
4.1.2	<i>Análise da transitividade e da avaliatividade do capítulo 3 .....</i>	<i>72</i>
4.2	Transcrição e seleção de trechos do capítulo 5.....	80
4.2.1	<i>Análise do contexto situacional do capítulo 5.....</i>	<i>82</i>
4.2.2	<i>Análise da transitividade e da avaliatividade do capítulo 5 .....</i>	<i>83</i>
4.3	Transcrição e seleção de trechos do capítulo 12.....	92
4.3.1	<i>Análise do contexto situacional do capítulo 12.....</i>	<i>95</i>
4.3.2	<i>Análise da transitividade e da avaliatividade do capítulo 12 .....</i>	<i>95</i>
4.4	Transcrição e seleção de trechos do capítulo 19.....	106
4.4.1	<i>Análise do contexto situacional do capítulo 19.....</i>	<i>109</i>
4.4.2	<i>Análise da transitividade e da avaliatividade do capítulo 19 .....</i>	<i>110</i>
<b>5</b>	<b>DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS .....</b>	<b>123</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>137</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>148</b>
	<b>ANEXO .....</b>	<b>154</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata da relação entre língua e literatura. Embora todos reconheçam a importância da língua no processo de construção da obra literária, faz-se necessário um olhar que privilegie a compreensão dessa relação, a partir de uma análise com base na microestrutura das escolhas lexicogramaticais, sem perder de vista o modo como os traços da estrutura superficial do texto comunicam ideologias específicas e identidades de grupo no nível profundo do discurso (LI, 2010).

A propósito, Kitis e Milapides (1997) sugerem que a Análise do Discurso Crítica não precisaria adotar, como ponto de partida, as dimensões sociocognitivas envolvidas em um texto; ao contrário, pode-se também partir do próprio texto, examinando sua estrutura geral como se fosse uma lousa na qual as condições ideológicas se inscrevem em vários níveis. Desse modo, os autores sugerem que, por meio de uma análise sistêmico-funcional (HALLIDAY, 1994), empregando todos os métodos e instrumentos que a abordagem oferece, podem-se revelar essas condições.

Nesse contexto, segundo Fairclough (1992, p.27), um método de análise do discurso, para ser útil, deve preencher algumas condições mínimas, dentre as quais, deve: (a) ser multidimensional, permitindo avaliar as relações entre questões discursivas e sociais por meio da consideração sistemática das propriedades detalhadas de textos; e (b) contar com um método de análise multifuncional, para o qual o autor indica a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (HALLIDAY, 1978, 1994), "um modelo multiperspectivo, designado a dar aos analistas lentes complementares para a interpretação da língua em uso" (MARTIN; WHITE, 2005, p. 7).

Na LSF, a língua é entendida como uma "rede de opções entrelaçadas" (HALLIDAY, 1994, p. xiv), uma gramática do significado. A LSF vê a língua como um sistema de significados realizados a partir de funções, que por sua vez se realizam por meio de opções lexicogramaticais selecionadas pelos usuários. Essas escolhas são descritas em termos funcionais para que sejam significativas semântica e pragmaticamente. Para a LSF, as funções da língua preenchem uma série de necessidades humanas e abrangem três sistemas de significados, a saber — ideacional, interpessoal e a textual —, que são realizadas simultaneamente,

segundo Halliday (1994), graças a um nível intermediário de codificação, a lexicogramática.

A metafunção ideacional refere-se à habilidade para construir experiências humanas, nomeando entidades e construindo categorias e taxonomias; a metafunção interpessoal permite que as pessoas interajam em relações pessoais e sociais; a metafunção textual refere-se à possibilidade da construção do texto à medida que organiza as outras duas metafunções (ideacional e interpessoal), dando textura ao texto para fazê-lo operacionalmente relevante (HALLIDAY, 1973; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Por seu lado, para Fowler (1991), o ponto teórico principal na análise do discurso crítica é de que *qualquer* aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica — seleção lexical, opção sintática, etc. — todos têm sua razão de ser. Há sempre modos diferentes de dizer a mesma coisa, e esses modos não são alternativas acidentais. Diferenças em expressão trazem distinções ideológicas e assim diferenças de representação. Esse é o ramo que se tornou conhecido como Linguística Crítica, que conta com o apoio da LSF.

O que se salienta nesse tipo de análise, segundo Kitis e Milapides (1997), que trabalham na esteira da LSF, é a preponderância de certas suposições de natureza ideológica, que, embora não formem parte da estrutura formal do texto, são aspectos de interpretação sub-repticiamente insinuados no subtexto do texto. Particularmente notável é o uso abundante de relações lexicogramaticais, que, gradualmente, mas consistentemente, constroem uma metáfora conceptual dominante que permeia toda a estrutura do texto.

Nesse sentido, "a escolha lexical é um aspecto eminente do discurso em que opiniões ou ideologias ocultas podem se superficializar", afirma van Dijk, (1988, p. 177). Itens lexicais que retratam essas dimensões e seus formadores, de modo positivo ou negativo fazem parte do texto, implícita ou explicitamente. Nesse contexto, Li (2010) trabalha a relação entre as noções de escolha lexical e de coesão, que, segundo ele, constrói significados no discurso que transcendem os significados referenciais de cada palavra por meio da interação de itens lexicais que se relacionam semântica e pragmaticamente.

A coesão lexical, continua o autor, não é somente um recurso estável que liga informações no texto; é um processo dinâmico que formata o significado no texto e contribui para a informação geral. Assim, a coesão lexical pode fornecer intravisiões

importantes no processo da construção da ideologia do texto. Essa visão condiz com a teoria conceitual da metáfora, de Lakoff e Johnson (1980). Assim, como um mapeamento ontológico e epistêmico feito por meio de domínios conceituais (da fonte para o alvo), a metáfora não é apenas uma questão de língua, mas também um conceito intimamente ligado ao pensamento e ao raciocínio, que tem consequências sociopolíticas, segundo Li (2010). As metáforas conceituais e a coesão lexical influem em nossas experiências cognitivas e nos predispõem a ver aspectos da realidade de um certo modo. A análise da coesão lexical enfoca as repetições de itens lexicais relacionadas colocacionalmente que constroem metáforas dominantes que funcionam como temas organizacionais criando um determinado entendimento do texto.

De acordo com Li (2010, p. 3446), embora haja várias abordagens da Análise do Discurso Crítica (ADC), o que há de comum entre elas é a compreensão de como as ideologias sócio-político-culturais estão entrelaçadas com a língua e o discurso. Uma premissa básica de todas as formas da ADC é de que o uso da língua no discurso implica significados ideológicos e que há restrições discursivas no que diz respeito ao uso da língua e aos significados implicados (VAN DIJK, 1993; FOWLER. 1996; FAIRCLOUGH. 1995). Van Dijk (1993,1997), por exemplo, desenvolve uma abordagem da ADC que procura ligar o texto com o contexto, integrando a análise textual com processos de produção e de interpretação do discurso. A abordagem de Van Dijk do texto tenta relacionar a noção macro da ideologia no discurso com a noção micro das escolhas lexicogramaticais do texto, estabelecendo um elo entre o social e o individual, o macro e o micro, o social e o cognitivo. Van Dijk recorre a uma metodologia que se apoia na gramática-da-oração para explicar o modo como os traços da estrutura superficial do texto comunicam ideologias específicas e identidades de grupo no nível profundo.

Por outro lado e de acordo com a proposta de Macken-Horarik (2003), a maioria das narrativas escritas que os alunos encontram nos programas de leitura das escolas tem um tipo especial de instrucionalidade, de caráter obrigatório, sem ser abertamente moralizante. A autora examina o modo como os leitores absorvem os valores éticos que o autor de um texto transmite. Para tanto, ela apresenta um enquadre para investigar “a compreensão responsiva ativa” (p. 285) da narração, e tenta mostrar como os recursos linguísticos para a avaliação de emoção e de ética são dispostos de maneira específica para cocriar complexos de significados de

ordem superior, ou metarrelações, que posicionam os leitores a adotar atitudes específicas — no caso, de empatia e de ética — em relação aos personagens no decorrer de um texto. Assim, os leitores fazem uma leitura relacional em que reconhecem que algumas fases se confirmam, outras se opõem e ainda outras transformam esse significado avaliativo de fases anteriores.

Para a compreensão dessa questão, o trabalho de Mikhail Bakhtin (1935 [1981], 1953 [1986]) proporcionou aos teóricos literários e linguistas a consciência da característica profundamente “endereçadora” dos textos, mesmo naqueles considerados monológicos. Assim, os textos escritos estabelecem um diálogo virtual com os leitores, diálogo este incorporado no texto e com o qual os leitores se relacionam conforme processam a leitura. Para a compreensão dessas questões, a análise dos personagens de *O Quinze* requer o apoio de noções que decorrem da intersubjetividade, a avaliatividade e o diatexto.

A intersubjetividade, segundo Kärkkäinen (2006), é a atitude no discurso que não é apresentada de modo linguisticamente transparente de “estados internos” de conhecimento, mas emerge da interação dialógica entre interlocutores. Assim, o posicionamento atitudinal/avaliativo é mais apropriadamente visto de um ponto intersubjetivo, e não considerado primordialmente como uma dimensão subjetiva da linguagem. A autora considera uma visão de avaliação mais dialógica, dinâmica e emergente, considerando-a mais como uma característica da língua intersubjetiva do que subjetiva.

Em termos da avaliatividade, Martin (2000, 2003) examina o léxico que expressa a opinião do falante (ou do escritor) sobre o parâmetro bom/mau. Ele se enquadra na tradição da LSF. O sistema de escolhas usado para descrever essa área de significado potencial foi intitulado de avaliatividade (tradução de *appraisal*). A análise da avaliatividade é um modo de capturar de maneira compreensiva e sistemática os padrões avaliativos globais que ocorrem num texto, conjunto de textos ou discursos institucionais.

Nesse contexto, recorro também à noção de diatexto, proposta por Manuti et al. (2012), de que a percepção vem de uma posição específica do sujeito: o social e o histórico precedem o pessoal; a comunicação produz identidade e conhecimento de modo específico — um paradigma que foi coletivamente caracterizado por Deetz (2009, p. 32 apud MANUTI et al, 2012), pelo qual a percepção depende da posição

específica do sujeito: um paradigma caracterizado como construcionismo relacional politicamente atento.

O objetivo desta tese de doutorado é o exame da crítica social no romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, que, em seus 26 capítulos, trata da grande seca ocorrida em 1915, experienciada pela própria autora quando criança. A análise, ao tratar das escolhas lexicogramaticais do texto, considera essas estruturas dentro de um enquadre de uma metáfora que não só permeia e domina todo o enredo, mas também forma a espinha dorsal da sua estrutura argumentativa.

Para tanto, a pesquisa tem o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional, além de outras teorias que permitem responder às seguintes perguntas: (a) Como é feita a relação entre língua e literatura pela LSF em *O Quinze*? (b) Qual é o papel da metáfora na crítica social na obra? (c) Qual é o papel da transitividade e da avaliatividade no processo persuasivo no discurso?

Muito já foi escrito sobre o romance *O Quinze*. Dentre as dissertações, teses e artigos consultados, estão: Calegari e Haiski, (2012); Gomes, (2012); Duarte, (2005); Cattapan, (2012), entre outros. Entretanto, não se encontraram trabalhos que analisam o texto de Rachel de Queiroz sob a perspectiva da LSF.

A presente pesquisa insere-se no projeto de pesquisa “Recursos para a realização da persuasão através da avaliação implícita”, sendo parte integrante do grupo de pesquisa Análise Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional (ACLISF), cadastrado no CNPq, ambos coordenados pela professora Dra. Sumiko N. Ikeda. Cito alguns dos trabalhos feitos pelo grupo: *Diálogos entre Dom Quixote e Sancho Pança — uma abordagem Sistêmico-Funcional* (2017), *A Missa do Galo*, de Machado de Assis e a Avaliatividade implícita sob o enfoque da LSF (2018), *A ameaça em O Ateneu: análise da Avaliatividade sob o enfoque da LSF* (2015), *Vidas Secas: um enfoque Sistêmico-Funcional sob a perspectiva da Avaliatividade*.

Esta tese de doutorado está assim constituída: Capítulo 1 – Panorama histórico e literário, em que são apresentadas algumas considerações da crítica literária, situando a obra de Rachel de Queiroz na vertente dos escritores modernistas; Capítulo 2 – Fundamentação Teórica, que introduz o estudo da Metáfora e a proposta teórico-metodológica da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1985, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Além disso, teorias complementares contribuem para o exame da microestrutura textual e sua relação com a macroestrutura do discurso: avaliatividade, diatexto e leitura relacional;

Capítulo 3 – Metodologia, em que se apresenta o corpus de estudo e os procedimentos utilizados para a análise; Capítulo 4 - Análise e Discussão dos Resultados, em que se apresentam as análises dos trechos dos quatro capítulos escolhidos. Está dividido em: (i) análise de Registro; (ii) análise da microestrutura: Transitividade e Modalidade/Avaliatividade; (iii) discussão referente à macroestrutura discursiva. Capítulo 5 – Discussão Geral dos resultados; e Considerações Finais, em que se respondem as perguntas de pesquisa e se apresentam as contribuições gerais da pesquisa no âmbito educacional e acadêmico.

Antes de iniciar o capítulo das teorias que apoiam a análise de *O Quinze*, será apresentado o contexto em que foi criada a obra, bem como breves dados sobre o romance e sua autora, Rachel de Queiroz.

## 1 PANORAMA HISTÓRICO E LITERÁRIO

Antes de apresentar as teorias que embasam esta pesquisa, faz-se necessário discorrer, mesmo que concisamente, sobre o panorama histórico e literário em que estava inserida Raquel de Queiroz, a fim de revelar as condições de produção em que se deu a criação de *O Quinze*.

### 1.1 Manifestações estéticas do Modernismo e contexto histórico

A denominação de Modernismo abrange, na literatura brasileira, três fatos intimamente ligados: um movimento, uma estética e um período (CÂNDIDO, 1979). O movimento surgiu em São Paulo com a famosa *Semana de Arte Moderna*, em 1922, e se ramificou depois pelo país, tendo como objetivo superar a literatura vigente, formada pelos resquícios do Naturalismo, do Parnasianismo e do Simbolismo. A teoria estética, que nasceu com o movimento modernista, nem sempre esteve claramente delineada e muito menos unificada. Entretanto, visava a orientar e definir uma renovação, formulando em novos termos o conceito de literatura e de escritor.

Como toda época que marca uma transformação na forma de fazer arte, o Modernismo se vincula estreitamente a certas transformações da sociedade, determinadas em geral por fenômenos exteriores que refletem diretamente na maneira de o artista enxergar o mundo.

1922 é um ano simbólico do Brasil moderno, coincidindo com o *Centenário da Independência*. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) influi no crescimento da indústria brasileira e no conjunto da economia, alterando de forma significativa os costumes e relações políticas. Não apenas surge uma mentalidade renovadora na educação e nas artes, como se principia a questionar seriamente a legitimidade do sistema político, dominado pela oligarquia rural. Torna-se visível, principalmente nos estados do Sul, que dominavam a vida econômica e política, a influência da grande leva de imigrantes, que forneceram mão de obra depois de 1890 (VICENTINO; DORIGO, 2007).

O processo migratório derivado da expansão da lavoura do café não só proporcionava o crescimento acentuado do mercado interno como influía

decisivamente no surto industrial. Na própria lavoura, a introdução de relações capitalistas alterava o quadro tradicional. Embora tais modificações não fossem generalizadas, justamente por incidirem na zona central do país, seus efeitos se espalhavam de maneira diversa a todo o território nacional. Disso derivariam, inevitavelmente, condições peculiares: a burguesia que ascendia com celeridade era recrutada na classe dominante e, muitas vezes, no senhor de terra coexistiam o banqueiro e o industrial. No operário, recrutado no campo ou nas correntes imigratórias, restaria sempre o resíduo de suas origens. A classe média, por sua vez, refletia flutuações da época e a divisão do trabalho abriu-lhe novos campos de atividade e também novos horizontes (SODRÉ, 1982).

Diante desse contexto, “a arte e a literatura modernas — antes postas à margem — e consideradas capricho de alguns iconoclastas irresponsáveis — são agora reconhecidas como expressão legítima da nossa sensibilidade e da nossa mentalidade; ocorre uma intensa radicalização política, tanto para a esquerda quanto para a direita; a comoção das velhas estruturas sociais favorece o desejo de descrever e esquadriñar a realidade social e espiritual do país” (CÂNDIDO, 1979 p.80).

## **1.2 O romance de 1930**

De acordo com Alfredo Bosi (2013), os decênios de 30 e 40 serão lembrados como “a era do romance brasileiro”. O panorama literário apresentava em primeiro plano a ficção regionalista. São considerados regionalistas os romances que abordam a realidade específica de uma região, caracterizada por particularidades geográficas e por tipos humanos específicos, que usam a linguagem de um modo próprio e têm práticas sociais e culturais semelhantes (SODRÉ, 1982).

Dessa forma, os escritores pretendiam caracterizar a vida sacrificada e desumana do sertanejo, bem como compreender a estrutura socioeconômica que alimentava a política do coronelismo nordestino. Para eles, apontar tais problemas significava ajudar a transformar essa realidade injusta.

O comportamento dos indivíduos, subordinados ao espaço em que vivem, é analisado, na tentativa de mostrar de modo fiel o perfil social e psicológico dos habitantes de determinadas regiões brasileiras. Portanto, essa linha de romances

regionalistas que surgiram a partir de 1930 revelavam como uma determinada realidade socioeconômica, no caso o subdesenvolvimento brasileiro, influenciava a vida dos seres humanos.

Para tratar das questões sociais e regionais, os romances escritos a partir de 30 retomam dois momentos anteriores da prosa de ficção: o regionalismo romântico e o Realismo do século XIX (CÂNDIDO, 1979).

Do regionalismo romântico, vem o interesse pela relação entre os seres humanos e os espaços que eles habitam, apresentado agora de uma perspectiva mais determinista. Do Realismo, é recuperado o interesse em estudar as relações sociais e do impacto do meio sobre o indivíduo. Assim, essas raízes literárias que relacionam a ficção de 30 às duas estéticas do século XIX fizeram com que os romances escritos nesse período fossem conhecidos como regionalistas ou neorealistas.

Faz-se necessário lembrar que o regionalismo de agora se afastava dos equívocos do romance regionalista do final do século XIX, com grande voga até os anos 20 e cujo sucesso se apoiava no caráter exótico atribuído ao habitante do interior pelo homem da cidade, supostamente civilizado a partir do contraste. Tratava-se agora de um regionalismo crítico, cuja força era o resultado de fatores diversos e contraditórios: o equilíbrio entre a renovação modernista do Sul, que de um modo ou de outro passou a impregnar a cultura como um todo, e a do Nordeste, que sublinhava seu cunho tradicionalista (ARÊAS, 1997).

É nesse sentido que João Luiz Lafeté (2000, pp. 19-38) considera que a preocupação central do romance de 30 foi, portanto, o projeto ideológico, em contraposição ao predomínio do projeto estético da geração modernista da Semana de 22. Enquanto os modernistas de 22 empreendiam experimentações com a linguagem em busca de uma nova forma, rompendo com a linguagem parnasiana vigente até então, os romancistas de 30 propunham o engajamento social e político da literatura, defendendo a necessidade de um engajamento ideológico.

Para Nelson Werneck Sodré (1982), a simpatia que os romancistas da década de 30 demonstravam pelos desafortunados, o caráter de denúncia das cenas e até dos episódios que alinhavam, a escolha dos assuntos e a maneira de apresentá-los, tudo trazia para aquela fic o um prestígio que durou muito tempo. Essa fic o revelava aos brasileiros as terríveis mazelas que dominavam vasta

região e grande parcela do povo brasileiro, chegando até a provocar escândalo por suas denúncias.

Há que se apontar também que a proposta dos romancistas da geração de 30, no que se refere à linguagem, não era exatamente um rigor formal, uma narração complexa, uma linguagem elaborada, mas uma proposta que visava transpor para a literatura a língua falada cotidianamente pelo povo. A linguagem utilizada era propositalmente simples, a narração mais enxuta, direta e sintética, com o objetivo de alcançar uma maior proximidade com o público e, conseqüentemente, maior poder de penetração de sua mensagem (LAFETÁ, 2000).

Segundo Afrânio Coutinho (1997), o grupo de escritores neorrealistas do qual Rachel de Queiroz faz parte, compreende os modernos “ciclos” da ficção brasileira: ciclos da seca, do cangaço, do cacau, do sertão, do pampa etc. Nessa temática, o quadro predomina sobre o homem, seja o ambiente das zonas rurais, com seus problemas geográficos e sociais (seca, cangaço, latifúndio, banditismo); seja o urbano e suburbano, a vida de classe média e do proletariado, as lutas de classes (COUTINHO, 1997, p. 275).

Dessa forma, o escritor desse período pretendia um enredo que nascesse da relação entre o contexto socioeconômico e o espaço, caracterizado de modo bem definido (ECO, 1994). A maioria desses autores se baseou no conhecimento pessoal da realidade nordestina, como acontece com Rachel de Queiroz.

Além disso, o eixo da ficção brasileira na década de 1930 se deslocou do Rio de Janeiro e de São Paulo para Maceió, em Alagoas. Era lá que moravam os escritores José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos. Assim, as condições de produção literária do período foram favorecidas pela grande aproximação que havia entre esses autores.

### **1.3 Rachel de Queiroz**

Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza (CE), em 17 de novembro de 1910, e faleceu no Rio de Janeiro (RJ) em 4 de novembro de 2003. Filha de Daniel de Queiroz e de Clotilde Franklin de Queiroz, descende, pelo lado materno, da estirpe dos Alencar, parente, portanto, do autor ilustre de *O Guarani*, e, pelo lado paterno, dos Queiroz, família de raízes profundamente lançadas no Quixadá e Beberibe.

Em 1917, veio para o Rio de Janeiro, em companhia dos pais que procuravam, nessa migração, fugir dos horrores da terrível seca de 1915. O episódio ficou gravado em sua memória. Anos mais tarde, ela utilizaria suas lembranças como inspiração para a romance *O Quinze*, seu primeiro romance de ambientação cearense. No Rio, a família Queiroz pouco se demorou, viajando logo a seguir para Belém do Pará, onde residiu por dois anos.

Em 1919, regressou a Fortaleza e, em 1921, matriculou-se no Colégio da Imaculada Conceição, onde fez o curso normal, diplomando-se em 1925, aos 15 anos de idade.

Estreou em 1927, com o pseudônimo de Rita de Queiroz, publicando trabalho no jornal *O Ceará*, de que se tornou afinal redatora efetiva. Em fins de 1930, publicou o romance *O Quinze*, que teve inesperada repercussão no Rio de Janeiro e em São Paulo. Com vinte anos apenas, projetava-se na vida literária do país, agitando a bandeira do romance de fundo social, profundamente realista na sua dramática exposição da luta secular de um povo contra a miséria e a seca.

Em 1932, publicou um novo romance, intitulado *João Miguel*, e em 1937, retornou com *Caminho de pedras*, ano em que Rachel de Queiroz permaneceu três meses presa, perseguida pela ditadura do Estado Novo. Como os escritores Jorge Amado, Graciliano Ramos e José Lins do Rego, teve seus livros queimados na Bahia por serem considerados subversivos (LAFETÁ, 2000). Dois anos depois, conquistou o prêmio da Sociedade Felipe de Oliveira, com o romance *As três Marias*. Em 1950, publicou em folhetins, na revista *O Cruzeiro*, o romance *O galo de ouro*.

Cronista emérita, publicou mais de duas mil crônicas, cuja seleta propiciou a edição dos seguintes livros: *A donzela e a moura torta*; *100 Crônicas escolhidas*; *O brasileiro perplexo* e *O caçador de tatu*. Tem duas peças de teatro, *Lampião*, escrita em 1953, e *A Beata Maria do Egito*, de 1958, laureada com o prêmio de teatro do Instituto Nacional do Livro. No campo da literatura infantil, escreveu o livro *O menino mágico*, a pedido de Lúcia Benedetti. O livro surgiu, entretanto, das histórias que inventava para os netos. Dentre as suas atividades, destaca-se também a de tradutora, com cerca de quarenta volumes já vertidos para o português.

Foi membro do Conselho Federal de Cultura, desde a sua fundação, em 1967, até sua extinção, em 1989. Participou da 21ª Sessão da Assembleia Geral da

ONU, em 1966, onde serviu como delegada do Brasil, trabalhando especialmente na Comissão dos Direitos do Homem.

Foi a primeira escritora a conquistar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, em 1977. Em 1988, iniciou sua colaboração semanal no jornal O Estado de S. Paulo e no Diário de Pernambuco.

### **1.3.1 Traços Estilísticos de Rachel de Queiroz**

Sua obra literária é influenciada, segundo ela mesma, pelos romances regionalistas de Antônio Salles e pela sociologia de Djacir Meneses, seus companheiros de rodas literárias em Fortaleza.

Rachel trabalha com uma imagem idealizada do homem do sertão nordestino, o mito do sertanejo, ao mesmo tempo em que fala da ação e valentia, fala de reação ao urbano, às modificações tecnológicas, fazendo da denúncia das transformações sociais, trazidas pelo capitalismo e sua ética mercantil, o ponto de partida para a utopia de uma sociedade nova que, no entanto, resgatasse a pureza, os vínculos comunitários e paternalistas da sociedade tradicional (ALBUQUERQUE, 2011).

Ainda segundo Albuquerque, o socialismo de Rachel de Queiroz se aproxima mais de uma visão paternalista de fundo cristão e exprime a revolta de uma filha de famílias tradicionais da região, que vê a vida dos seus degradada pelo avanço das relações mercantis e pelo predomínio das cidades.

Para Andrade (1939), seus personagens são subversivos à medida que contestam a ordem capitalista, mas sua visão de sociedade futura mistura-se com uma enorme saudade de um sertão onde existia “liberdade”, “pureza”, “sinceridade”, “autenticidade”.

De acordo com Monteiro (1964, p. 223-225), Rachel de Queiroz não aborda de forma panfletária os problemas sociais como alguns romancistas da geração de 30. Entretanto, ao retratar as existências, o choque de vidas, os encontros e os desencontros, aí, sim, os problemas tornam-se visíveis.

Segundo Duarte, (2005), a obra e a vida de Rachel de Queiroz constituem uma “espécie de marco ou emblema do processo de emancipação social da mulher brasileira no século XX”. Mostra, ainda, que a inovação do texto da autora dá-se

pelo ponto de vista da mulher, o que imprime nos textos um duplo desrecalque, pois neles falam tanto a classe, quanto o gênero oprimido (p.105).

Segundo Barbosa (1999), Rachel de Queiroz, como mulher consciente e sensível, comoveu-se com a condição feminina, sua natureza e conflitos, revelando em sua ficção vivências múltiplas: porém o fez através da ação, dos diálogos, da sondagem psicológica, sem afetação e o ranço de ultrapassadas teses que insistem na dicotomia: opressão masculina *versus* submissão feminina. Suas personagens vivenciam diferentes situações em diferentes épocas e lugares, ainda que haja o predomínio da região nordestina, o que possibilita ao leitor descortinar um largo panorama da situação da mulher. Percutando a vida das protagonistas, os seus papéis, as suas formas de ação, as práticas de resistência, de recusa, de transgressão, ou mesmo de sujeição, acompanha-se o trajeto da mulher em busca da realização pessoal.

É nesse sentido que Abreu (2013) chama a atenção para um traço comum a todas as protagonistas de Rachel de Queiroz: o fracasso quanto à sexualidade. Nenhuma das mulheres da ficção queiroziana se realiza plenamente no amor, nem mesmo Maria Moura. Nos romances, resolve-se a questão amorosa pelo desaparecimento da pessoa amada, que foge ou morre, deixando a personagem feminina marcada para sempre, mas conservando-se a tradição. Essas obras também carregam em si o fatalismo e a ausência de um final feliz. A busca da liberdade pelas letras ou pelas armas impõe às personagens queirozianas a solidão. A liberdade de autodeterminar-se pede o sacrifício da constituição da família e da maternidade.

Até o século XX, as escritoras estiveram praticamente ausentes dos registros das consideradas grandes historiografias brasileiras. Nos compêndios de história literária, foram, em sua maioria, colocadas à margem pelos agentes que construíram o cânone. Apesar dessa lógica, Rachel conseguiu enfrentar o cânone literário, nele fazendo ecoar um tom social e feminino em suas representações sobre a nação (BRITTO, 2007). Além disso, seu pioneirismo contribuiu para a definição de projeto criador original na medida em que construiu um lugar de fala privilegiado.

O próprio Graciliano Ramos, ao entrar em contato com os primeiros romances de Rachel de Queiroz, declarou:

O Quinze caiu de repente ali por meados de 30 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser livro de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova. Seria realmente de mulher? Não acreditei [...], ficou-me muito tempo a ideia de que ela era homem, tão forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura. Se a moça fizesse discursos e sonetos, muito bem. Mas escrever *João Miguel* e *O Quinze* não me parecia natural (RAMOS, 1962, p.62).

Em termos literários, o romance regionalista que se constituiria num dos gêneros mais populares do Brasil, teria realmente sua gênese, em conteúdo e forma, no romance de Rachel de Queiroz. Em todos os sentidos, uma obra-prima continuada mais tarde nos melhores momentos de José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado, a santíssima trindade do romance regional brasileiro (CONY, 1997, p.15)

No capítulo que segue, será apresentada a fundamentação teórica que dá suporte a esta pesquisa em linguística.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A seguir, são apresentadas as teorias que apoiam a análise de *O Quinze*, iniciando-se com a proposta de Kitis e Milapides (1997) referente à relação entre escolhas lexicogramaticais e a metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 1980; CHARTERIS-BLACK, 2004), seguida pela proposta teórico-metodológica da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Por sua vez, a LSF abrange as noções de avaliatividade (MARTIN, 2000) — uma ampliação da metafunção interpessoal dessa teoria —, que inclui a proposta de Macken-Horarik (2003) sobre as metarrelações, a linguística crítica (FOWLER, 1991), bem como a abordagem de Li (2010), para quem as ideologias sociopolíticas ou socioculturais estão entrelaçadas com a língua e o discurso. Assim também será considerada a perspectiva de Van Dijk (1985), que procura ligar o texto ao contexto, integrando a análise textual com processos de produção e de interpretação do discurso e, por fim, a noção de diatexto (MANUTI et al. (2012).

### 2.1 Escolhas lexicogramaticais e a metáfora

Kitis e Milapides (1997) afirmam que uma análise linguística criteriosa revela as condições sociais de produção e interpretação do texto. Dessa forma, embora as suposições de natureza ideológica que emergem do texto não constituam parte da estrutura formal, esses aspectos são insinuados no subtexto por meio de uma análise linguística. Vale lembrar que os discursos são socialmente constitutivos e contribuem para a construção de sistemas de conhecimento e crença (FAIRCLOUGH, 1992).

Afirma-se que a linguística crítica deve examinar a língua como discurso, i.e., como texto dentro de condições sociais de produção e interpretação, para ser independentemente identificado e examinado, já que o texto está subordinado a elas (FAIRCLOUGH, 1992; HODGE; KRESS, 1988). Kitis e Milapides (1997) mostram que através de uma análise linguística, pode-se também revelar essas condições.

Segundo Kitis e Milapides (1997), ao mesmo tempo em que prestamos atenção às estruturas lexicais e gramaticais do texto, a análise deve considerar

essas estruturas dentro de um enquadre de uma metáfora construída que não só permeia e domina todo o texto, mas também forma a espinha dorsal da sua estrutura argumentativa. O que se saliente nessa análise multinivelada é a preponderância de certas suposições de natureza ideológica, que, embora não formem parte da estrutura formal do texto, são aspectos de interpretação sub-repticiamente insinuados no subtexto do texto.

Segundo Li (2010), uma premissa básica de todas as formas de análise crítica é que o uso da língua no discurso implica significados ideológicos e que há restrições discursivas no que diz respeito ao uso da língua e aos significados implicados (VAN DIJK, 1993; FOWLER, 1996; FAIRCLOUGH, 1995).

A abordagem de análise crítica desenvolvida por Van Dijk (1985,1988) liga o texto ao contexto, integrando a análise textual com processos de produção e de interpretação do discurso. Para ele, as formas linguísticas concretas de um texto como escolhas lexicais, variações sintáticas e relações semânticas, mesmo num nível superficial, implicam significados na estrutura profunda, de onde emergem posições ideológicas expressas por certas construções passivas, ao omitir ou ao camuflar agentes da posição de sujeito ou atribuir maior poder a certos indivíduos ou grupos sociais por meio de escolhas retóricas específicas.

Portanto, a relação existente entre a noção macro da ideologia e as noções micro dos discursos e das práticas sociais instaura um liame entre o social e o individual, o macro e o micro, o social e o cognitivo. Além disso, essa abordagem revela como os membros de diferentes grupos sociais podem articular e defender discursivamente suas ideologias para servir aos interesses do seu meio. Por meio dessa concepção, compreendemos como diferentes grupos sociais são construídos e diferenciados no texto com base na língua e na ideologia, e como eles adquirem e reproduzem ideologias pelo discurso.

A abordagem de Van Dijk recorre a uma metodologia que se apoia na gramática da oração para explicar o modo como os traços da estrutura superficial do texto comunicam ideologias específicas e identidades de grupo no nível profundo.

Por meio da análise das microestruturas no nível da oração, o enquadre da LSF propicia uma análise sistemática com ênfase nos traços linguísticos dos textos do discurso, fornecendo intravisiões críticas na organização dos significados do texto.

Dessa forma, embasada no enquadre da Linguística Sistemico-Funcional

(HALLIDAY, 1994) e fundamentada na abordagem de Van Dijk, Li (2010) observa, nos níveis da oração, as propriedades textuais que motivaram os significados sociais e ideológicos envolvidos em determinadas escolhas linguísticas e retóricas. Por meio desse procedimento, ela focaliza duas dimensões da gramática da oração: transitividade e seleção lexical, que correspondem aproximadamente às funções da língua: ideacional (transitividade) e textual (coesão lexical), no enquadre da Linguística Sistêmico-Funcional.

## 2.2 Metáfora no Discurso

A concepção tradicional da metáfora – linguagem figurativa/ornamentada – deu lugar a uma nova abordagem que a concebe como um importante instrumento cognitivo para compreensão das percepções do mundo. Tal revolução foi engendrada por George Lakoff e Mark Johnson na década de 80 e, desde então, fomenta expressivas pesquisas no estudo da metáfora conceptual. Nas palavras dos autores:

A maioria das pessoas acha que pode viver perfeitamente sem metáfora. Nós descobrimos o contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza (2002, p. 45).

De acordo com Silva (2003), é pela metáfora que os domínios da experiência mais abstratos e tangíveis podem ser conceitualizados em termos do que é mais concreto e imediato. Por exemplo, na linguagem cotidiana faz-se referência a conceitos abstratos como o tempo, relações interpessoais e até mesmo a vida em termos metafóricos.

Em seus estudos, Charteris-Black (2004) afirma que a metáfora, primeiramente, camufla em geral uma função persuasiva subjacente que não é imediatamente transparente. Esse fato leva-o à sua segunda meta que é o desenvolvimento da consciência crítica da linguagem de como uma função persuasiva subjacente na escolha de certas palavras influi na interpretação feita pelos receptores do texto.

Para ajudar na tarefa de identificar um modo subjacente de pensamento que determina escolhas lexicais, Charteris-Black fez uso da abordagem semântico-cognitiva da metáfora, que se origina do trabalho de Lakoff e Johnson, *Metaphors We Live By* (e.g. LAKOFF, 1987, 1993, 1999; LAKOFF; TURNER, 1989; JOHNSON, 1987). A afirmação básica dessa abordagem é que as expressões metafóricas são sistematicamente motivadas por metáforas subjacentes (ou conceituais). A motivação aqui implica que há uma única ideia que explica uma série de expressões metafóricas. Uma metáfora conceptual toma a forma de A é B (e.g. VIDA É VIAGEM<sup>1</sup>). Isso significa que há muitas expressões ou veículos metafóricos (e.g. estar numa encruzilhada, sair do caminho) nas quais um domínio de experiência (e.g. VIDA) é sistematicamente conceituado em termos de outro (e.g. VIAGENS).

A metáfora conceptual representa uma base conceitual, ideia ou imagem que subjaz uma série de metáforas. Não significa que as metáforas possam tomar apenas essa forma (e.g. podemos falar sobre a vida em outros termos além de viagens) ou predizer formas que ocorrerão. Mas isto sugere que é mais provável que falaremos sobre a vida em termos de viagens do que, digamos, em termos de visitas ao cinema ou ao teatro. Como Lakoff (2002) mostra, tal abordagem pode ser valiosa para identificar a ideologia que subjaz aos sistemas de crenças. A metáfora capta estereótipos culturais, codificados nas escolhas de atributos por parte dos falantes e possibilita a investigação de suas atitudes e, dessa forma, cada escolha desencadeia uma rede ampla de associações prototipicamente presentes no uso do termo escolhido (LUCHJENBROERS; ALDRIDGE, 2007).

Assim, Charteris-Black (2004) afirma que a abordagem semântico-cognitiva precisa ser complementada com uma análise de fatores pragmáticos já que as metáforas são sempre usadas num contexto específico de comunicação que governa seu papel. Assim, suas características cognitivas não podem ser tratadas isoladamente da sua função persuasiva no discurso. Para compreender porque uma metáfora conceptual é preferida à outra, é necessário considerar as intenções do falante em contextos específicos: as metáforas não são requisitos do sistema semântico, mas são questões de escolha do falante. Além disso, é um instrumento que pode definir a realidade e “[...] elas assim o fazem por meio de uma rede

---

<sup>1</sup> Na literatura da linguística cognitiva costumam grafar-se as metáforas conceptuais em maiúsculas distinguindo-se das expressões metafóricas, em minúsculas.

coerente de vínculos que realçam algumas características da realidade e ocultam outras” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 55 apud SAPARAS; IKEDA, 2017, p. 10).

### 2.2.1 *Metáfora e coesão lexical*

A escolha lexical e a coesão constroem, de acordo com Li (2010), significados no discurso que transcendem os significados referenciais de cada palavra por meio da interação de itens lexicais que se relacionam semântica e pragmaticamente. Para Van Dijk (1988), a escolha lexical é "um eminente aspecto do texto em que opiniões e ideologias escondidas podem se superficializar" (p. 177). A coesão lexical não é um recurso estável que liga informações no texto; é um processo dinâmico que formata o significado no texto e contribui para a informação geral. Assim, a coesão lexical pode fornecer intravisiões importantes no processo da construção da ideologia do texto. Nesse sentido, Li (2010) propõe a relação dessa visão com a teoria da metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980), na medida em que, como um mapeamento ontológico e epistêmico por meio de domínios conceituais (da fonte para o alvo), a metáfora não é apenas uma questão de língua, mas também um conceito intimamente ligado ao pensamento e ao raciocínio, que tem consequências sociopolíticas. A análise da coesão lexical em *O Quinze* revela a ocorrência de itens lexicais relacionados colocacionalmente que constroem metáforas dominantes que, por sua vez, funcionam como temas organizacionais criando um determinado entendimento da obra.

Li (2010) mostra a construção da “Metáfora da Inundação” em sua análise de dois jornais, o americano *The New York Times* e o chinês *China Daily*, sobre o ataque da OTAN à embaixada chinesa na Iugoslávia. Os elementos em negrito são as expressões metafóricas (ou minimetáforas) (CHARTERIS-BLACK, 2004):

- 1 Protestos irados **irromperam** na cercania de escritórios do governo americano em diversas cidades.
- 2 Os protestos marcaram um extraordinário momento em uma cidade controlada em que **explosões** são normalmente proibidas.
- 3 Um grupo de 50 participantes **invadiram** as linhas da polícia.
- 4 Eles por certo não estavam preparados para essa **onda** de ódio.

- 5 A atual **explosão** de emoção nacionalista.
- 6 Um poderoso **fluxo** de sentimento antiamericano despertou após o bombardeio.

A análise dos padrões lexicais na representação do TNYT revela um uso abundante de léxico que gradual, mas consistentemente, constrói diversos temas metafóricos que permeiam o texto do jornal. Para construir a natureza perigosa e destrutiva dos protestos chineses, o jornal usa uma série de metáforas conceituais relacionadas em que os protestos chineses são descritos em termos de inundação perigosa, fogo violento, animais selvagens que a polícia luta para controlar. Como conceitos no domínio fonte associados com perigo e destruição, essas metáforas constroem e sustentam ideologias que varrem os artigos do jornal que conceitualizam os protestos chineses como destrutivos.

### 2.3 Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é uma proposta teórico-metodológica de Halliday (1985, 1994), Halliday e Matthiessen (2004) e seus colaboradores. Subjacente à LSF, existem quatro premissas maiores. O modelo estabelece:

- que o uso da língua é funcional;
- que sua função é construir significados;
- que os significados são influenciados pelo contexto social e cultural em que são intercambiados;
- que o processo de uso da língua é um processo semiótico, um processo de fazer significado por meio de escolhas (EGGINS, 2004, p. 3).

É por essas razões que a LSF é descrita como "uma abordagem semântico-funcional da língua" (EGGINS, 2004, p. 20), uma teoria que procura entender como as pessoas usam a língua em diferentes contextos sociais, para fazer sentido do mundo e de cada um.

Para classificar os tipos e significados que os atores sociais geram, a LSF concebe a língua como a expressão de três metafunções concorrentes: ideacional,

interpessoal e textual (HALLIDAY 2004 [1994], 2005; MARTIN 2000a, 2000b). Como Martin e White (2005, p. 7) explicam, "a LSF é um modelo multiperspectivo, designado a dar aos analistas lentes complementares para a interpretação da língua em uso".

Para a construção simultânea dos três significados, que entram no texto através das orações, a língua conta com um nível intermediário de codificação, a léxicogramática. Daí porque Halliday dizer que a descrição gramatical é essencial à análise textual. Por outro lado, a noção de escolha é importante para a LSF: o que é selecionado em termos da lexicogramática vale, não pelo elemento selecionado, mas, pelas possibilidades que deixaram de ser escolhidas.

### **2.3.1 Metafunção ideacional**

A metafunção ideacional, diz Halliday (1994), tem a função de representar padrões de experiência. As línguas capacitam o ser humano a construir um quadro mental da realidade, para que ele entenda o que acontece ao seu redor e no seu interior (1994, p. 106). Aqui, novamente, a oração tem um papel central, porque ela incorpora um princípio geral de modelagem da experiência — ou seja, o princípio de que a realidade é feita de processos.

Nossa impressão mais poderosa da experiência é de que ela consiste de “eventos” — acontecer, fazer, sentir, significar, ser e tornar-se. Todos esses eventos estão distinguidos na gramática da oração, continua o autor. A oração é também um modo de reflexão, de ordenação da variação infinita do fluxo de eventos. O sistema gramatical pelo qual isso é alcançado é o da transitividade. O sistema de transitividade constrói o mundo da experiência em um conjunto manipulável de tipos de processo. A análise da transitividade pode, examinando as escolhas feitas no texto referentes a estados de ser, ações, eventos e situações referentes a dada sociedade, mostrar o viés e a manipulação envolvidas nessas representações.

Halliday (1994) sugere que os processos semânticos representados na oração têm potencialmente três componentes: o próprio processo, que é expresso pelo grupo verbal da oração; os participantes envolvidos no processo, realizados pelos grupos nominais da oração; e as circunstâncias associadas ao processo, expressas por grupos adverbiais ou preposicionais.



sociais: (a) gênero (contexto cultural); e (b) registro (contexto situacional), e mais recentemente, a LSF tem abordado o contexto ideológico.

O gênero representa os processos sociais em estágios orientados para uma finalidade de uma dada cultura, tais como a narrativa, uma anedota, uma reportagem, um relato, um procedimento, etc., e, por isso, são em geral rotulados de contexto de cultura.

O registro, por outro lado, refere-se ao contexto de situação (MARTIN, 1992) e envolve três variáveis contextuais:

- CAMPO (assunto): remete à atividade que está sendo realizada pelos participantes, à natureza da ação social que está ocorrendo, com objetivo específico;
- RELAÇÕES (status dos interactantes): envolvem os participantes, a natureza dos papéis que desempenham, o grau de controle de um participante sobre o outro, a relação entre eles (hierarquia), e a distância social (mínima, média ou máxima, dependendo da frequência com que interagem);
- MODO (organização do texto): refere-se à função que a linguagem exerce e ao veículo utilizado naquela situação. Trata-se do papel da linguagem (constitutivo ou auxiliar/suplementar), do compartilhamento entre os participantes (dialógico ou monológico), do canal (gráfico ou fônico) e do meio (oral, escrito, não verbal).

Essas três variáveis contextuais de registro são, por sua vez, organizadas pelas metafunções da linguagem (HALLIDAY, 1978). Halliday identifica partes do sistema linguístico que concernem à realização de cada tipo de informação contextual. Assim, cada uma das variáveis contextuais está relacionada a uma das metafunções (ideacional, interpessoal e textual):

- O campo é expresso pela metafunção ideacional;
- A relação é expressa pela metafunção interpessoal;
- O modo é expresso pela metafunção textual.

Há também um terceiro contexto, o ideológico, que mais recentemente tem sido abordado pela LSF. A ideologia ocupa um nível superior de contexto, referindo-se a posições de poder, a vieses políticos e a suposições sobre valores, tendências

e perspectivas que os interlocutores trazem para seus textos, e tem chamado a atenção dos sistemicistas, na medida em que, em qualquer registro, em qualquer gênero, o uso da língua será sempre influenciado pela nossa posição ideológica. A análise dos aspectos ideológicos tem sido feita, dentre outros, pela Linguística Crítica (FOWLER, 1991). A seguir, passo a apresentar mais detalhadamente os processos da metafunção ideacional.

### **2.3.1.1 Processos materiais**

Processos materiais são processos de *fazer*, ou seja, envolvem ações físicas e expressam a noção de que alguma entidade fez algo que pode atingir outra entidade. Os processos materiais envolvem um ator — que realiza a ação — mesmo se não mencionado na oração (THOMPSON, 1996, p. 78); e um participante chamado de meta, o afetado pela ação do ator.

O processo material pode ser subcategorizado em níveis menores: (i) criativos se trazem uma meta à existência (e.g. Ele construiu a maquete); (ii) transformativos, se “fazem algo” a uma meta preexistente (e.g. Eu acabei de cortar o bolo).

Há grupos que se relacionam ao que é intencional ou involuntário. Com processos involuntários, o ator, às vezes, se assemelha a uma meta (e.g. Ela caiu da escada). No entanto, neste trabalho, seguiremos a orientação de Thompson: “... ainda estamos longe de um mapa definitivo das subcategorias dos processos materiais. Por muitas razões, é suficiente apenas usar o rótulo “material”. (THOMPSON, 2004, p. 91).

Outros participantes que podem ocorrer com os processos materiais são: o escopo, o receptor e o cliente (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). O escopo é uma entidade que existe de forma independente do processo, expressando a extensão de atuação do processo. Os participantes receptor e cliente ocorrem em contextos diversos e podem ser associados ao “objeto indireto” da gramática tradicional. Ambos os participantes são distinções do participante beneficiário, que Halliday, em estudos mais recentes (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), tratou de expandir. Thompson (2004: 106), mantém uma opinião contrária, a qual seguiremos nesse

trabalho: “em alguns casos, outras classificações são possíveis, contudo, muitas vezes o rótulo Beneficiário é suficiente”.

### **2.3.1.2 Processos mentais**

Os processos mentais são os processos *de sentir* (HALLIDAY, 1994, p.112) e dizem respeito ao que ocorre no mundo interno da mente (THOMPSON, 2004, p. 92). Para Halliday e Matthiessen (2004, p.197), tais processos se referem a ações que não ocorrem no mundo material, mas no fluxo de nosso pensamento (consciência), ou em sua representação.

Thompson (2004, p.94), em conformidade com Halliday e Matthiessen (2004, p. 208-210), entende que os processos mentais podem ser divididos em quatro subcategorias: processos de afeto (ou afeição), relacionados aos sentimentos (amar, detestar, etc.); processos de cognição, relacionados à decisão, raciocínio e estados de consciência (decidir, saber, entender, etc.); processos de percepção, relacionados ao uso dos sentidos e observação de fenômenos (ver, ouvir, sentir, etc.); e processos mentais de desejo (tradução de *desideration*), relacionados aos desejos e anseios (ansiar por, querer, desejar, etc.). Os participantes nesse tipo de processo são: o experienciador, aquele em cuja mente o processo se realiza; e o fenômeno, que é o elemento, fenômeno ou objeto realizado pelo processo.

Thompson (1996, p.82) argumenta que há diferenças pontuais entre os processos que ocorrem no mundo exterior e aqueles que representam o mundo interior. Para o autor (2004, p. 92), a pessoa na mente da qual o processo mental ocorre, não está “agindo” propriamente. Também, o processo não está “diretamente ligado” ao fenômeno.

Halliday e Matthiessen (2004, p.201–8) justificam gramaticalmente a categorização dos processos mentais elencando cinco propriedades:

- (a) O processo mental envolve pelo menos um participante humano; mesmo quando se trata de ente inanimado, o experienciador recebe um grau de ‘humanidade’ (e.g. *Nosso carro não gostava de tempo frio.*);

- (b) O fenômeno nos processos mentais pode ser pessoa, objeto concreto ou abstrato, bem como um fato (Ibidem, p. 115);
- (c) Importante distinção entre os processos materiais e mentais é que o processo mental pode projetar outra oração (e.g. Ele pensa [oração projetante] que não sabe de nada [oração projetada]);
- (d) Para Halliday (1994), o tempo presente mais comum para o processo material é o “continuous” (e.g. *He’s fixing the car*), já o processo mental ocorre naturalmente com o “simple present” (e.g. *They like salmon*). Para o português, entretanto, verificamos que essa distinção nem sempre ocorre, como em: “Ele está pensando na mãe”;
- (e) A reversibilidade do processo mental também é uma característica marcante. A semântica possibilita que o sujeito seja tanto o participante humano — na mente do qual ocorre o processo —, quanto o fenômeno que desencadeia o processo (e.g. Eu gostei do presente X O presente me agradou). Porém, Thompson (2004, p. 95) adverte que nem sempre as orações com processos mentais são reversíveis.

### **2.3.1.3 Processos relacionais**

Os processos relacionais são os processos de ser, estar e ter. Tais processos estabelecem uma relação entre dois conceitos e a função do processo é somente sinalizar a existência da relação, ocorrendo sempre um só participante no ‘mundo real’. Exemplos:

- (1) A garota está impaciente.
- (2) A vitória era sua meta.

Os exemplos anteriores indicam dois tipos diferentes de processo relacional: no primeiro, “a garota” está sendo qualificada como “impaciente”, enquanto no segundo, uma relação de identidade é construída entre “a vitória” e “a meta”. O

primeiro tipo de processo relacional (em 1) é chamado de processo relacional atributivo e seus dois participantes são o portador (a entidade que carrega o atributo) e o atributo.

Já o segundo tipo de processo relacional (em 2) é chamado de processo relacional identificador e sua função é identificar uma entidade em termos de outra, equivalendo a um sinal de igual (=). Devido a esta característica, não é de se estranhar que esses processos sejam reversíveis, o que não acontece com o tipo atributivo.

Outro ponto a se discutir sobre os processos relacionais diz respeito aos tipos de relacionamento que são refletidos na linguagem. É possível identificar três tipos principais de relacionamentos: intensivo, circunstancial e possessivo. (THOMPSON, 2004). Nas orações atributivas, o relacionamento intensivo é o mais comum — ocorre quando o portador tem um atributo ou qualidade direcionada a ele; como em: Nosso carro parece *fantástico* (THOMPSON, 2004, p.121). O relacionamento circunstancial tem a função de relacionar as duas entidades, ou atribuir-lhes uma circunstância de lugar, tempo, etc. (e.g. Ela estava *em Londres*). No tipo de relacionamento possessivo se estabelece uma relação de posse entre dois elementos (participantes, neste caso): o possuidor e o possuído. Por mais estranho que pareça, este relacionamento indica processo relacional, pois, segundo Thompson (2004, p. 121), alguma coisa de posse de alguém pode também ser encarado como um tipo de atributo. Isso fica claro quando a coisa possuída é parte inerente de seu possessor (e.g. Ele tem *a barba longa*).

A chave para dissociar os tipos de processos relacionais está na reversibilidade — orações identificadoras são reversíveis, enquanto as orações atributivas não. No entanto, a categoria dos processos relacionais é muito complexa e, muitas vezes em textos reais, é difícil classificá-los. Thompson (2004) afirma que a complexidade dos processos relacionais ainda *nos coloca muitos obstáculos e muito mais está por vir*.

#### **2.3.1.4 Processos verbais**

Os processos verbais são *processos de dizer* e estão na fronteira entre os materiais e os mentais: dizer uma coisa é uma ação física que reflete uma operação

mental (HALLIDAY, 1994). O processo verbal pode ser representado por verbos tipicamente materiais (e.g. Ele brigou e *esbravejou* com a mãe) ou a mensagem pode ser formulada inteiramente na mente (e.g. Por que agem assim? *pensou* Maria). Mesmo com essa dupla face, os processos verbais são facilmente reconhecidos, pois *estão relacionados à transmissão de mensagens pela linguagem* (THOMPSON, 2004, p.100). O dizente é o único participante obrigatório nos processos verbais. Ele é um participante humano ou humanizado, entretanto, outras entidades podem simbolizar esse emissor, como em sentenças do tipo: *O jornal diz* que a polícia está investigando. Outros participantes opcionais figuram com o processo verbal. São: o receptor, para quem a mensagem é endereçada; o alvo, a pessoa, objeto ou entidade que é atingida pelo processo (aquele de quem se fala); e a verbiagem que consiste num rótulo para a própria linguagem.

O que pode ocorrer com os processos verbais é expressar uma mensagem numa oração separada, o que chamamos de projeção. Mesmo havendo relação de dependência entre as orações em alguns casos, a oração projetada deve ser analisada separadamente, como no exemplo a seguir (THOMPSON, 1994, p. 98): Ele disse que não gostou do trabalho, em que “disse” é processo verbal da primeira oração (e.g. ele disse); e “gostou” é processo mental da oração projetada (e.g. que não gostou do trabalho).

### **2.3.1.5 Processos comportamentais**

Os processos comportamentais devem ser salientados mais por aspectos semânticos do que gramaticais. São os processos das atitudes fisiológicas humanas, e a principal razão da existência desta categoria é a necessidade de se diferenciar processos puramente mentais, daqueles que implicam em sinais físicos (THOMPSON, 2004), como por exemplo, em situações do tipo: Ele *viu* a garota no banheiro (processo mental) e “Ele *espionou* a garota no banheiro” (processo comportamental). Halliday e Matthiessen (2004, p. 251) também incluem nesta categoria verbos que se referem às ações físicas que refletem estados mentais: “gargalhar”, “chorar”, “soluçar”, “franzir”, etc.

O processo comportamental costuma apresentar apenas um participante: o comportante, aquele que realiza o comportamento. Porém, às vezes, ocorre o

participante opcional ‘alcance’ (comportamento) — que se assemelha à natureza do escopo do processo, das orações materiais. São exemplos: “cantar uma canção”, “dar um grande bocejo”, “dar uma risada”, “dar um pontapé” (FUZER; CABRAL, 2014, p.78).

Thompson enfatiza que os processos comportamentais servem para relembrar que as categorias da transitividade são inerentemente confusas e sobrepostas, por isso, “estamos longe de diferenciá-las facilmente” (2004, p. 104).

### **2.3.1.6 Processos existenciais**

De acordo com Thompson (2004), os processos existenciais, essencialmente, expressam a mera existência de uma entidade sem predicá-la ou relacioná-la com qualquer outra coisa. Em português brasileiro, os processos existenciais podem ocorrer tipicamente com os verbos “haver”, “existir” e “ter” (e.g. Havia gente faminta por toda parte), mas podem ocorrer com outros verbos, dependendo do contexto (e.g. *Apareceu* uma cabra ruiva, de focinho quase preto, por entre a orla de galhos secos no meio do caminho). Embora sejam processos do “ser”, diferenciam-se das orações relacionais pelo fato de se constituírem por apenas um participante: o existente. Outros detalhes sobre o Existente podem ser dados na oração, mas somente nos elementos circunstanciais.

### **2.3.1.7 Metáfora do processo**

Segundo Halliday (1994), a transitividade tem-se provado extremamente iluminadora na Linguística Crítica. Ela é a base da representação, é o modo pelo qual a oração é usada para analisar eventos e situações. A transitividade permite que analisemos o mesmo evento sob ângulos diferentes. Há, pois, várias maneiras de se representar um estado. Assim, a metáfora do processo implica a utilização de determinados processos para representar outros.

Kitis e Milapides (1996) analisaram um artigo de jornal e comentaram sobre a função persuasiva que uma metáfora de processo pode adquirir, já que, em geral, adquire. Utilizando-se desse recurso, o escritor/falante se posiciona, dá ênfase ou

enfraquece sua crítica. Veja abaixo o exemplo da narrativa de Rachel de Queiroz (p.23):

*“Enconstado ao mourão da porteira de paus corridos, o vaqueiro das Aroeiras aboiava dolorosamente, vendo o gado sair, um a um, do curral”.*

O processo “encostado” (encostar), nesse caso, não pode ser classificado como material (e.g. encostou a escada na parede). No contexto da obra, trata-se de um processo comportamental. Por sua natureza estática, representa a inércia do vaqueiro Chico Bento diante da ordem do dono da fazenda para soltar o gado. É o esvaziamento do ser que, por causa da seca, perde o emprego, a casa, e terá de “arribar” com toda família em busca de sobrevivência, e que o faz encostar-se: não por vontade própria, mas por força da inércia mental.

Fowler (1991) sugere que padrões alternativos na língua associam valores diferentes com implicações ideológicas. Portanto, a análise da transitividade pode oferecer intravisiões sobre as percepções do escritor, bem como os modos pelos quais a interpretação do leitor é orientada em determinada direção.

Segundo Fairclough (2003), a análise da transitividade oferece a interpretação sobre fatos sociais, culturais e ideológicos que podem influenciar o significado de um texto. Consequentemente, essa análise mostra a atribuição, por exemplo, da agência aos participantes, oferecendo uma ferramenta útil para mostrar a construção da realidade pela língua por meio de categorização, caracterização e da polarização no discurso.

### **2.3.1.8 Circunstâncias**

Para Thompson (1994), a função das circunstâncias é definir o contexto no qual uma proposição ocorre. Tais circunstâncias são realizadas por grupos adverbiais ou frases preposicionais (HALLIDAY, 1994, p. 149). Diferente da gramática tradicional, pela ótica da sistêmica (HALLIDAY, 1994, p. 158), as circunstâncias são vistas com maior importância, podendo introduzir um participante de forma indireta ou funcionando como um “mini-processo”.

A categoria das circunstâncias é aberta, ou seja, sua variedade é tão grande, que, apesar de haver consenso acerca de algumas delas, muitas ainda precisam ser descobertas (HALLIDAY; THOMPSON, 1994). Dentre aquelas que os pesquisadores identificam de comum acordo, nove são básicas: localização, extensão, modo (qualidade, meio e comparação), causa (razão, motivo e benefício), contingência (condição e concessão), acompanhamento, papel, produto, assunto e ângulo.

Um problema na análise dos elementos circunstanciais é que, ainda, não há meio de analisar seus efeitos: podemos apenas comentar em casos individuais, mas não podemos examinar como contribuem para o significado geral. Como tendem a ser tratados de uma forma *ad hoc*, não os abordaremos neste trabalho, mesmo porque, segundo Thompson (2004, p. 112), “é necessário admitir que essa área ainda não recebeu a atenção que merece”. A seguir inicia-se a metafunção interpessoal, que servirá de suporte também para a análise da obra *O Quinze*.

### 2.3.2 Metafunção interpessoal

A oração, além de informar (metafunção ideacional), está organizada como um evento interativo, envolvendo falante (ou escritor) e audiência. Os tipos interpessoais fundamentais de papel de fala são apenas dois, para Halliday (1994): dar e pedir informação ou bens & serviços, que se relacionam com a natureza do produto permutado: proposição para informação e proposta para bens & serviços. A metafunção interpessoal abrange os sistemas gramaticais de: *mood* (sujeito + finito) e resíduo.

Quadro 2 - Metafunção interpessoal

<i>MOOD</i>		RESÍDUO
Sujeito	Finito	
(a) João	precisa ( <u>modalidade</u> )	estudar a lição
(b) João	-va <sup>2</sup> ( <u>tempo primário</u> )	estuda- a lição

Fonte: Adaptado de Halliday (1994)

---

2 -va, sufixo do pretérito imperfeito do Indicativo.

O *mood* estabelece as relações entre papéis de falante e ouvinte, por meio de verbos modais ou adjuntos modais e também o tempo primário e a modalidade. A modalidade expressa a avaliação dos interlocutores sobre o conteúdo da mensagem, bem como do interlocutor (conforme resumo no Quadro 2). Halliday (1985, p.163-164) menciona também os epítetos atitudinais, que foram estudados por Martin (2000) com o nome de *appraisal* (traduzido por avaliatividade). O sistema da avaliatividade será abordado de forma mais detalhada na seção 2.4 da fundamentação teórica.

**Quadro 3 – Modalidade (Entre o SIM e o NÃO)**

DAR	PEDIR	Produto	MODALIDADE	
<b>Informação</b>		<b>Proposição</b> → (Informação)	<b>Modalização</b>	<u>Probabilidade</u> (epistêmica): <i>talvez</i>
e.g. São duas horas.	e.g. Quem você viu lá?			<u>Frequência</u> : <i>geralmente, sempre</i>
<b>Bens e Serviços</b>		<b>Proposta</b> → (Bens & Serviços)	<b>Modulação</b>	<u>Obrigação</u> (deôntica): <i>deve, precisa</i>
e.g. Deu-lhe flores.	e.g. Me empresta isso?			<u>Desejabilidade</u> : <i>quero</i>

Fonte: Halliday (1994)

Apresenta-se, a seguir, um exemplo de análise da metafunção interpessoal:

**Quadro 4 - Metafunção interpessoal: análise**

<u>Contudo, em minha opinião, o duque deve dar o bilhete na festa rapidamente</u>							
(a) Oração como <i>permuta</i> [Mood e Resíduo]							
Contudo	por mim	ele	deve	dar	o bilhete	na festa	Rapidamente
Adj. Conjunt. <sup>3</sup>	Adj. Modal	Sujeito	Finito <sup>4</sup>	Predicador <sup>5</sup>	Complemento	Adj. Circunst.	Adj. Modal
∅	MOOD			RESÍDUO			MOOD

Fonte: Halliday (1994)

<sup>3</sup> Os Adjuntos Conjuntivos, rigorosamente falando, não pertencem à metafunção interpessoal, segundo Halliday. [pois são textuais]. Eles estabelecem uma relação semântica com o que precede. Não confundir com Conjunção (que estabelece uma relação não somente semântica, mas também gramatical, unindo duas orações).

<sup>4</sup> Finito indica tempo primário e modalidade

<sup>5</sup> O Predicador tem 4 funções: tempo secundário (passado, presente, futuro relativos ao tempo da fala) – aspecto (parecer, tentar, esperar) – voz – processo (material, mental...)

### 2.3.3 *Metafunção textual*

Segundo Matthiessen (1995), as metafunções interpessoal e ideacional tratam de domínios de fenômenos que existem “fora” da língua — fenômenos de sistemas físicos, biológicos e sociais. Por meio da metafunção ideacional, podemos construir significados da nossa experiência oriundos de fenômenos físicos, biológicos e sociais; e por meio da metafunção interpessoal, podemos construir significados de papéis e relações sociais. A terceira metafunção, a textual, organiza os significados ideacionais e interpessoais, para que a informação possa ser compartilhada pelo falante e seu interlocutor, proporcionando os recursos para guiar a permuta dos significados no texto. Assim, as condições textuais, tais como, tematicidade, novidade, continuidade, contraste e recuperabilidade são designadas por sistemas textuais. Tema, foco informacional, elipse-substituição e referência fazem contribuições complementares, guiando os ouvintes no processo de construir sistemas instanciais a partir do texto.

Para Matthiessen, um sistema por escolhas (*instantiaf*<sup>6</sup>) é um sistema criado por escolhas no sistema léxicogramatical geral, conforme o texto se desenrola; é o produto da logogênese. À luz da expansão da logogênese dos sistemas ideacionais por escolhas, diz o autor, podemos observar que, através do Tema, a metafunção textual valoriza algum termo do sistema, como sendo o ponto atual de expansão ou crescimento.

Em que pese sua importância no contexto das metafunções, a metafunção textual não será objeto de análise no discurso narrativo de *O Quinze*.

A seguir, apresenta-se a noção de avaliatividade, que ampliou o escopo da metafunção interpessoal.

## 2.4 Além da permuta: O sistema de avaliatividade

Na LSF, o sistema interpessoal tem sido gramatical em sua base, funcionando no nível da oração, em que *mood*<sup>7</sup> e modalidade servem como pontos de partida para o desenvolvimento de modelos da função de fala, estrutura de troca,

---

<sup>6</sup> Estou traduzindo ‘instantial’ por ‘escolhas’.

<sup>7</sup> *Mood* tem sido traduzido por Modo (com inicial maiúscula. Mantemos, contudo, o termo inglês para evitar a confusão com Modo (variável de Registro) em início de sentença.

etc. (HALLIDAY 1984;). A tradição-baseada-na-gramática tem focalizado o diálogo como uma troca de bens & serviços ou informação. O que tendeu a ser omitido pelas abordagens da LSF é a semântica da avaliação — como os interlocutores estão sentindo, os julgamentos que eles fazem e a apreciação de vários fenômenos de sua experiência.

**Quadro 5 – Exemplos de avaliatividade**

<b>AFETO</b> – emoções	
RITA	Eu <u>adoro</u> esta sala. Eu <u>adoro</u> aquela janela. E você <u>gosta</u> também?
FRANK	O quê?
<b>JULGAMENTO</b> – ético (avaliando comportamento)	
FRANK	E é o seguinte, entre você, eu e as paredes, eu sou na verdade um professor <u>péssimo</u> . Na maioria das vezes, veja, nem interessa realmente – dar aulas <u>péssimas</u> está bem para a maioria dos meus alunos <u>péssimos</u> .
<b>APRECIÇÃO</b> – estética	
RITA	Sabe, a Rita Mae Brown, que escreveu <i>Rubyfruit Jungle</i> ? Você leu esse livro? Ele é <u>fantástico</u> .

Fonte: Martin (2000)

Nos exemplos do Quadro (5), é evidente que em diálogos como esses é mais que uma simples troca de bens & serviços ou de informação. Juntamente com modelos baseados-na-gramática, então, precisamos elaborar sistemas lexicalmente-orientados que tratem também desses elementos.

Martin examina o léxico avaliativo que expressa a opinião do falante (ou do escritor) sobre o parâmetro bom/mau. Ele se enquadra na tradição da LSF. O sistema de escolhas usado para descrever essa área de significado potencial é chamado *Appraisal* (doravante avaliatividade).

(1) É inaceitável que o espírito de competição degenera em mortes.

A categoria principal ou subsistema é o AFETO, que trata da expressão de emoções (felicidade, medo, etc.). Relacionado a ele há mais dois subsistemas: JULGAMENTO (tratando de avaliação moral (honestidade, generosidade, etc.) e APRECIÇÃO (tratando da avaliação estética — sutileza, beleza, etc.), além da AVALIAÇÃO SOCIAL (uma subcategoria de APRECIÇÃO, que se refere à

avaliação positiva ou negativa de produtos, atividades, processos ou fenômenos sociais). O Quadro 6 apresenta o sistema da avaliatividade.

**Quadro 6 - O sistema da avaliatividade**

<i>Avaliatividade (Appraisal)</i>	<i>ENGAJAMENTO</i>	Monoglóssico Heteroglóssico	
	<i>ATITUDE</i>	Afeto	
		Julgamento (ético)	
		Apreciação (estética)	
		Avaliação Social	
	<i>GRADUAÇÃO</i>	FORÇA	Aumenta
			Diminui
		FOCO	Aguça
			Ameniza

Fonte: Traduzido de Martin (2003)

Os sistemas de avaliatividade ligam-se por meio do conceito técnico de redundância: cada sistema “redunda com” sistemas em outra parte da lexicogramática (isto é, em termos simplificados, eles cobrem a mesma área semântica usando diferentes recursos linguísticos). Por exemplo, significados apreciativos são próximos em termos semânticos a processos mentais de afeto, como é mostrado no Quadro 7.

**Quadro 7 – Redundância**

<i>O filme era muito triste</i> Com proc. Relacional + Apreciação	<i>O filme me comoveu até as lágrimas.</i> Com processo Mental
--	---

Fonte: Martin (2000)

O autor apresenta outros exemplos de redundância, como a realização de Afeto:

(a) Afeto como qualidade

<b>adjunto adnominal</b>	<i>um menino feliz</i>	epíteto
<b>Predicativo</b>	<i>o menino estava feliz</i>	predicativo
<b>modo do processo</b>	<i>o menino brincava feliz</i>	circunstância

## (b) Afeto como processo

<b>Comportamento</b>	<i>Ela <u>sorriu</u> para ele</i>
<b>disposição mental</b>	<i>Ela <u>gostou</u> do presente</i>
<b>Relacional</b>	<i>Ela <u>ficou feliz</u> com ele</i>

## (c) Afeto como comentário

<b>adjunto modal</b>	<i>Felizmente, conseguimos descansar.</i>
----------------------	---

Esse fato levou Martin a postular uma distinção importante entre avaliatividade inscrita (explícita) e evocada (implícita), conforme quadro 8.

**QUADRO 8 – Avaliatividade inscrita e evocada**

<b>Inscrita</b> (explícito)	As crianças estavam falando <i>alto</i> .
<b>Evocada</b> (implícito) ( <i>tokens</i> 'fatuais')	As crianças conversavam enquanto ele dava aula.

Fonte: Elaborado com base em Martin (2000).

Quando a avaliação está explicitamente realizada, é fácil a análise da atitude em positiva ou negativa em relação a algum evento: (a) Felizmente/Infelizmente, o Brasil desafiou os EUA na ALCA. Mas o que fazer em casos onde a avaliação não está inscrita explicitamente, como em: (b) O Brasil desafiou os EUA na ALCA.?

Martin fala em pareamento do significado ideacional com o interpessoal presente na avaliação na linguística. Assim, surge um item complicador que é o fato de que o que conta como a avaliatividade depende do campo do discurso. Por isso, significados ideacionais que não usam léxico avaliativo podem ser usados para evocar apreciação, afeto e julgamento.

No caso da menção por Rita do livro *Rubyfruit Jungle* em “Sabe, a Rita Mae Brown, que escreveu *Rubyfruit Jungle*? Você leu esse livro? Ele é fantástico!” esse fato mostra o quanto ela é ignorante nessa área. Assim, dependendo do contexto da interlocução, a referência de *Rubyfruit Jungle*, que poderia ser entendida como mera informação (metafunçãoa ideacional), pode dar a entender, também, que o livro é pobre em termos intelectuais e por extensão avalia igualmente seu leitor (metafunção interpessoal).

Toda instituição está carregada com pareamentos (ideacional + avaliação) desse tipo, e a socialização em uma disciplina envolve tanto um alinhamento com as práticas institucionais envolvidas quanto uma afinidade com as atitudes que se espera que tenhamos em relação a essas práticas. Talvez devesse ser enfatizado que os analistas da avaliatividade deveriam declarar sua posição de leitura – já que a avaliação por evocação depende da posição institucional que se toma ao ler um texto. Assim, muitos leitores se alinhariam com Rita e não com Frank em termos de textos populares como o citado *Rubyfruit Jungle*.

A avaliatividade, a negociação e o envolvimento constituem as relações, uma das variáveis de REGISTRO (campo, relações, modo), que se refere às relações de poder e solidariedade entre os interlocutores. Martin diz que a expressão de atitude não é simplesmente uma questão de posicionamento pessoa, uma questão interpessoal, pois a razão básica de adiantar uma opinião é provocar uma resposta de solidariedade do interlocutor.

#### **2.4.1 Logogênese**

O termo "logogênese" serve para identificar a construção dinâmica do significado conforme o texto se desenvolve (HALLIDAY, 1992, 1993; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999). Thompson (1996) denomina de "ressonância" a essa harmonia de significados que é um produto de uma combinação de escolhas não identificáveis com qualquer outra escolha, se consideradas isoladamente. Segundo o autor, a ressonância ocorre no seio da metafunção ideacional, criando um "eco" discursivo.

De maneira semelhante e com referência à avaliatividade, Martin (1992, p. 553-559) e outros sistemicistas notaram que as realizações de significados interpessoais, incluindo modalidades e atitudes, tendem a ser mais "prosódicas" que as realizações mais segmentáveis e localizadas dos significados ideacionais. Para Lemke (1998), componentes redundantes, qualificadores e amplificadores ou restritivos, daquilo que é funcionalmente uma única avaliação, espalham-se através da oração ou da oração complexa ou, mesmo, de longos trechos de um texto. Ficará claro, assim, que as avaliações de proposições e propostas não são independentes, em longos textos, da avaliação de participantes, processos e circunstâncias

incluídos em proposições e propostas. Lemke (1998) chama de realização prosódica a esse significado atitudinal que se estende pelo texto e que inclui: a coesão avaliativa, a propagação sintática, a avaliação projetiva, a avaliação prospectiva e retrospectiva, e sugere que esses significados avaliativos tenham um papel importante na análise do discurso da heteroglossia social e da identidade individual e coletiva. O autor examina um corpus constituído de editoriais.

Por outro lado, devido à existência de vários tipos de nominalização em certos registros, uma proposição (p.ex., "a confirmação chocou a população") num ponto do texto pode tornar-se "condensado" (p.ex., "confirmação") como um participante em outro trecho, e, vice-versa, participantes (especialmente nomes abstratos) podem ser "expandidos" pelo leitor em proposições implícitas através da referência a algum intertexto, ou ao co-texto imediato (e.g. "João confirmou a denúncia") (LEMKE, 1990).

## 2.5 A proposta de Macken-Horarik

Na pesquisa de Macken-Horarik (2003), há dois aspectos da *axiologia textual* relevantes para o destinatário da narrativa. Primeiro, o leitor é convidado a uma posição de *empatia* — solidariedade emocional com, ou, ao menos, compreensão das motivações de um dado personagem. Segundo, espera-se que o leitor assuma uma postura de *percepção-julgamento* dos valores éticos adotados por um determinado personagem. A autora sugere que a narrativa faz ver por meio de dois tipos de subjetividade — *intersubjetividade* (a capacidade de "sentir com" um personagem) e a *supersubjetividade* (a capacidade de "supervisionar" um personagem e avaliar eticamente suas ações).

Seu estudo apoia-se na pesquisa da semântica avaliativa feita na LSF, chamada avaliatividade. Também se liga aos trabalhos dos sistemicistas Jay Lemke (1989, 1992, 1998) e Paul Thibault (1989, 1991), que enriquecem as perspectivas linguísticas do significado interpessoal. Lemke ampliou o termo *axiologia*, de Bakhtin (1979), para capturar a complexa orientação de valores de textos e práticas textuais. A avaliatividade é um enquadre localizado na LSF, que mapeia os recursos usados para avaliar a experiência social (veja MARTIN, 2000; MARTIN; WHITE, 2005; WHITE, 2003) e que se realizam por meio de estruturas gramaticais e lexicais. A

análise da avaliatividade é um modo de capturar de maneira compreensiva e sistemática os padrões avaliativos globais que ocorrem num texto, conjunto de textos ou discursos institucionais. Lemke (1998) chama de *realização prosódica* a esse significado avaliativo que se estende pelo texto.

Macken-Horarik usa a categoria de estágio para segmentar uma narrativa em sequências de eventos mais importantes, relativas a “orientação”, “complicação” ou “resolução” da narrativa. Mas a categoria de estágio não é suficiente, segundo ela, para capturar o que Bakhtin chamou de “dialogismo interno” dos textos. Para essa tarefa, precisamos de uma unidade de análise que seja intermediária entre o estágio genérico e a sentença. Nesse sentido, a noção de fase é útil. Fase é uma unidade de análise mais semântica do que formal de análise tal como o parágrafo. Ela possibilita dividir um texto de acordo com critérios especificáveis. Para os propósitos da autora, uma mudança de fase ocorre quando o texto (e daí o leitor) move-se de um domínio de experiência para outro; de fora para dentro da consciência do personagem; de uma voz para outra; e um padrão de escolhas de avaliatividade para outro.

O trabalho de Cortazzi e Jin (2000) destaca a importância de se estar atento a vários níveis e contextos de avaliação textual. O autor “fala ao” leitor por meio de ventriloquismo semiótico garantindo que, mesmo que muitas vozes possam ser ouvidas, poucas serão sancionadas.

Os leitores também são sensíveis a síndromes ou complexos de significado atitudinal e aos modos como confirmam, opõem-se ou transformam escolhas de palavras em outros locais do texto, segundo Macken-Horarik. Essas configurações de escolhas avaliativas relevantes criam ressonância (THOMPSON, 1998). Como veremos na análise da avaliatividade, as expressões de ATITUDE evocadas [implícitas] e inscritas [explícitas] entram numa espécie de dança através do texto criando um espaço semântico mais amplo que, por si, se torna avaliativo. Outros perceberam esse fenômeno em estudos de avaliação.

As fases da avaliação interna trabalham juntamente com as escolhas de avaliatividade no domínio externo. A autora modela o processo em termos de uma relação semântica entre fases que ela chama de metarrelações, com o prefixo “meta-“ indexando o significado de ordem superior dessas relações. A criação de empatia depende da combinação de fases em que uma confirma a outra, uma se opõe à outra, filtrando a experiência através da consciência da personagem. Há uma

harmonia de escolhas de avaliatividade nesses domínios experienciais que confirmam nossa impressão de seus valores (confirmação). Essas escolhas são contrastadas entre si através de domínios experiencias (oposições).

A percepção ética é o resultado de um conjunto de relações semânticas (ou metarrelações) com as que cocriam empatia. No caso de julgamento do correto ou do errado de um comportamento, vemos que as avaliações externas são cruciais. Avaliações externas estabelecem um centro alternativo de avaliação. O quadro 9 apresenta as avaliatividades envolvidas na metarrelação.

**Quadro 9 - Avaliatividade interna e avaliatividade externa**

<b>Metarrelação</b>	<b>Significado semântico</b>
Confirmação	Fase que cria equivalência com fase(s) anterior(es) por meio de escolhas de avaliatividade semelhantes.
Oposição	Fase que cria contraste com fase(s) anterior(es) por meio de escolhas de avaliatividade opostas.
Transformação	Fase que cria mudança de significado em relação a fase(s) anterior(es) por meio de mudança nas escolhas de avaliatividade.
Avaliação interna	Fase que projeta a visão interior e os sentimentos do personagem.
Avaliação externa	Fase que verbaliza a visão interna e os sentimentos do personagem.

Fonte: Macken-Horarik (2003)

Elas tendem a articular o mundo externo do “deviam” e projeta-o para o mundo interno focalizador dos “queros”, ensina a autora. Naturalmente, nem todas as avaliações externamente projetadas são globais em seu alcance; nem todos entram nas relações semânticas através do texto. Para tornar-se “meta” do significado, precisam relacionar-se e harmonizar-se com as metarrelações em algum lugar no texto.

Outra metarrelação importante para a percepção focaliza a mudança. Uma *transformação* é uma fase que indica uma mudança significativa de experiência. Isso pode ser representado como uma mudança nos valores de avaliatividade em um dos domínios externos.

A categoria como a metarrelação é importante porque possibilita interpretar a co-padronização de escolhas de avaliatividade em certas fases e construir as relações semânticas entre uma fase e outra. Assim, podemos tratar não somente de

formas explícitas de avaliação como a avaliatividade inscrita, mas também de escolhas de avaliatividade implícita através de longos trechos do texto. Podemos ver os modos pelos quais as combinações de escolhas conspiram, para criar atitudes específicas no leitor ideal conforme ele processa o texto. E podemos ver como certas configurações de metarrelações co-ocorrem em diferentes aspectos no posicionamento do leitor. Enquanto a empatia favorece a seleção de confirmações, as oposições e avaliações internas, percepção ética favorece as avaliações externas, internas e transformações.

Dessa forma, uma leitura relacional, diz Macken-Horarik (2003), não é a mesma coisa que uma leitura correta. Há um nível de 'jogo' na estratégia de resposta disponível numa leitura literária. Evidentemente, uma leitura relacional (ou sinótica) da narrativa como um todo precisa ser feita através de um processamento passo a passo do texto. Uma interpretação bem sucedida, então, depende de duas habilidades — uma de processar as palavras do texto dinamicamente e outra de construir a relação semântica de cada fase com outra. Numa perspectiva sinótica (leitura do todo, resumido), de retrovisão, os leitores reconhecerão que algumas fases confirmam, outras se opõem e ainda outras transformam o significado avaliativo de fases anteriores.

## 2.6 O diatexto e a intersubjetividade do discurso

O diatexto, de Manuti et al. (2012), propõe que a percepção vem de uma posição específica do sujeito; o social e o histórico precedem o pessoal; a comunicação produz identidade e conhecimento de modo específico — um paradigma que foi coletivamente caracterizado por Deetz (2009, p. 32) como: "*politically attentive relational constructionism*" (Construcionismo relacional politicamente atento).

Tanto o conhecimento semiótico quanto o psicológico esperam a compreensão de homens e mulheres do fato de serem *sujeito* de seu mundo, quando tentam pronunciar seu sentido no *discurso*. Recentemente, o termo "diatexto" tem sido usado nas ciências humanas e sociais não somente para se referir ao campo de aplicação linguística, mas também para enquadrar qualquer

prática humana em que se encontre um evento semiótico (SALVATORE et al. 2008 apud MANUTI et al. 2012). Em essência, o “discurso” reenquadrou a psicologia, assim como “texto” o fez com a semiótica, já que ambos são procedimentos completos para construir significados.

O desenvolvimento da análise diatextual foi fortemente influenciado por perspectivas teóricas interdisciplinares, em particular, pelo dialogismo dialético caracterizado por Bakhtin (1979, p. 87) como a “tendência natural de qualquer discurso vivo” e pelo trabalho de práticas discursivas sociais, de Fairclough (1995).

Com respeito à primeira tradição, a análise diatextual pressupõe que qualquer forma de comunicação humana é formatada como um texto, isto é, como uma rede de possibilidades e relações enunciativas organizadas como uma totalidade. A ênfase no texto vem da proposta teórica de conformidade com a hipótese de que “de algum modo, não temos uma língua, nós somos a língua” (VOLL 2004 p. 68, apud Manuti et al, 2012). A noção de “textualidade” refere-se não somente à linguagem verbal (falada ou escrita), mas a qualquer produção de significado, em qualquer substância em que ocorra.

De acordo com essa perspectiva, os enunciadores devem ser considerados tanto *intra*locutores como *inter*locutores: os *intra*locutores são indivíduos socialmente determinados que se tornam *inter*locutores por meio de textos que produzem. Na realidade, os enunciadores são permeados pelos textos na medida em que interpretam as convenções sociais agindo-significando-comunicando-afirmando. Assim fazendo, os enunciadores mostram sua identificação com os valores inerentes em dada situação. A análise diatextual tem como meta tratar desse processo de internalização tanto do contexto quanto da identidade, revelando a transição do “*intra*locutor” para “*inter*locutor”.

Assim, o diatexto organiza os elos mútuos entre texto e contexto, entre “o que é dito pelo texto” e “o que pode ser dito pelo texto por aqueles que tomam parte do diálogo”. O diatexto serve-se das três dimensões do Registro (contexto situacional): Campo, Relações e Modo — o assunto, a interação e o estilo do evento comunicativo, respectivamente (HALLIDAY; HASAN, 1989). Os eventos comunicativos modelam o significado pelo fato de serem textos e, de acordo com um dos mais importantes princípios da *gestalt* (GALLI 1999, p. 23, apud MANUTI et al. 2012), o pesquisador diatextual respeita o texto, recusando qualquer operação de corte em termos de unidades analíticas inferiores (palavra, frase, parágrafo etc.), por

supor que o significado só possa ser deduzido por meio da atitude holística. Obviamente, a análise pode focalizar segmentos do “corpus”, mas seu interesse é focalizar a contribuição do “espírito” do texto.

A abordagem diatextual tende a investigar o *universal* por meio do *particular*, seguindo marcadores específicos no texto que favorecem essa tradução de níveis diferentes de análise. O diatexto é sempre uma condição entre e dentro do discurso.

A segunda influência da análise diatextual é a tradição da análise do discurso crítica. A abordagem diatextual está de acordo com a proposta de Fairclough (1989, 1995), um enquadre tridimensional que enfatiza os elos entre os níveis do discurso. A primeira parte do seu enquadre enfoca textos ou várias formas da linguagem falada e escrita. A parte seguinte — as práticas discursivas — envolve a produção, interpretação e consumo de textos. A dimensão final do enquadre enfoca as práticas sociais, os contextos mais amplos e as instituições. Assim como o enquadre de Fairclough, a abordagem diatextual deriva da suposição de que a vida social pode ser entendida como redes interconectadas de práticas sociais de diversos tipos (economia, política, cultural, familiar etc.). O conceito de prática social está focado na oscilação entre a perspectiva da estrutura social e da perspectiva da ação e agência sociais, ambas perspectivas necessárias na pesquisa e análise social (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

Finalmente, a noção de diatexto está também ligada ao "princípio da dialogia", postulado por Bakhtin (1979) e ao "modelo gerativo da construção de significado" sumarizado no *Semiotic Square* (GREIMAS, 1979). Cada "texto-em-interação" segue sua dinâmica de significado na rede intrincada da relação que apoia a arquitetura do intersubjetivismo e que envolve o Ego versus o Outro, e o Non-Alter versus Non-Ego. A noção de intersubjetividade está profundamente arraigada no trabalho de Schultz (1974, apud Manuti, 2012), para quem todas as formas de comunicação pressupõem a existência de algum tipo de interação social que não entra no processo comunicativo e não pode ser captada por ele. Assim, esse tipo de interação precede todos os tipos de comunicação. Schultz chama-o de "relação de sintonia mútua" e o descreve como uma relação que não pode ser relacionada ao esquema conceptual, que é estabelecido pelo compartilhamento mútuo do fluxo da experiência. Esse tipo de experiência lança luz sobre o modo como a conduta de "outros" torna-se significativa para o interlocutor sintonizado com

ele, isto é, como o corpo e os movimentos de "outros" podem ser interpretados como um campo de expressões de eventos dentro de sua vida interior.

## 2.7 A Linguística Sistêmico-Funcional e o Cognitismo

Para Butler (2013), operar a linguística dentro de um único modelo conduz a uma abordagem particular e, às vezes, restrita da linguagem. Embora o entendimento aprofundado de um único modelo já seja suficientemente difícil de alcançar, faz-se necessário que os estudos sobre linguagem lancem mão de outras áreas do conhecimento, estabelecendo diálogos construtivos na compreensão dos fenômenos linguísticos. Para explicar essa integração, o autor julga que estudiosos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e da Linguística Cognitiva (LC) poderiam beneficiar-se com tal integração afastando-se, desse modo, de um modelo teórico único e particular.

A LSF é uma teoria multifuncional, sociossemiótica que concebe a língua como uma rede entrelaçada de opções, dispondo ao usuário a escolha dentre os vários elementos linguísticos apropriados às diferentes situações de uso. Por sua vez, a LC emprega nas construções linguísticas habilidades cognitivas tais como memória, percepção, atenção, categorização, além da metáfora e metonímia.

Assim, quando um falante diz que 'alguém é unha e carne com outra pessoa', ele está realizando operações mentais complexas, que projetam conhecimentos entre domínios linguísticos, cognitivos e interacionais. Dessa forma, ele relaciona o que conhece da língua à representação que tem no mundo sobre unhas. Tais saberes adquiridos na vida social e na cultura a que pertencemos, são projetados entre domínios distintos — o do corpo e o dos relacionamentos — e dessas correlações novos sentidos são construídos (CHIAVEGATTO, 2009).

Usos linguísticos dessa natureza mostram-se extremamente dinâmicos e permeáveis às experiências dos sujeitos e de suas comunidades. Para descrever a riqueza desse multifacetado fenômeno — o funcionamento das línguas nos contextos comunicativos — surgiu uma corrente de estudos linguísticos que, ao final do século XX, denominou-se Linguística Cognitiva.

A abordagem cognitiva surgiu, nos anos 1970, como uma reação à abordagem predominantemente formalista, essencialmente chomskyana. De acordo com a abordagem da LC, Evans, Bergen e Zinken (2007, p. 2), enfatizam que a relação próxima entre o desenvolvimento dela e o trabalho em outras ciências cognitivas, particularmente a psicologia cognitiva, está sendo especialmente evidente no trabalho de categorização humana. Quando o movimento ganhou projeção a partir dos anos 1980 em diante, surgiram a Gramática Cognitiva de Langacker (1987) e o trabalho de Lakoff e seus colegas sobre a difusão da metáfora na linguagem do dia a dia (LAKOFF; JOHNSON, 1980); e, sobre categorização e modelos cognitivos idealizados (LAKOFF, 1987).

As abordagens orientadas cognitivamente são baseadas no uso, na medida em que enfatizam a importância do uso no tratamento das propriedades do sistema linguístico e como ele é determinado. De acordo com tais abordagens, a gramática do falante é construída a partir de uma gama de eventos de uso aos quais o falante é exposto e dos quais participa.

Dessa forma, a fim de complementar o arcabouço teórico desta tese, faz-se necessário um olhar múltiplo, articulando-se a teoria da LSF (HALLIDAY, 1994) e da LC, via análise da metáfora conceptual (LAKOFF e JOHNSON, 1980), e, a partir desse processo, fazer emergir novos significados imbricados na linguagem da obra de Rachel de Queiroz.

## **2.8 Linguística Crítica**

A análise do discurso crítica (ADC) apresenta uma continuidade aos estudos da Linguística Crítica (FOWLER, 1996) que se consolidou como uma linguística instrumental seguindo a linha proposta por Halliday. Tal proposição busca desvelar a ideologia codificada implicitamente nos textos aparentemente neutros e examiná-los em determinados contextos sociais. Dessa forma, desvenda novos significados e evidencia diferentes representações. Nesse sentido examina a microestrutura (com apoio da LSF) para alcançar a macroestrutura discursiva (ideologia).

O termo ADC foi apresentado por Norman Fairclough (1985), no periódico *Journal of Pragmatics*. No entanto, essa teoria começou a se constituir como uma ciência crítica sobre a linguagem em 1989, com a publicação de *Language and*

*Power*. Tal obra visava a contribuir na conscientização sobre os efeitos sociais de textos e para mudanças sociais que superassem relações de poder, parcialmente mantidas pelo discurso. Fairclough (1989) chega a um conceito tridimensional de discurso. Nesse sentido, qualquer evento discursivo é considerado um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social.

Para Fairclough, a eficácia de um método de análise do discurso reside em algumas propriedades fundamentais: a) é necessário que seja uma análise multidimensional, ou seja, a dimensão do texto cuida da análise linguística de textos, a dimensão da prática discursiva especifica a natureza dos processos de produção e interpretação textual e a dimensão de prática social cuida das questões de interesse na análise social, bem como as circunstâncias que moldam a natureza da prática discursiva; b) é necessário um método de análise multifuncional, que é o caso da teoria sistêmica da linguagem (HALLIDAY, 1978); c) é necessário um método de análise histórica, em que se focalizem os processos articulatórios na construção de textos; d) e, finalmente, há a necessidade de um método crítico, não só mostrando conexões e causas que estão ocultas, mas também implicando em intervenção e mudança.

Devido ao seu caráter multifuncional, a LSF é um suporte para os analistas críticos, uma vez que, para Halliday e seus colaboradores, os textos simultaneamente representam realidade, ordenam as relações sociais e estabelecem identidades.

Por seu lado, Fowler afirma que, embora todos reconheçam a importância da língua no processo de construção do discurso, o que se observa é que, na prática, a língua tem recebido um tratamento relativamente pequeno. Por isso, Fowler procura dar à língua a devida importância, não somente como um instrumento de análise, mas também como um modo de expressar uma teoria geral da representação. Para o autor, a Linguística Crítica deve ser compreendida em sua capacidade de equipar leitores para fazer leituras desmistificadoras de textos ideologicamente marcados (FOWLER, 2004).

O ponto teórico principal na análise de Fowler é de que *qualquer* aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica — seleção lexical, opção sintática, etc. — todos têm sua razão de ser. Há sempre modos diferentes de dizer a mesma coisa, e esses modos não são alternativas acidentais. Diferenças em expressão trazem distinções ideológicas (e assim diferenças de representação).

Portanto, para Fowler, na medida em que há, sempre, valores implicados no uso da língua, deve ser justificável praticar um tipo de linguística direcionada para a compreensão de tais valores. Esse é o ramo que se tornou conhecido como Linguística Crítica.

A análise crítica está interessada no questionamento das relações entre signo, significado e o contexto sócio-histórico, que governam a estrutura semiótica do discurso, usando um tipo de análise linguística. Ela procura, estudando detalhes da estrutura linguística à luz da situação social e histórica de um texto, trazer para o nível da consciência os padrões de crenças e valores que estão codificados na língua — e que estão subjacentes ao texto, para quem aceita o discurso como 'natural'.

Segue o quadro 10, com a relação de teorias que apoiarão o cunho crítico de que se revestem as análises em *O Quinze*.

**Quadro 10 – As teorias**

Metáfora no discurso Escolhas lexicogramaticais e a metáfora Metáfora e coesão lexical	
Linguística Sistemico-Funcional	
Metafunção Ideacional	Metafunção Interpessoal
Transitividade: Processos Participantes Circunstância	Avaliatividade Modalidade
A proposta de Macken-Horarik Leitura relacional Metarrelações	
LSF e o cognitivismo	
O diatexto e a intersubjetividade	
Linguística Crítica e Análise do discurso crítica	

Fonte: Montefusco (2020)

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como base o estudo da gramática-da-oração para verificar como as escolhas lexicogramaticais da estrutura superficial do texto revelam suposições de natureza ideológica na macroestrutura do discurso, segundo o enquadre da Linguística Sistêmico-Funcional, de Halliday (1994). Ademais, segundo Eggins (2004), a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) explica o modo como os significados são construídos nas interações linguísticas do dia-a-dia. Por isso, requer a análise de produtos autênticos das interações sociais (textos orais ou escritos), levando em conta o contexto cultural e social em que ocorrem a fim de entender a qualidade dos textos: por que um texto significa o que significa, e por que ele é avaliado como o é.

Assim, como instrumento sociossemiótico, a linguagem depende tanto dos propósitos comunicativos como do contexto.

É oportuno lembrar também que as escolhas linguísticas do autor projetam o contexto para dentro do texto (MARTIN; ROSE, 2003). E para Fowler (1996) *qualquer* aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica — seleção lexical, opção sintática, etc. — todos têm sua razão de ser. Portanto, a análise pela LSF busca a concretude no discurso, pois, segundo Halliday (1994, p. 17), “uma análise do discurso que não é pautada na gramática não pode ser levada a sério, pois não passa de um comentário.”

A seguir, apresento os dados em que incide a análise, bem como os procedimentos adotados.

#### 3.1 Dados

O romance *O Quinze* foi publicado em 1930, época em que — segundo a historiografia literária — inicia-se a segunda fase do Modernismo brasileiro, também conhecida como “a era do romance brasileiro” (COUTINHO, 1997). Nessa esteira, as obras de ficção desse período — chamadas de regionalistas ou neorrealistas — pretendiam caracterizar a vida sacrificada e desumana do sertanejo e compreender a estrutura socioeconômica que alimentava a política do coronelismo nordestino.

Em *O Quinze*, Rachel apresenta o drama pessoal e coletivo vivido pelos cearenses com a seca de 1915. Ela aparece como uma fatalidade que desorganiza toda a rotina da sociedade sertaneja, que leva ao dilaceramento das relações tradicionais de produção e de poder, bem como dos códigos sociais e morais (ALBUQUERQUE, 2011).

De acordo com Travassos (2011), o longo período de estiagem no Ceará desde o ano de 1913 fazia com que a chegada dos retirantes à capital cearense afetasse e alterasse o cotidiano dos habitantes locais. Os espaços urbanos, como ruas e praças, tornavam-se moradias para esses desabrigados. A cidade que, para alguns, deveria ser distinta da imagem de pobreza trazida pelos retirantes, transforma-se, segundo jornalistas, em caos e desordem. O centro, a cada dia, recebia novos retirantes, que vinham em busca de auxílios e das frentes de trabalhos. Alguns proprietários de terras, políticos, membros ilustres da sociedade, jornalistas e médicos traziam debates sobre a seca, em sua maioria, como fenômeno natural e que precisava ver essa multidão de famintos contida.

Sentindo-se incomodados, os representantes da elite local exigiam do poder público uma providência que pudesse conter a multidão de flagelados que chegavam todos os dias a Fortaleza.

Foram nessas circunstâncias que, em 1915, criou-se o Campo de Concentração do Alagadiço, nos arredores da capital cearense, cenário do livro *O Quinze*, de Rachel de Queiroz (1930). Ele chegou a juntar oito mil esfarrapados, que recebiam alguma comida e permaneciam vigiados por soldados.

O objetivo do campo de concentração era evitar que os retirantes alcançassem Fortaleza, trazendo “o caos, a miséria, a moléstia e a sujeira”, como informavam os boletins do poder público à época (TRAVASSOS, 2011).

No contexto de 1915, o Campo de Concentração do Alagadiço deixava muito a desejar quanto aos cuidados no tocante à higiene dos flagelados que ali permaneceram.

O farmacêutico e escritor Rodolfo Teófilo (1980), assim descreveu sua primeira visita ao campo de concentração dizendo estar diante de em breve um “Campo Santo”:

Em um quadrilátero de quinhentos metros de face estavam encurralados cerca de sete mil retirantes. Percorri todos os departamentos daquele depósito de seres humanos. Abrigavam-se à sombra de velhos cajueiros. Via-se aqui e ali, uma ou outra barraquinha coberta de esteira ou de estopa, mas tão miserável era a cobertura que não impedia que a atravessassem os

raios de sol. A cozinha era também ao tempo. Em algumas dúzias de latas, que haviam sido de querosene, ferviam em trepes de pedra grandes nacos de carne de boi, misturados a maxixes, quiabos e tomates. Achei esquisitas as verduras e mais ainda os tomates. Pendia de um galho de cajueiro um quarto de boi. Pude então avaliar a péssima qualidade da carne, só digna de urubus. Informaram-me que aquela era boa, comparada a outras que mandara o fornecedor. Disse-me pessoa idônea que as reses que morriam de magras ou do mal, eram mandadas para o “Campo de Concentração” (TEÓFILO, 1980, p. 68).

Localizado a oeste da cidade, por meio do governo provincial de Benjamim Liberato Barroso (militar e engenheiro), o lugar fora estrategicamente escolhido de modo a deixar os retirantes concentrados mais distante dos bairros de famílias mais abastadas da cidade. Desse modo, o processo era o de segregar a pobreza e as doenças a este espaço.

Dois aspectos na obra de Rachel de Queiroz merecem atenção: a estrutura e a linguagem (MONTEIRO, 1964). De forma bastante contundente, o romance revela o problema da seca, que, além de ser climático e geográfico, é, sobretudo, social. As periódicas secas no Nordeste servem para desnudar a injusta realidade social na qual reside a causa fundamental da pobreza na região. No romance de Rachel de Queiroz, a questão é abordada a partir da apresentação do efeito da seca sobre os sertanejos. Temos aí a peregrinação trágica e penosa do vaqueiro Chico Bento com sua mulher e seus cinco filhos. Ele é forçado a abandonar a fazenda onde trabalhara. Junta algum dinheiro e — na impossibilidade de viajar de trem para Fortaleza, pois as passagens lhe foram negadas —, compra mantimentos e uma burra para atravessar o sertão a pé. No percurso, em momento de grande fome, Josias, o filho mais novo, come mandioca crua, envenenando-se. Agonizou até a morte.

É oportuno lembrar aqui que, no discurso narrativo de *O Quinze*, a memória desempenha importante papel na criação de Rachel de Queiroz, que, a partir da expressividade da linguagem, transfigura espaços geo-históricos, dando-lhes novos significados (BARBOSA, 1999).

A vida da família do retirante é vista sem horizontes, sem grandes ambições e explorada por outros homens, marcando, dessa forma, um futuro incerto. Com isso, os personagens estão inseridos num contexto sócio-político que resulta sempre no drama e na miséria humana.

Há também, de forma paralela no enredo, a abordagem das experiências da protagonista Conceição, cuja intenção é definir sua identidade numa sociedade

patriarcal. Ela se desvela filantropicamente a favor dos retirantes, trabalhando como voluntária no Campo de Concentração do Alagadiço e adotando até uma criança, mas não alcança um sentido político para entender os horrores do Nordeste. Entretanto, a questão individual, ou seja, a dificuldade de comunicação afetiva entre a personagem Conceição e seu primo Vicente, não será analisada nesse trabalho.

O enredo apresenta uma prosa enxuta e viva que se tornou característica estimável da cronista Rachel de Queiroz. Segundo Bosi (2013), os períodos são, em geral, menos “literários”, breves, colados à transcrição dos fatos e dos acontecimentos. E o diálogo é corrente, lembrando às vezes a novelística popular.

Como Rachel é uma escritora que vem do povo, ela usa a verdadeira expressão popular na sua narrativa: “*Tô tum fome! Dá tumê! Mãe, dá tumê!*” Trata-se de uma expressão natural, direta, coloquial, bem ao gosto da proposta dos romancistas da geração de 30, que era de explorar e trazer para a literatura a língua falada cotidianamente pelo povo, uma linguagem genuinamente brasileira, direta e sintética, com o objetivo de alcançar maior proximidade com o público (CATTAPAN, 2012).

O romance *O Quinze*, em que será feita a análise foi publicado pela Editora José Olympio, em 2015, São Paulo. A preferência pelas edições da José Olympio deve-se ao fato de ter sido a principal marca editorial do país na primeira metade do século 20, lançando todo romance modernista produzido no Nordeste e contando ainda hoje com obras de Ariano Suassuna, Ferreira Gullar e Rachel de Queiroz no seu catálogo.

A seleção dos capítulos ocorreu a partir de um critério que visava manter a linearidade da narrativa, já que os capítulos são descontínuos ao retratar histórias paralelas. O enredo é construído a partir de dois planos distintos. O primeiro em que se desenvolve a história de Conceição, personagem que, opondo-se a toda tradição do patriarcado, define sua identidade com autonomia e liberdade numa sociedade liderada pelos coronéis. A história pessoal da personagem Conceição, porém, não será objeto de estudo nesta tese. O segundo plano trata da trajetória do vaqueiro Chico Bento e sua família, fugindo dos horrores da seca. Como esta pesquisa tem foco na questão social, tratando dos efeitos da seca sobre o sertanejo, com ênfase na história de Chico Bento e sua família, os capítulos objeto de análise obedecem a uma progressão dos eventos a partir do momento em que se instaura o período de

estiagem prolongada, atingindo os fazendeiros e, conseqüentemente, seus empregados.

Dessa forma, os capítulos marcam, num movimento crescente, o fechamento da fazenda em que Chico Bento trabalha, com a partida do gado, a partida da família, a peregrinação pela estrada, a morte do filho do casal, o desaparecimento de outro filho do casal que se junta a um grupo de retirantes e se perde, chegada ao Campo de Concentração em Fortaleza e, finalmente, a intervenção de Conceição que adota o filho do casal e consegue as passagens para Chico Bento e a família tentar a vida em São Paulo.

Segue o quadro com a indicação dos capítulos objeto de análise:

**Quadro 11 — Capítulos objeto de análise**

Capítulos	Resumo	Metáforas da despedida
Capítulo 3	Com a estiagem prolongada, o pasto rareia. O administrador da fazenda das Aroeiras pede para soltar o gado e Chico Bento perde o emprego.	Fechamento da Fazenda das Aroeiras. “Adeus ao gado”
Capítulo 5	Chico Bento vende o que tem e se prepara para a mudança. Tenta conseguir ajuda do governo para a viagem à Fortaleza, mas as passagens de trem lhe são negadas. O vaqueiro e sua família têm de fazer a viagem a pé.	Preparativos para a viagem. “Adeus à casa” “Adeus ao emprego”
Capítulo 12	Início da peregrinação da família. O filho do casal, Josias, morre envenenado ao comer uma raiz de mandioca crua, a manipeba.	Viagem a pé até Fortaleza. “Adeus ao filho Josias” “Adeus à dignidade”
Capítulo 19	Já em Fortaleza Chico Bento e sua família são instalados no Campo de Concentração do Alagadiço. Recebem a ajuda de Conceição, que adota o filho caçula do casal, o Duquinha, e consegue passagens de navio para a família partir para São Paulo, em busca de uma vida melhor.	Partida para São Paulo. “Adeus ao filho Duquinha” “Adeus ao Ceará”

Fonte: Montefusco, 2020.

### 3.2 Procedimentos de Análise

Para responder às perguntas de pesquisa: (a) Como é feita a relação entre língua e literatura pela LSF em *O Quinze*? (b) Qual é o papel da metáfora na crítica social na obra? (c) Qual é o papel da transitividade e da avaliatividade no processo persuasão no discurso? Adota-se a seguinte orientação:

- (a) Apresentação de um capítulo, na íntegra, para garantir a questão do contexto situacional em que se encontram os trechos que serão analisados, cuja seleção será feita de acordo com critérios específicos para cada caso.
- (b) Exame do contexto situacional — registro — por meio de suas variáveis: campo (assunto), relações (interactantes) e modo (linguagem que organiza os significados ideacionais e interpessoais) com vistas a diminuir a subjetividade da análise (GOATLY, 1997).
- (c) Cada trecho selecionado será examinado por meio da análise das metafunções — ideacional (transitividade) e interpessoal —, com enfoque na avaliatividade (da metafunção interpessoal). Os trechos não selecionados para análise, permanecem em tipo 10 para servirem de contexto, como determina a LSF.
- (d) Quanto às perguntas de pesquisa, adotar-se-á o seguinte apoio teórico: *I* - a metafunção ideacional (transitividade), que tem como ponto de partida a análise da oração — elemento que incorpora um princípio geral de modelagem da experiência —, considerando os processos que auxiliam na construção da experiência do mundo dos retirantes em geral e da família de Chico Bento na penosa peregrinação até Fortaleza; *II* - a metafunção interpessoal/ avaliatividade, uma vez que tais abordagens auxiliam no desvelamento dos papéis sociais estabelecidos por meio da interação e, dessa forma, possibilitam uma avaliação das atitudes do personagem/autor (eu lírico), bem como o efeito da seca na vida do sertanejo; *III* - um levantamento das expressões metafóricas que possibilitarão, com o apoio da

coesão lexical, uma criteriosa seleção das ocorrências lexicais que constroem a metáfora dominante na obra, bem como os valores implicados na macroestrutura discursiva. Cabe salientar que a estrutura para análise da metáfora será guiada segundo modelo proposto por Macken-Horarik (2003).

Para essas análises, procede-se à seguinte orientação:

- (i) cada linha do texto é colocada em um quadro, dividido em várias linhas. Abaixo da primeira linha do texto, será feita a análise da Transitividade;
- (ii) na segunda linha, serão feitas a análise da Modalidade e da avaliatividade.

Para facilitar o acompanhamento da análise, siga a seguinte codificação:

- CAIXA ALTA – indicação do Processo
- CAIXA ALTA ITÁLICO – expressões metafóricas.
- Sublinhado – Participantes e Circunstâncias
- **Negrito** – análise da avaliatividade e da Modalidade
- (+) ou (-) se a avaliatividade for positiva ou negativa, respectivamente.
- (↑) ou (↓) se a avaliatividade for intensificada ou diminuída

### 3.2.1 Exemplo da análise

Os trechos serão analisados por meio da metafunção ideacional e da avaliatividade em quadros como mostra o exemplo 12, abaixo, e posteriormente serão examinados sob o ponto de vista crítico das metarrelações, diatexto, intersubjetividade e, finalmente, no encontro dessas vertentes, a metáfora.

Apresenta-se, a seguir, um exemplo de como será feita a análise nos termos da LSF, no trecho a seguir:

“Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai.

Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para cair depois no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz”.

Quadro 12 – Modelo de análise

<i>LÁ SE TINHA FICADO</i> Circunstância	Existencial	<u>O JOSIAS,</u> Existente	<b>na sua cova à beira da estrada,</b> Circunstância		
Apreciação (-)					
<hr/>					
<b>com uma cruz de dois paus amarrados</b> Circunstância		FEITA pelo <u>pai.</u> Material	<b>FICOU</b> Ator	<b>EM PAZ.</b> Relacional	Atributo
Apreciação (-)					
<hr/>					
Não <b>tinha</b> mais que <b>CHORAR</b> Comportamental		<b>de fome,</b> Circunstância	<b>estrada afora.</b> Circunstância		
Mod. Obrigação		Afetol (-)	Afeto (-)		
<hr/>					
<b>NÃO TINHA MAIS</b> Relacional		<b><u>ALGUNS ANOS DE MISÉRIA</u></b> Atributo	<b>À FRENTE DA VIDA,</b> Circunstância		
		Av. Social (-)	Av. Social (-)		

**Discussão:** Quanto à transitividade, o processo “ficar” em “*Lá se tinha ficado o Josias*” deve ser entendido como Existencial, que, na verdade, aponta paradoxalmente à negação da existência do garoto com a morte prematura. As expressões circunstanciais já no início do período — “*na sua cova, à beira da estrada*”, “*com uma cruz de dois paus amarrados*” — revelam como eram comuns as mortes à beira da estrada, na penosa caminhada dos retirantes, devido às constantes migrações. Essa crítica é reforçada nos períodos seguintes em que fica evidente a natureza cíclica desse problema que está longe de ser apenas natural, mas principalmente social.

Pelo que se depreende da microestrutura, por meio das expressões de avaliatividade explícita, o pequeno Josias não teria mais “*alguns anos de miséria*”, “*à frente da vida*”, para cair “*no mesmo buraco*”, “*à sombra da mesma cruz*”. Embora o trecho soe determinista em relação ao destino dos filhos dos retirantes, Rachel de Queiroz, ainda que de forma implícita, está levantando, por meio de escolhas lexicais, o problema da desigualdade social.

Faz-se necessário observar também, nessa fase do texto, que vários termos que compõem expressões de avaliatividade explícita — afeto, apreciação, julgamento — despertam no leitor uma percepção-julgamento dos valores que motivam o comportamento dos personagens. Assim, relacionando à proposta de Macken-Horarik (2003), Rachel de Queiroz, por meio da intersubjetividade, convida o leitor a sentir com seus personagens, avaliando eticamente seu comportamento.

Finalmente, as expressões “Lá se tinha ficado o Josias”, “minguando” e “ficou em paz” expandem a metáfora do adeus que Rachel de Queiroz vai construindo ao longo de toda a narrativa. O casal Chico Bento e Cordulina despedem-se do pequeno Josias que, ironicamente, morre tentando matar a fome. Seca é também o adeus ao filho.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentam-se as análises dos trechos selecionados dos capítulos 3, 5, 12 e 19 do romance *O Quinze*, permanecendo transcritos os trechos não analisados a título de cotexto.

### 4.1 Transcrição e seleção de trechos do capítulo 3

A transcrição do capítulo 3 apresenta, sublinhadas, as partes que serão analisadas, mantendo-se as demais para lhes servir de cotexto.

#### Capítulo 3

Encostado ao mourão da porteira de paus corridos, o vaqueiro das Aroeiras aboiava dolorosamente, vendo o gado sair, um a um, do curral.

A junta de bois mansos passou devagarinho.

O velho touro da fazenda saiu, arrogante. Garrotes magros, de grandes barrigas, empurravam as vacas de cria, atropelando-se. Até que a derradeira rês, a Flor do Pasto, fechando a marcha, também transpôs a porteira e passou junto de Chico Bento que lhe afagou com a mão a velha anca rosilha, num gesto de carinho e despedida.

Da janela da cozinha, as mulheres assistiam à cena. Choravam silenciosamente, enxugando os olhos vermelhos na beira dos casacos ou no rebordo das mangas.

Saída a última rês, Chico Bento bateu os paus na porteira e foi caminhando devagar, atrás do lento caminhar do gado, que marchava à toa, parando às vezes, e pondo no pasto seco os olhos tristes, como numa agudeza de desesperança.

Algumas reses, sem ir mais longe, começavam a babujar a poeira do panasco que ainda palhetava o chão nas clareiras da caatinga.

Outras, mais tenazes, seguiam cabisbaixas, na mesma marcha pensativa, a cauda abanando lentamente as ancas descarnadas.

Chico Bento parou. Alongou os olhos pelo horizonte cinzento. o pasto, as várzeas, a caatinga, o marmeleiral esquelético, era tudo de um cinzento de borralho.

O próprio leite das lagoas vidrara-se em torrões de lama ressequida, cortada aqui e além por alguma pacavira defunta que retorcia as folhas empapeladas.

Depois olhou um garrotinho magro que, bem pertinho, mastigava sem ânimo uma vergôntea estorricada.

E ao dar as costas, rumo à casa, de cabeça curvada como sob o peso do chapéu de couro, sentindo nos olhos secos pela poeira e pelo sol uma frescura desacostumada e um penoso arquejar no peito largo, murmurou desoladamente:

Ó sorte, meu Deus! Comer cinza até cair morto de fome!

A velha casa de taipa negrejava ao sol o telhado de jirau. Na latada, coberta de folhas secas, o cachorro cochilava ao calor do mormaço.

Chico Bento entrou, no mesmo passo lento, a modo que curvado sob a cruz de remendos que ressaltava vivamente, como um agouro, nas costas desbotadas da velha blusa de mescla.

Foi direito a um caritó, ao canto da sala da frente, e tirou de sob uma lamparina, cuja luz enegrecera a parede com uma projeção comprida de fumaça, uma carta dobrada. E como quem vai reler uma sentença que executou, para se livrar da responsabilidade e do remorso, ele penosamente mais uma vez decifrou a letra do administrador, sobrinho de Dona Maroca:

*“Minha tia resolveu que não chovendo até o dia de São José, você abra as porteiras e solte o gado. É melhor sofrer logo o prejuízo do que andar gastando o dinheiro à toa em rama e caroço, pra não ter resultado. Você pode tomar um rumo ou, se quiser, fique nas Aroeiras, mas sem serviço da fazenda. Sem mais, do compadre amigo...”*

Longamente ficou o vaqueiro olhando aquelas letras que exprimiam tanta desgraça.

Depois dobrou o papel, tornou a pô-lo no lugar, puxando o braço vivamente como se se libertasse, livrando-se do temor supersticioso que lhe travava as mãos, porque uma carta daquelas lhe parecia coisa amaldiçoada.

Lá fora, um menino fazia o cachorro ganir, cutucando-o com uma varinha.

E gritava entre risadas:

— Diabo ruim! Pisca! Limpa-Trilho! Pisca!

O cachorro pulou. E menino e cão saíram correndo pelo terreiro varrido, levantando redemoinhos de poeira. Chico Bento, deixando que explodisse na brutalidade do berro a opressão que o angustiava desde manhãzinha, assomou à janela, congestionado, a mão enfurecida cortando o ar:

— Limpa-Trilho! Josias! Pra dentro, seus sem-vergonha!

#### **4.1.1 Análise da transitividade e da avaliatividade do capítulo 3**

Para a LSF, é imprescindível a consideração da interrelação entre língua e contexto. Os contextos que afetam a língua, para os systemicistas, são sociais: (a) gênero (contexto cultural); (b) registro (contexto situacional). Mais recentemente, a LSF tem abordado o contexto ideológico. O registro refere-se ao contexto de situação (MARTIN, 1992), e é organizado por três variáveis contextuais, Campo (assunto), Relações (status dos interactantes) e Modo (organização do texto).

Apresenta-se, a seguir o contexto situacional — registro — que examina Campo, Relações e Modo, a fim de possibilitar uma visão menos subjetiva da análise (GOATLY, 1997).

**Campo:** Por conta da seca e conseqüentemente da falta de pasto, alguns fazendeiros decidem ir para a cidade e fechar a fazenda. É o que acontece na fazenda de Dona Maroca, em Quixadá, onde Chico Bento trabalhava e morava com sua família. O caboclo, então, recebe ordem do administrador da fazenda para abandonar o gado e, assim, deixá-lo morrer de fome. Ele não tem alternativa. Abre a porteira do curral.

**Relação:** Chico Bento é vaqueiro e trabalha na fazenda de Dona Maroca, juntamente com Cordulina, sua esposa e seus filhos. Trata-se de uma relação de emprego. O administrador da fazenda é sobrinho de dona Maroca. Por seu um funcionário, Chico Bento apenas executa ordens, sem discutir. Distância social máxima entre o vaqueiro e os donos da fazenda.

**Modo:** Verbal escrito (capítulo de romance). Texto narrativo em terceira pessoa. Constitui-se o enredo de uma prosa enxuta e viva, permeados da transcrição dos atos e dos acontecimentos. Os períodos são, em geral, breves, tais como são a fala do sertanejo. O diálogo é corrente, lembrando às vezes a novelística popular.

#### 4.1.2 Análise da transitividade e da avaliatividade do capítulo 3

##### METÁFORA DA DESPEDIDA

<u>ENCOSTADO</u> Comportamental	<u>ao mourão da porteira de</u> Circunstância	<u>paus corridos,</u> Circunstância	<u>o vaqueiro</u> Dizente
Apreciação (-) token			
<u>das Aroeiras</u>	<u>ABOIAVA</u> Verbal	<u>dolorosamente,</u> Circunstância	<u>VENDO</u> Mental
		Afeto (-)	<u>O GADO*</u> Fenômeno/Ator
NOTA: “gado” é Fenômeno de “ver” e Ator de “sair”.			
<u>SAIR</u> Material	<u>um a um,</u> Circunstância	<u>DO CURRAL.</u> Circunstância	<u>A junta de bois</u> Ator
			<u>mansos</u> Julgamento (+)
<u>PASSOU</u> Material	<u>devagarinho.</u> Circunstância		
	Afeto (-) token		

**Discussão:** As escolhas lexicais deste trecho são, na sua maioria, expressões de circunstância, que compõem de forma gradativa o cenário de desmonte da fazenda com a partida do gado. Em relação ao personagem Chico Bento, os processos que marcam sua presença são sempre de natureza estática — “encostar”, “ver” — impotente diante da desintegração do lugar, partida dos animais, aniquilamento. Os únicos processos materiais que dão movimento à cena são “sair” e “passar”, cujos atores são os animais.

Ainda assim, tais processos são modificados pelo termo “devagarinho”, que constitui uma expressão de avaliatividade negativa no contexto, ou seja, um

*token*, denotando a dificuldade, até dos animais, em partir para o abandono, para a fome e para a morte — elementos recuperados contextualmente pelo leitor. Além disso, é possível perceber a resignação de Chico Bento em ver o “doloroso” fim de tudo, ao que se acrescenta o processo verbal “aboiar”— canto monótono e triste utilizado para dirigir o gado. Assim, por meio das escolhas de avaliatividade, é possível sentir a tristeza do próprio vaqueiro diante do fato de ser obrigado a soltar o gado e abandonar a fazenda. A representação da realidade complementa a avaliação de afeto “dolorosamente”, ao compor uma cena inferida pelo leitor inserido nesse *frame* como um cena triste.

Expressões como: “encostado”, “vendo o gado sair do curral”, “passou devagarinho”, são escolhas lexicais de Rachel de Queiroz que, ao mesmo tempo em que garantem a coesão do texto, demonstram a metáfora conceptual de despedida que a autora quer, persuasivamente, revelar aos leitores de forma gradativa.

COTEXTO:

O velho touro da fazenda saiu, arrogante. Garrotes magros, de grandes barrigas, empurravam as vacas de cria, atropelando-se.

Até que a <u>DERRADEIRA RÊS</u> , A FLOR DO PASTO, FECHANDO a <u>marcha</u> ,			
Ator	Atributo	Material	Meta
Afeto (+)			
também <u>TRANSPÔS</u> a <u>porteira</u> e <u>PASSOU</u> <u>junto de Chico Bento</u>			
Material	Escopo	Material	Circunstância
Ator [Derradeira rês]		Ator [derradeira rês]	
que lhe <u>AFAGOU</u> com a <u>mão</u> a <u>velha anca rosilha</u> ,			
Ator	Meta	Material	Circunstância
		Afeto (+)	Meta
		Afeto (+) <i>token</i>	
<u>num gesto de carinho e DESPEDIDA.</u>			
Circunstância			
Afeto (+)		Afeto (+)	

**Discussão:** Novamente nesse trecho, os processos materiais que representam movimento — “fechar”, “passar”, “transpor” — compõem a cena de movimento dos animais. O gado é que aparece como ator em processo material. A porteira sinaliza o limiar entre dois mundos — o do cuidado e o do abandono. Ao transpô-la, os animais estarão como um barco à deriva.

Faz-se necessário observar também que as expressões de avaliatividade de atitude de afeto tais como, “afagou”, “Flor do pasto”, “a velha anca rosilha”, “gesto de carinho e despedida” humanizam os animais, envolvendo o leitor numa atmosfera de profundo pesar, fazendo-o “sentir” (empatia) (MACKENHORARIK, 2003), com os personagens, homens e inclusive os animais, num processo de intersubjetividade, que parece uni-los no sofrimento da despedida. *Chico Bento afagou a velha anca rosilha, num gesto de carinho e despedida.*

Expressões como: “a derradeira rês”, “a Flor do Pasto”, “transpôs a porteira e passou junto de Chico Bento”, “num gesto de carinho e despedida”... continuam a rastrear a metáfora conceptual da despedida, que Rachel de Queiroz tem em mente dividir com o leitor. Na verdade, com a aridez do sertão, já não existe mais a “flor do pasto”, e a passagem de todos pela “porteira” sinaliza a ideia de esvaziamento do espaço que outrora fora ocupado por homens e animais.

Da janela da cozinha, as mulheres assistiam à cena. Choravam silenciosamente, enxugando os olhos vermelhos na beira dos casacos ou no rebordo das mangas.

<u>SAÍDA</u> Material	<u>A ÚLTIMA RÊS,</u> Ator	<u>Chico Bento</u> Ator	<u>BATEU</u> Material	<u>os paus</u> META	<u>na porteira</u> Circunstância
Afeto (+)					
e foi CAMINHANDO					
Material	<u>devagar,</u> Circunstância	<u>atrás do</u>	<u>LENTO</u> Circunstância	<u>CAMINHAR DO</u> Material	<u>GADO,</u> Ator
(nominalização)					
Apreciação (-) token			Apreciação (-) token		
que	<u>MARCHAVA</u> Material	<u>À TOA,</u> Circunstância	<u>PARANDO</u> Material	<u>às vezes,</u> Circunstância	

e PONDO*	<u>no pasto seco</u>	os <u>OLHOS</u>	<u>TRISTES,</u>
Mental	Circunstância	Fenômeno	
*pondo os olhos tristes = olhando tristemente			
	Apreciação (-)		Afeto (-)
	como numa <u>agudeza de DESESPERANÇA.</u>		
	Circunstância	Circunstância	
	Graduação (↑)		Afeto (-)

**Discussão:** Quanto à transitividade, observa-se que a maior parte dos processos nesse trecho são materiais: “sair”, além de “bater”, “caminhar”, “marchar”, que pelo processo metarrelacional (MACKEN-HORARIK, 2003), adquirem, no contexto, o sentido de sair, deixar a fazenda. O próprio Chico Bento, ator do processo material “caminhar”, inclui-se nessa saída, seguindo atrás dos animais. Até mesmo o processo “parar”, material, que representa ausência de movimento, é usado para caracterizar essa caminhada lenta, intermitente, traduzindo a dor da despedida, que atinge igualmente homens e animais, no infortúnio.

Como se pode observar, o sentimento de tristeza da despedida é potencializado por várias expressões de avaliatividade de afeto negativo, que percorre todo o estágio, garantindo a coesão lexical do trecho. Dessa forma, há metarrelação de confirmação em relação à fase anterior, uma vez que até os animais se solidarizam na dor do vaqueiro, forçado a abandoná-los.

Assim, expressões como: “saída a última rês”, “lento caminhar do gado”, “marchava à toa”, “olhos tristes e desesperança”, além de proporcionar coesão ao texto, segundo Li (2010), continuam organizando a construção da metáfora conceptual da despedida. É ela que garante cognitivamente a coerência discursiva, que contribui no processo persuasivo do discurso.

Algumas reses, sem ir mais longe, começavam a babujar a poeira do panasco que ainda palhetava o chão nas clareiras da caatinga.

Outras, mais tenazes, seguiam cabisbaixas, na mesma marcha pensativa, a cauda abanando lentamente as ancas descarnadas.

## METÁFORA DA SECA

<u>Chico Bento</u> Ator	PAROU. Material	ALONGOU* *alongou = olhou Mental Experienciador: Chico Bento	os olhos	pelo <u>HORIZONTE CINZENTO.</u> Fenômeno
Apreciação (-)				
<u>O pasto, as várzeas, a CAATINGA, O MARMELEIRAL ESQUELÉTICO.</u>				
Portador				
Apreciação (-)				
ERA Relacional	<u>tudo de um cinzento de borralho.</u> Atributo			
Apreciação (-)				
<u>O próprio leite das lagoas</u> Ator	VIDRARA - Material (transformativo)	se Meta	<u>em torrões de lama ressequida,</u> Circunstância	
Apreciação (-)				
CORTADA Material	<u>aqui e além</u> Circunstância	<u>por alguma pacavira defunta</u> Ator		
Apreciação (-)				
<u>que</u> Ator (pacavira defunta)	RETORCIA Material	<u>as folhas empapeladas.</u> Meta		
Apreciação (-)		Apreciação (-)		
Depois Experienciador (Chico Bento)	OLHOU Mental	<u>um garrotinho magro</u> Fenômeno	<u>que,</u> Ator	
Afeto (+) token				
<u>bem pertinho,</u> Circunstância Afeto (+) token	MASTIGAVA Material	<u>sem ânimo</u> Circunstância Apreciação (-)	<u>uma vergôntea estorricada.</u> Meta Apreciação (-)	

**Discussão:** Quanto à transitividade nesse trecho, os processos, na sua maioria, são também materiais. Há, inclusive dois processos — “retorcer” e “vidrar” — que são classificados como processos materiais transformativos. Eles

representam, nesse contexto, mudança de estado, fenômenos provocados pela ausência de água. Folhas desidratadas ficam justamente retorcidas e o leito das lagoas perdem o brilho (*vidrar*), tornando-se “lama ressequida”.

O processo relacional “era” tem como atributo a expressão que sintetiza o espaço físico como um todo: “era *tudo de um cinzento de borralho*”. A seca domina todos os espaços: pasto, várzeas, caatinga e o marmeleiral.

Já os processos mentais — “olhar”, ou na expressão com o mesmo valor “alongou os olhos” — traduzem a impotência do personagem Chico Bento que, diante do cenário de desolação, resta-lhe também bater em retirada como os animais.

Em relação à avaliatividade, a abundância de expressões de avaliatividade de apreciação, tais como “esquelético”, “tudo de um cinzento de borralho”, “torrões de lama ressequida”, “defunta”, “folhas empapeladas”, “estorricada”, são todas, sem exceção, de apreciação negativa. Convém notar que Rachel de Queiroz fez escolhas lexicais capazes de desenhar o cenário da seca de forma pungente. Algumas expressões de avaliatividade, inclusive, chegam a humanizar plantas, ocorrência observada em “marmeleiral esquelético” e “pacavira defunta”. Dessa forma, a empatia é construída a partir da ausência de vida dos elementos naturais que acentuam a dor do retirante.

Uma única ocorrência de avaliatividade de afeto, que aparece em “garrotinho magro”, é também uma forma de humanizar o animal que “mastigava sem ânimo” uma vergôntea estorricada. Segundo Macken-Horarik (2003) a criação de empatia depende da combinação de fases em que uma confirma a outra. Temos aqui novamente uma fase de confirmação em que o leitor sente com os personagens – homens e animais – num processo de intersubjetividade, em que, diante da crueldade da seca, são colocados em paridade.

Expressões como: “horizonte cinzento”, “marmeleiral esquelético” e “Caatinga” desenham e sintetizam finalmente o retrato da desolação e aniquilamento dos elementos em geral: homem, animal, natureza. Além de dar coesão ao texto, tais escolhas lexicais compõem o quadro da seca, a causa das migrações no Nordeste brasileiro, as constantes despedidas a que está sujeito o sertanejo.

E ao dar as costas, rumo à casa, de cabeça curvada como sob o peso do chapéu de couro, sentindo nos olhos secos pela poeira e pelo sol uma frescura desacostumada e um penoso arquejar no peito largo, murmurou desoladamente:

Ô sorte, meu Deus! Comer cinza até cair morto de fome!

A velha casa de taipa negrejava ao sol o telhado de jirau. Na latada, coberta de folhas secas, o cachorro cochilava ao calor do mormaço.

Chico Bento entrou, no mesmo passo lento, a modo que curvado sob a cruz de remendos que ressaltava vivamente, como um agouro, nas costas desbotadas da velha blusa de mescla.

Foi direito a um caritó, ao canto da sala da frente, e tirou de sob uma lamparina, cuja luz enegrecera a parede com uma projeção comprida de fumaça, uma carta dobrada. E como quem vai reler uma sentença que executou, para se livrar da responsabilidade e do remorso, ele penosamente mais uma vez decifrou a letra do administrador, sobrinho de Dona Maroca:

## METÁFORA DA CARTA

<u>“Minha tia</u> Dizente	<b>RESOLVEU</b> que Verbal
<b>não</b>	<b>CHOVENDO</b> <u>até o dia de São José</u> , ( or.subord, condicional red. de infinitivo) Existencial                      Circunstância
Avaliação Social (-)	
<u>youê</u> Ator	<b>ABRA</b> <u>AS PORTEIRAS</u> e <b>SOLTE</b> <u>o gado</u> . Material                      Meta                      Material                      Meta
“youê ...o gado” = verbiagem de RESOLVEU Mod. Obrigação                      Julgamento (-)	
<b>É melhor</b>	<b>SOFRER</b> <u>logo</u> <u>o prejuízo</u> Mental                      Circunstância                      Fenômeno
Afeto (-)	
do que andar	<b>GASTANDO</b> <u>o dinheiro</u> <u>à toa</u> Material                      Meta                      Circunstância
Julgamento (-)	
<u>em rama e caroço</u> , Circunstância	<b>pra não ter RESULTADO</b> (não RESULTAR em nada). Existencial
Julgamento (-)	
<u>Você</u> Ator	<b>pode</b> <b>TOMAR</b> <u>UM RUMO</u> ou, se <b>QUISER</b> , Material                      Escopo                      Mental
Mod. Probabilidade                      Desejabilidade	

<i>FIQUE</i>	<i>nas Aroeiras,</i>	<i>mas <u>sem serviço da fazenda.</u></i>
Relacional	Circunstância	Circunstância
Avaliação Social (-)		
<b><i>Sem mais, do compadre amigo...</i></b>		
Afeto (-) token		

**Discussão:** A maioria dos processos materiais aponta para a ideia de movimento para fora da fazenda: “abrir” as porteiras, “soltar” o gado, “tomar” um rumo. Tais escolhas lexicais reforçam a metáfora conceptual da despedida.

A carta soa cruel porque não envolve contato pessoal, mas simplesmente algumas palavras que não deixam dúvidas: não há saída para Chico Bento. Há menção de caminhos a tomar como em “é melhor” ou “você pode ...”, como se houvesse nessas alternativas alguma possibilidade de salvação da seca que vai vitimar os miseráveis, gente que labutou em prol daquilo que hoje é o nada.

“Abra as porteiras” e “Tomar um rumo” confirmam a ideia de partida e constituem novamente expressões metafóricas que engendram a metáfora conceptual da despedida. Adeus à fazenda, adeus ao emprego, adeus à moradia.

Na carta do administrador, o sobrinho de dona Maroca, cumprindo as ordens da tia, diz que Chico Bento “pode” tomar um rumo. Embora seja modulação de probabilidade, o vaqueiro não tem escolha. Ficando na fazenda, Chico Bento não terá emprego, restando-lhe apenas a alternativa de aventurar-se como retirante para fugir da seca. Assim, de acordo com a Manut et al (2012), por meio de uma abordagem diatextual, os enunciadores são permeados pelos textos que produzem na medida em que interpretam as convenções sociais agindo-significando-comunicando-afirmando. É nesse sentido que Rachel de Queiroz — tornando-se enunciativa através da voz do personagem — evidencia o dilema dos retirantes, a impossibilidade de uma escolha segura, uma vez que, ao permanecerem no lugar onde estabeleceram moradia, morrerão de fome com a seca; ao partirem, muitas desventuras e incertezas os aguardam na penosa jornada rumo aos centros urbanos.

Dessa forma, a própria expressão “compadre amigo” encerra certa ironia. O compadre de Chico Bento é proprietário das terras e terá como se manter na capital para onde está indo, mas pouco se lhe importa o destino do vaqueiro que fora seu empregado e dependia do trabalho na fazenda.

Longamente ficou o vaqueiro olhando aquelas letras que exprimiam tanta desgraça.

Depois dobrou o papel, tornou a pô-lo no lugar, puxando o braço vivamente como se se libertasse, livrando-se do temor supersticioso que lhe travava as mãos, porque uma carta daquelas lhe parecia coisa amaldiçoada.

Lá fora, um menino fazia o cachorro ganir, cutucando-o com uma varinha.

E gritava entre risadas:

— Diabo ruim! Pisca! Limpa-Trilho! Pisca!

O cachorro pulou. E menino e cão saíram correndo pelo terreiro varrido, levantando redemoinhos de poeira. Chico Bento, deixando que explodisse na brutalidade do berro a opressão que o angustiava desde manhãzinha, assomou à janela, congestionado, a mão enfurecida cortando o ar:

— Limpa-Trilho! Josias! Pra dentro, seus sem-vergonha!

## 4.2 Transcrição e seleção de trechos do capítulo 5

A transcrição do capítulo 5 apresenta, sublinhadas, as partes que serão analisadas, mantendo as demais para lhes servir de contexto.

### Capítulo 5

Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar.

Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse.

Depois, o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha...

Alta noite, na camarinha fechada que uma lamparina moribunda alumiaava mal, combinou com a mulher o plano de partida.

Ela ouvia chorando, enxugando na varanda encarnada da rede, os olhos cegos de lágrimas.

Chico Bento, na confiança do seu sonho, procurou animá-la, contando-lhe os mil casos retirantes enriquecidos no Norte.

A voz lenta e cansada vibrava, erguia-se, parecia outra, abarcando projetos e ambições. E a imaginação esperançosa aplanava as estradas difíceis, esquecia saudades, fome e angústias, penetrava na sombra verde do Amazonas, vencida a natureza bruta, dominava as feras e as visagens, fazia dele rico e vencedor.

Cordulina ouvia, e abria o coração àquela esperança; mas correndo os olhos pelas paredes de taipa, pelo canto onde na redinha remendada o filho pequenino dormia, novamente sentiu um aperto de saudade, e lastimou-se:

— Mas, Chico, eu tenho tanta pena da minha barraquinha! Onde é que a gente vai viver, por esse mundão de meu Deus?

A voz dolente do vaqueiro novamente se ergueu em consolações e promessas:

— Em todo pé de pau há um galho mode a gente armar a tipóia... E com umas noites assim limpas até dá vontade de se dormir no tempo... Se chovesse, quer de noite, quer de dia, tinha carecido se ganhar o mundo atrás de um gancho?

Cordulina baixava a cabeça. Chico Bento continuou a falar.

O animal trocado com Vicente chegava de manhãzinha. Iria nele até o Quixadá, ver se as passagens de graça que o governo estava dando.

Recebendo o dinheiro do Zacarias da Feira, se desfazendo da burra e matando as criaçõezinhas que restavam, para comerem em caminho, que é que faltava? Nem trem, nem comida, nem dinheiro...

Cordulina levantou-se para balançar o menino que acordou chorando. Era madrugada. Passarinhos desafinados, no pé de turco espinhento do terreiro, cantavam espaçadamente. A barra do dia foi avermelhando o céu. Os golinhas continuaram a cantar com mais força.

A mulher enfiou a saia e o casaco e foi cuidar do café.

Chico Bento ficou só. Tinha-se deixado estar na rede, sentado, as mãos pendentes, descansando os pulsos nos joelhos, o pensamento vagando numa confusa visão de boa ventura e fortuna.

Pouco a pouco, porém, com a luz do dia que entrava pelas frinchas da camarinha, a névoa otimista foi-se adelmo; e do projeto ambicioso só lhe ficou, triste e aguda, a melancolia do desterro próximo.

Sonolenta, ainda, a meninada se levantava, esfregando os olhos, espreguiçando-se em bocejos rasgados, em longas distensões que lhes salientavam o relevo das costelas.

O mais velho saiu logo para o curral e, passando pela porta da camarinha, gritou:

— Papai! já vou levar o gado do homem!

Chico Bento meteu os pés, estremunhado como quem acorda:

— Ah, sim! Tá na hora...

A manhã era fria, quase nevoenta.

O meninote abriu a porteira e tangeu as reses, que saíram devagarinho.

Levantou o chapéu e a mão, tomando a bênção.

O pai mastigou um "Deus te acompanhe", e ficou vendo-o ir-se, assoviando, ligeiro, pelo trilho pedregoso.

A burra da troca não era bem um babau velho, como Chico Bento vinha dizendo em caminho, na tarde do negócio.

Era nova, coiceira, e ainda carnuda.

O menino vinha montado em osso, quase na garupa, num galope baixo e sacudido.

Chico Bento recebeu-a, examinou-lhe as manchas do pêlo, para ver se era sinal ou pisadura mal sarada. Bateu-lhe no lombo e o animal encolheu-se. Retificou o nó do cabresto, e, voltando-se para o menino, já quase de dentro de casa:

— Venha tomar seu café e depois sele a burra, que eu careço de ir no Quixadá.

Mas foi em vão que Chico Bento contou ao homem das passagens a sua necessidade de se transportar a Fortaleza com a família. Só ele, a mulher, a cunhada e cinco filhos pequenos.

O homem não atendia.

— Não é possível. Só se você esperar um mês. Todas as passagens que eu tenho ordem de dar, já estão cedidas. Por que não vai por terra?

— Mas meu senhor, veja que ir por terra, com esse magote de meninos, é uma morte!

O homem sacudiu os ombros:

— Que morte! Agora é que retirante tem esses luxos... No 77 não teve trem para nenhum. É você dar um jeito, que, passagens, não pode ser...

Chico Bento foi saindo.

Na porta, o homem ainda o consolou:

— Pois se quiser esperar, talvez se arranje mais tarde. Imagine que tive de ceder cinquenta passagens ao Matias Paroara, que anda agenciando rapazes solteiros para o Acre! Na loja do Zacarias, enquanto matava o bicho, o vaqueiro desabafou a raiva:

— Desgraçado! quando acaba, andam espalhando que o governo ajuda os pobres... Não ajuda nem a morrer!

O Zacarias segredou:

— Ajudar, o governo ajuda. O preposto é que é um ratuíno... Anda vendendo as passagens a quem der mais... Os olhos do vaqueiro luziram:

— Por isso é que ele me disse que tinha cedido cinqüenta passagens ao Matias Paroara!...

Boca de ceder! Cedeu, mas foi mão pra lá, mão pra cá... o Paroara me disse que pouco faltou pro custo da tarifa... Quase não deu interesse...

Chico Bento cuspiu com o ardor do mata-bicho:

— Cambada ladrona!

Cordulina remendava uns panos, quando o vaqueiro chegou. Pelo jeito dele, conheceu logo que o negócio tinha ido mal. Furioso, cuspiendo, descompunha a burra enquanto tirava os arreios:

— Diaba do chouto duro como o cão! Pior que o alazão velho da fazenda!

A mulher levantou-se, afastando um menino que lhe repuxava as abas do casaco, pedindo mama. Gritou para a irmã, que estava lá na cozinha:

— Ó Mocinha! vê se tu dás um pirão de peixe a este menino que anda em tempo de me comer os peitos! Depois, indo para o marido:

— Como se foi, Chico? Trouxe o dinheiro e as passagens?

— Que passagens! Tem de ir tudo é por terra, feito animal! Nesta desgraça quem é que arranja nada! Deus só nasceu pros ricos!

Cordulina viu pelo bafo do marido e pela fúria das apóstrofes, tão desacostumadas no seu natural

sossegado, que ele tinha bebido demais, E interpelou-o:

— Mas, Chico, pra que é que você toma, quando vai no Quixadá? Toda vez que vem de lá é nesse jeito!

— Besteira, mulher!... Tomei nada! Matei o bicho! A vontade que eu tinha era estar mesmo bebinho, pra me esquecer de tudo quanto é desgraça!..

#### **4.2.1 Análise do contexto situacional do capítulo 5**

A seguir, apresenta-se a análise do registro — campo, relações e modo, do capítulo 5.

**Campo:** Após perder o trabalho, não resta outra alternativa a Chico Bento a não ser partir. Cordulina, inconformada por ter de partir, lamenta a perda de sua casa. O vaqueiro e sua família tentam conseguir ajuda do governo para ir a Fortaleza, mas não conseguem o bilhete do trem. Há um preposto que acaba vendendo as passagens a quem pode pagar mais.

**Relação:** Chico Bento é o vaqueiro casado com Cordulina. Não há distância social entre eles, relação de parentesco muito próxima. O preposto do governo trabalha na distribuição de passagens. Trata-se de um indivíduo que age segundo interesses particulares. Distância social máxima entre o preposto e Chico Bento.

**Modo:** Verbal escrito (capítulo de romance). Texto narrativo em terceira pessoa. Constitui-se o enredo de uma prosa enxuta e viva. Os períodos são, em geral, breves, permeados da transcrição dos atos e dos acontecimentos. O diálogo é corrente, lembrando às vezes a novelística popular.

#### 4.2.2 Análise da transitividade e da avaliatividade do capítulo 5

##### METÁFORA DA DESPEDIDA

Agora, ao <u>Chico Bento</u> , como <b>único</b> recurso, <b>só</b> restava <i>ARRIBAR</i>	
Circunstância	Ator
Graduação (↓) Graduação (↓)	
<b><u>SEM LEGUME</u>, <u>SEM SERVIÇO</u>, <u>SEM MEIOS DE NENHUMA ESPÉCIE</u>,</b>	
Circunstância	Circunstância
Av. Social (-)	Av. Social (-)
não havia de ficar <b>MORRENDO</b> <b>de fome</b> ,	
Comportamental	Circunstância
Graduação (↑)	Av. Social (-)
enquanto <b>a seca</b> DURASSE. Depois,	
Existente	Existencial
Av. Social (-)	
<u>O MUNDO</u> É <u>GRANDE</u> e <u>no Amazonas</u> <b>sempre</b> HÁ <u>borracha...</u>	
Portador	Relacional
Atributo	Circunstância
Existencial	Existente
Apreciação (+) Modalidade frequência	
<u>Alta noite</u> , <u>na camarinha fechada</u>	
Circunstância	Circunstância
que <u>uma lamparina</u> <b>moribunda</b> ALUMIAVA <u>mal</u> ,	
Meta	Ator
Material	Circunstância
Apreciação (-)	
COMBINOU <u>com a mulher</u> <u>O PLANO DE PARTIDA</u> .	
Verbal	Receptor
Verbiagem	
<u>Ela</u> OUVIA [ela] <b>CHORANDO</b> , [ela] ENXUGANDO	
Experienciador	Mental
Comportante	Comportamental
Ator	Material
Afeto (-)	
<u>na varanda encarnada da rede</u> , <b><u>os olhos cegos de lágrimas</u></b> .	
Circunstância	Meta
Afeto (-) Graduação (↑)	

**Discussão:** O processo material “arribar”, intensificado por graduações, conduz à ideia de partida, como único recurso para a família de Chico Bento. Nesse sentido, “arribar” vai além da ideia de migração, de sair de um lugar para outro. Trata-se do adeus à terra de origem, à casa que consistia o abrigo e porto segura da família. Esse termo é justificado logo a seguir pelas expressões metafóricas “sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie” que constituem consequência da seca e causa das migrações. Tais expressões ampliam a noção de ruptura, de partida, de desterro, construindo, portanto, a metáfora da despedida.

Os processos existenciais — “durar” e “haver” — embora representem realidades diversas, potencializam a ideia de migração. O primeiro, ao reforçar a continuidade do estado de miséria em Quixadá, revela a impossibilidade de sobrevivência da família. O segundo abre a possibilidade de trabalho no Amazonas. Ambos constroem de forma coerente a necessidade da despedida. Além disso, o processo relacional “é” caracteriza o mundo como cheio de possibilidades, portanto, partir é preciso.

Por meio das circunstâncias, delinea-se o contexto, o conjunto de elementos que provocam a partida. A seca, que esteriliza o homem e a terra, torna a sobrevivência impossível.

As expressões de avaliatividade, que constroem o cenário do flagelo social e acenam para a alternativa de migração como último recurso, são reveladas na microestrutura por meio das expressões de avaliação social negativa. Tem-se, nessa fase do texto metarrelação de confirmação (MACKEN-HORARIK, 2003), uma vez que as escolhas de avaliatividade criam equivalência com a fase anterior. A partida da família de Chico Bento é compulsória: não há comida, nem emprego, nem moradia.

Importa observar também que as expressões de avaliatividade de afeto, intensificadas pela graduação de força, conduzem o leitor, num processo de empatia, a “sentir” com a personagem Cordulina (MACKEN-HORARIK, 2003).

Finalmente, em “o mundo é grande”, “plano da partida” e “ela ouvia chorando” revela-se de forma coerente a metáfora conceptual da despedida que vai sendo

construída pouco a pouco no texto. A seca é adeus a casa, à vida no Logradouro, adeus às origens.

Chico Bento, na confiança do seu sonho, procurou animá-la, contando-lhe os mil casos retirantes enriquecidos no Norte.

A voz lenta e cansada vibrava, erguia-se, parecia outra, abarcando projetos e ambições. E a imaginação esperançosa aplanava as estradas difíceis, esquecia saudades, fome e angústias, penetrava na sombra verde do Amazonas, vencida a natureza bruta, dominava as feras e as visagens, fazia dele rico e vencedor.

Cordulína ouvia, e abria o coração àquela esperança; mas correndo os olhos pelas paredes de taipa, pelo canto onde na redinha remendada o filho pequenino dormia, novamente sentiu um aperto de saudade, e lastimou-se:

— Mas, Chico, <u>eu</u> TENHO <u>tanta pena da minha BARRAQUINHA!</u>	Experienciador	Mental	Fenômeno
		Gradação (↑)	Afeto (+)
Onde é que a <u>gente</u> vai VIVER <u>por esse MUNDÃO DE MEU DEUS?</u>			
Existente		Existencial	Circunstância
		Apreciação (-)	
A voz <u>dolente</u> do vaqueiro se ERGUEU <u>em consolações e promessas:</u>			
Dizente		Verbal	Circunstância
Julgamento (-) <i>token</i>			
— <u>Em todo pé de pau</u> HÁ <u>um galho</u>			
Circunstância		Existencial	Existente
Apreciação (-)		Apreciação (-)	
mode <u>a gente</u> ARMAR <u>tipóia.</u>			
Ator		Material	Meta
Apreciação (-)			
<u>E com umas noites assim limpas</u> até DÁ VONTADE* DORMIR <u>no tempo...</u>			
Circunstância		*QUERER=Mental Comportamental	Circunstância
Apreciação (-) <i>token</i>		Mod. Desejabilidade	Av. Social (-)
<u>Se</u> CHOVESSE, <u>quer de noite, quer de dia</u>			
Existencial		Circunstância	
Mod. Probabilidade			

Tinha carecido	[a gente] se	<b>GANHAR</b>	<b>O MUNDO</b>	atrás de <b>um gancho?</b>
Ator		Material	Meta	Circunstância
Julgamento (-)			Apreciação (-)	
<u>Cordulina</u>	BAIXAVA	<u>a cabeça.</u>	<u>Chico Bento</u>	continuou a FALAR.
Ator	Material	Meta	Dizente	Verbal
Afeto (-)				

**Discussão:** Trecho marcado por verbiagens que compõem o diálogo entre o casal — Chico Bento e Cordulina. O marido é quem mais usa argumentos, na tentativa de convencer a esposa, daí os processos verbais que guiam a fala do vaqueiro — “consolar”, “falar”, “erguer a voz”. Nota-se também que os argumentos de que Chico Bento lança mão são construídos a partir dos processos materiais “armar”, “ganhar” e o processo existencial “haver” que configuram as inúmeras possibilidades de moradia para a família em outro lugar. Entretanto, Cordulina é quem mais sente — processos mental e existencial —, diante da partida iminente. As circunstâncias “em consolações e promessas” revelam que Chico Bento, na tentativa de convencer a esposa, aceita, conformado, seu destino de retirante.

Quanto à avaliatividade, as expressões de afeto e apreciação que aparecem na fala de Cordulina indicam a personagem mais presa a terra, oferecendo resistência às alternativas do marido que tenta mostrar a necessidade de partir.

Já para Chico Bento, as expressões de avaliatividade de apreciação negativa revelam o conformismo do personagem diante da mudança. Na passagem “em noites assim limpas” há *token*, uma avaliação que seria positiva, mas negativa no contexto, uma vez que a noite é limpa por causa da seca inclemente. Se não chove, segundo Chico Bento, pode-se “armar tipoia” em qualquer “pé de pau” e dormir no tempo.

O termo “barraquinha” é o mundo de Cordulina, sensação de pertencimento ao passo que “mundão de meu Deus” e “ganhar o mundo” representam o desconhecido, o improvável, o incerto. Essa polaridade de ideias reforça também o dilema do adeus vivido pelos personagens, confirmando a ideia de separação vinculada à metáfora conceptual da despedida.

O animal trocado com Vicente chegava de manhãzinha. Iria nele até o Quixadá, ver se as passagens de graça que o governo estava dando.

Recebendo o dinheiro do Zacarias da Feira, se desfazendo da burra e matando as criaçõezinhas que restavam, para comerem em caminho, que é que faltava? Nem trem, nem comida, nem dinheiro...

Cordulina levantou-se para balançar o menino que acordou chorando. Era madrugada. Passarinhos desafinados, no pé de turco espinhento do terreiro, cantavam espaçadamente. A barra do dia foi avermelhando o céu. Os golinhas continuaram a cantar com mais força.

A mulher enfiou a saia e o casaco e foi cuidar do café.

Chico Bento ficou só. Tinha-se deixado estar na rede, sentado, as mãos pendentes, descansando os pulsos nos joelhos, o pensamento vagando numa confusa visão de boa ventura e fortuna.

## METÁFORA DA DESPEDIDA

<b><u>Pouco a pouco</u></b> , porém, <b><u>com a luz do dia</u></b>	
Circunstância	
Graduação (↓)	
<b><u>que</u></b>	<b>ENTRAVA</b> <b><u>pelas frinchas da camarinha</u></b> ,
Ator [luz do dia]	Material Circunstância
<b><u>a névoa otimista</u></b> foi se <b>ADELGAÇANDO</b>	
Ator	Material
Afeto (+)	Graduação (↓)
e se foi <b>SUMINDO</b> <b><u>a onda aquecedora do entusiasmo</u></b> ;	
Material	Ator
Graduação (↓)	Afeto (-) token
e do <b>projeto ambicioso</b> só lhe FICOU, <b><u>triste e aguda</u></b> ,	
	Existencial Atributo
Afeto (-) Token	Afeto (-) Graduação (↑)
<b><u>a melancolia do DESTERRO PRÓXIMO.</u></b>	
Existente	
Afeto (-)	

**Discussão:** Os processos materiais transformativos “adelgaçando”, “sumindo” revelam a quebra de expectativa e dissipam a visão de boa ventura que o personagem Chico Bento vislumbrava com a partida para o Amazonas. As expressões de circunstância projetam o cenário do amanhecer. Assim, não é só o dia que desperta, mas os personagens também acordam para a triste realidade

da seca. Assim como a luz do dia dissipa a névoa — que até poderia acenar como um indício de chuva — vai embora também a expectativa em relação ao desconhecido.

Agora, Chico Bento que tentava confortar Cordulina com as promessas de dias melhores, sente-se vacilante diante da incerteza de uma viagem forçada.

Em relação à avaliatividade de atitude de afeto, que na sua maioria é construída a partir de figuras negativas, as expressões “onda aquecedora de entusiasmo” e “projeto ambicioso” constituem *tokens*, já que tudo se dissipa com a luz do dia e o próprio Chico Bento sente arrefecer o ânimo diante do adeus iminente.

Finalmente, a expressão “desterro próximo” revela todo o dilema vivido pelos personagens, a constante tensão entre ficar e partir. Na verdade, não há escolha para a família de Chico Bento.

Convém notar que as nominalizações “entusiasmo”, “projeto”, “melancolia” e “desterro” constituem um rico recurso para condensar as avaliações, criando coesão textual a partir de elementos que reforçam a metáfora da despedida. Além disso, de acordo com Fowler (2004), qualquer aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica, contribuindo na representação do discurso. Assim, a partir de elementos na microestrutura do texto, Raquel de Queiroz vai construindo a ideia da partida forçada, involuntária. O “desterro” traz, em toda extensão da palavra, o sentimento de ser expulso da terra de origem. No caso da obra *O Quinze*, é a seca quem expulsa os homens da terra. Seca é adeus.

Sonolenta, ainda, a meninada se levantava, esfregando os olhos, espreguiçando-se em bocejos rasgados, em longas distensões que lhes salientavam o relevo das costelas.

O mais velho saiu logo para o curral e, passando pela porta da camarinha, gritou:

— Papai! já vou levar o gado do homem!

Chico Bento meteu os pés, estremunhado como quem acorda:

— Ah, sim! Tá na hora...

A manhã era fria, quase nevoenta.

O menino abriu a porteira e tangeu as reses, que saíram devagarinho.

Levantou o chapéu e a mão, tomando a bênção.

O pai mastigou um “Deus te acompanhe”, e ficou vendo-o ir-se, assoviando, ligeiro, pelo trilho pedregoso.

A burra da troca não era bem um babau velho, como Chico Bento vinha dizendo em caminho, na tarde do negócio.

O menino vinha montado em osso, quase na garupa, num galope baixo e sacudido.

Chico Bento recebeu-a, examinou-lhe as manchas do pêlo, para ver se era sinal ou pisadura mal sarada. Bateu-lhe no lombo e o animal encolheu-se. Retificou o nó do cabresto, e, voltando-se para o menino, já quase de dentro de casa:

— Venha tomar seu café e depois sele a burra, que eu careço de ir no Quixadá.

Mas foi em vão que Chico Bento contou ao homem das passagens a sua necessidade de se transportar a Fortaleza com a família. Só ele, a mulher, a cunhada e cinco filhos pequenos.

O homem não atendia.

— Não É possível. Só se você ESPERAR um mês.
Relacional Atributo      Experienciador Mental      Fenômeno
Mod. Probabilidade
<b>Todas as passagens que eu tenho ordem de DAR,</b>
Meta      Meta      Ator      Material
Mod. Obrigação
<b>já ESTÃO cedidas. Por que [você] não VAI por terra?</b>
Relacional Atributo      Ator      Material      Circunstância
— Mas meu senhor, VEJA [você] que IR por terra
Mental Experienciador      Material      Circunstância
Apreciação (-)
<b>com esse maço de meninos, É UMA MORTE!</b>
Circunstância      Relacional      Atributo
Apreciação (-)
<b>O homem SACUDIU os ombros:</b>
Comportante      Comportamental      Escopo
Julgamento (-)
— <b>Que morte!</b> Agora é que <b>retirante</b> TEM <b>esses luxos...</b>
Portador Relacional      Atributo
Apreciação (-)      Av. Social (-)      Av. Social (-)
No 77 não TEVE trem pra nenhum. É você DAR um jeito,
Circunstância Existencial Existente      Ator      Material      Meta
que, <u>passagens</u> , não pode SER*.
Existente      Existencial
*não HÁ passagens
<b>Chico Bento</b> foi SAINDO.
Ator      Verbal

**Discussão:** Trecho formado por verbiagens que compõem o diálogo entre Chico Bento e o homem das passagens. É recorrente o uso de processos relacionais na composição da cena que torna evidente todos os percalços por que passa o retirante Chico Bento na tentativa de adquirir as passagens de trem. Os argumentos são sustentados pelos interactantes a partir dos processos materiais “dar”, “vai”, “ir” e reforçados pelas circunstâncias associadas a tempo, espaço, modo e causa.

As expressões de avaliatividade de apreciação e julgamento revelam a insensibilidade por parte do preposto do governo e uma crítica social implícita, uma vez que a “ajuda do governo” não é para todos.

A expressão “é uma morte” e “ir por terra” prenuncia todo calvário por que passará a família de Chico Bento ao se aventurar numa viagem à Fortaleza a pé. Na verdade, esses elementos textuais constituem a projeção da morte, um prenúncio da fatalidade que acontecerá no estágio seguinte, estabelecendo metarrelação de confirmação a partir das escolhas de avaliatividade. Além disso, continua nessa fase da narrativa a coerência das escolhas lexicais que constroem a metáfora conceptual da despedida. A seca é adeus a todos os recursos.

Convém notar que as escolhas lexicogramaticais são essenciais na formatação do discurso narrativo. A diferença entre “Chico Bento foi saindo” e “Chico Bento saiu” reside no fato de que, no primeiro caso, fica evidente a atitude do personagem em progresso, lenta, o que, no contexto, denota uma subserviência de Chico Bento em relação ao homem.

— Pois se quiser esperar, talvez se arranje mais tarde. Imagine que tive de ceder cinquenta passagens ao Matias Paroara, que anda agenciando rapazes solteiros para o Acre! Na loja do Zacarias, enquanto matava o bicho, o vaqueiro desabafou a raiva:

— <b>Desgraçado!</b> Quando ACABA, <b>andam</b> ESPALHANDO	
Material	Verbal
Julgamento (-)	Mod. frequência
que <u>o governo</u> <b>AJUDA</b> <u>os pobres...</u>	
Ator	Material
Meta	
Julgamento (-) token	Av. Social (-) Token

[o governo] Não AJUDA [os pobres] nem a <b>MORRER!</b>	Ator	Material	Meta	comportamental	
				Av. Social (-)	token
<u>O Zacarias</u> SEGREDOU:	Dizente	Verbal			
— AJUDAR, <u>o governo</u> AJUDA. <u>O preposto</u> é que É <u>um ratuíno...</u>	Material	Ator	Material	Portador	Relacional
					Atributo
				Av. Social (+)	Julgamento (-)
[o preposto] Anda VENDENDO <u>as passagens</u> <u>a quem</u> DER mais...	Ator	Material	Meta	Beneficiário	Material
					Julgamento (-)
<u>Os olhos do vaqueiro</u> luziram.	Comportante	Comportamental			
					Apreciação (-)

**Discussão:** Trecho marcado por verbiagens, indicadas por travessões, constituindo o diálogo entre Zacarias e Chico Bento. O processo verbal “segredou”, de forma irônica, esclarece a Chico Bento a verdade sobre a política das passagens, despertando indignação no vaqueiro. É nesse sentido que, segundo Li (2010), o uso da língua no discurso implica significados ideológicos, e também para Fowler (1996), as diferenças de expressão trazem distinções ideológicas. Rachel de Queiroz, a partir da representação das dificuldades dos retirantes, torna evidente a omissão do Estado em relação aos mais vulneráveis diante dos problemas da seca.

Os argumentos são construídos a partir dos processos materiais que revelam a experiência fracassada em relação às passagens com que o personagem contava para partir com sua família. O único processo relacional do trecho aparece na caracterização do preposto do governo, que age segundo seus próprios interesses. Paira a dúvida quanto ao seu caráter, o que se percebe por meio da expressão de julgamento negativo “um ratuíno”.

As expressões de julgamento negativo na fala de Zacarias acentuam a indignação do vaqueiro e faz emergir a crítica social no discurso, ou seja, além

de insuficiente e paliativa a ajuda do governo, ela não contempla todos com equidade. Há sempre os excluídos.

Além disso, em “o governo ajuda os pobres”, o processo “ajudar” que poderia acenar como uma ação positiva do governo, traz implicitamente um julgamento negativo no contexto (*token*), já que, segundo o próprio Chico Bento, “não ajuda nem a morrer”.

— Por isso é que ele me disse que tinha cedido cinqüenta passagens ao Matias Paroara!...  
 Boca de ceder! Cedeu, mas foi mão pra lá, mão pra cá... o Paroara me disse que pouco faltou pro custo da tarifa... Quase não deu interesse...  
 Chico Bento cuspiu com o ardor do mata-bicho:  
 — Cambada ladrona!  
 Cordulina remendava uns panos, quando o vaqueiro chegou. Pelo jeito dele, conheceu logo que o negócio tinha ido mal. Furioso, cuspiu, descompunha a burra enquanto tirava os arreios:  
 — Diaba do chouto duro como o cão! Pior que o alazão velho da fazenda!  
 A mulher levantou-se, afastando um menino que lhe repuxava as abas do casaco, pedindo mama. Gritou para a irmã, que estava lá na cozinha:  
 — Ó Mocinha! vê se tu dás um pirão de peixe a este menino que anda em tempo de me comer os peitos! Depois, indo para o marido:  
 — Como se foi, Chico? Trouxe o dinheiro e as passagens?  
 — Que passagens! Tem de ir tudo é por terra, feito animal! Nesta desgraça quem é que arranja nada! Deus só nasceu pros ricos!  
 Cordulina viu pelo bafo do marido e pela fúria das apóstrofes, tão desacostumadas no seu natural sossegado, que ele tinha bebido demais, E interpelou-o:  
 — Mas, Chico, pra que é que você toma, quando vai no Quixadá? Toda vez que vem de lá é nesse jeito!  
 — Besteira, mulher!... Tomei nada! Matei o bicho! A vontade que eu tinha era estar mesmo bebinho, pra me esquecer de tudo quanto é desgraça!..

### 4.3 Transcrição e seleção de trechos do capítulo 12

A transcrição do capítulo 12 apresenta, sublinhadas, as partes que serão analisadas, mantendo-se as demais para lhes servir de cotexto.

#### Capítulo 12

Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai.

Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para cair depois no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz.

Cordulina, no entanto, queria-o vivo. Embora sofrendo, mas em pé, andando junto dela, chorando de fome, brigando com os outros...

E quando reencetou a marcha pela estrada infundável, chamejante e vermelha, não cessava de passar pelos olhos a mão trêmula:

— Pobre do meu bichinho!

Dia a dia, com forças que iam minguando, a miséria escalavrava mais a cara sórdida, e mais fortemente os feria com a sua garra desapiedada.

Só talvez por um milagre iam aguentando tanta fome, tanta sede, tanto sol.

O comer era quando Deus fosse servido.

Às vezes paravam num povoado, numa vila. Chico Bento, a custo, sujeitando-se às ocupações mais penosas, arranjava um cruzado, uma rapadura, algum litro de farinha. Mas isso de longe em longe. E se não fosse uma raiz de mucunã arrancada aqui e além, ou alguma batata-brava que a seca ensina a comer, teriam ficado todos pelo caminho, nessas estradas de barro ruivo, semeado de pedras, por onde eles trotavam trôpegos, se arrastando e gemendo.

Pedro, o mais velho dos pequenos, também tentava um ganho; mas em tempo assim, com tanto homem sem trabalho, quem vai dar o que fazer a menino?

E Cordulina, botando a vergonha de lado, com o Duquinha no quadril — que as privações tinham desensinado de andar, e agora mal engatinhava —, dirigia-se as casas, pedindo um leitinho para dar ao filho, um restinho de farinha ou de goma pra fazer uma papa...

A pobre da burra, que vinham sustentando Deus sabe como, com casca seca de pau e sabugos de monturo, foi emagrecendo, descarnando, até ficar uma dura armação de ossos, envolvida num couro sujo, esburacado de vermelho.

Chico Bento julgou melhor trocá-la por qualquer cinco mil-réis, que ser forçado a abandoná-la por aí, meio morta, em algum pedaço de caminho. Um bodegueiro, em Baturité, lhe ofereceu seis mil réis.

E deixaram a companheira de tantas léguas amarrada a uma estaca de cerca, a cabeça pendendo do cabresto, a cauda roída e suja batendo as moscas das pisaduras.

Eles tinham saído na véspera, de manhã, da Canoa.

Eram duas horas da tarde.

Cordulina, que vinha quase cambaleando, sentou-se numa pedra e falou, numa voz quebrada e penosa:

— Chico, eu não posso mais... Acho até que vou morrer. Dá-me aquela zoeira na cabeça!

Chico Bento olhou dolorosamente a mulher. O cabelo, em falripas sujas, como que gasto, acabado, caía, por cima do rosto, envesgando os olhos, roçando na boca. A pele, empretecida como uma casca, pregueava nos braços e nos peitos, que o casaco e a camisa rasgada descobriam.

A saia roída se apertava na cintura em dobras sórdidas; e se enrolava nos ossos das pernas, como um pano posto a enxugar se enrola nas estacas da cerca.

Num súbito contraste, a memória do vaqueiro confusamente começou a recordar a Cordulina do tempo do casamento.

Viu-a de branco, gorda e alegre, com um ramo de cravos no cabelo oleado e argolas de ouro nas orelhas...

Depois sua pobre cabeça dolorida entrou a tresvariar; a vista turbou-se como as ideias; confundiu as duas imagens, a real e a evocada, e seus olhos visionaram uma Cordulina fantástica, magra como a morte, coberta de grandes panos brancos, pendendo-lhe das orelhas duas argolas de ouro, que cresciam, cresciam, até atingir o tamanho do sol.

No colo da mulher, o Duquinha, também só osso e pele, levava, com um gemido abafado, a mãozinha imunda, de dedos ressequidos, aos pobres olhos doentes.

E com a outra tateava o peito da mãe, mas num movimento tão fraco e tão triste que era mais uma tentativa do que um gesto.

Lentamente o vaqueiro voltou as costas; cabisbaixo, o Pedro o seguiu. E foram andando à toa, devagarinho, costeando a margem da caatinga.

Às vezes, o menino parava, curvava-se, espiando debaixo dos paus, procurando ouvir a carreira de algum tejuacu que parecia ter passado perto deles, Mas o silêncio fino do ar era o mesmo. E a morna correnteza que ventava passava silenciosa como um sopro de morte; na terra desolada não havia sequer uma folha seca; e as árvores negras e agressivas eram como arestas de pedra, enristadas contra o céu.

Mais longe, numa volta da estrada, a telha encarnada de uma casa brilhava ao sol. Lentamente, Chico Bento moveu os passos trôpegos na sua direção.

De repente, um bé!, agudo e longo, estridulou na calma. E uma cabra ruiva, nambi, de focinho quase preto, estendeu a cabeça por entre a orla de galhos secos do caminho, aguçando os rudimentos de orelha, evidentemente procurando ouvir, naquela distensão de sentidos, uma longínqua resposta a seu apelo.

Chico Bento, perto, olhava-a, com as mãos trêmulas, a garganta áspera, os olhos afoqueados.

O animal soltou novamente o seu clamor aflito. Cauteloso, o vaqueiro avançou um passo.

E de súbito em três pancadas secas, rápidas, o seu cacete de jucá zuniu; a cabra entonteceu, amunhecou, e caiu em cheio por terra.

Chico Bento tirou do cinto a faca, que de tão velha e tão gasta nunca achara quem lhe desse um tostão por ela. Abriu no animal um corte que foi de debaixo da boca até separar ao meio o úbere branco de tetas secas, escorridas. Rapidamente iniciou a esfolação. A faca afiada corria entre a carne e o couro, e, na pressa, arrancava aqui pedaços de lombo, afinava ali a pele, deixando-a quase transparente.

Mas Chico Bento cortava, cortava sempre, com um movimento febril de mãos, enquanto o Pedro, comovido e ansioso, ia segurando o couro descarnado.

Afinal, toda a pele destacada, estirou-se no chão.

E o vaqueiro, batendo com o cacete no cabo da faca, abriu ao meio a criação morta.

Mas Pedro, que fitava a estrada, o interrompeu:

— Olha, pai!

Um homem de mescla azul vinha para eles em grandes passadas.

Agitava os braços em fúria, aos berros:

— Cachorro! Ladrão! Matar minha cabrinha! Desgraçado!

Chico Bento, tonto, desnordeado, deixou a faca cair e, ainda de cócoras, tartamudeava explicações confusas.

O homem avançou, arrebatou-lhe a cabra e procurou enrolá-la no couro. Dentro da sua perturbação, Chico Bento compreendeu apenas que lhe tomavam aquela carne em que seus olhos famintos já se regalavam, da qual suas mãos febris já tinham sentido o calor confortável.

E lhe veio agudamente à lembrança Cordulina exânime na pedra da estrada... o Duquinha tão morto que já nem chorava...

Caindo quase de joelhos, com os olhos vermelhos cheios de lágrimas que lhe corriam pela face áspera, suplicou, de mãos juntas:

— Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne, um taquinho ao menos, que dê um caldo para a mulher mais os meninos! Foi pra eles que eu matei! já caíram com a fome!...

— Não dou nada! Ladrão! Sem-vergonha! Cabra sem vergonha!

A energia abatida do vaqueiro não se estimulou nem mesmo diante daquela palavra. Antes se abateu mais, e ele ficou na mesma atitude de súplica.

E o homem disse afinal, num gesto brusco, arrancando as tripas da criação e atirando-as para o vaqueiro:

— Tome! Só se for isto! A um diabo que faz uma desgraça como você fez, dar-se tripas é até demais!...

A faca brilhava no chão, ainda ensanguentada, e atraiu os olhos de Chico Bento.

Veio-lhe um ímpeto de brandi-la e ir disputar a presa, mas foi ímpeto confuso e rápido. Ao gesto de estender a mão, faltou-lhe o ânimo.

O homem, sem se importar com o sangue, pusera no ombro o animal sumariamente envolvido no couro e marchava para a casa cujo telhado vermelhava, lá além.

Pedro, sem perder tempo, apanhou o fato que ficara no chão e correu para a mãe.

Chico Bento ainda esteve uns momentos na mesma postura, ajoelhado.

E antes de se erguer, chupou os dedos sujos de sangue, que lhe deixaram na boca um gosto amargo de vida.

Cordulina acordou de seu letargo e voltou-se espantada para o filho, que vinha com aquelas tripas na mão.

— Que é isso, menino?

— É a tripa de uma criação... o papai matou, mas veio o dono tomar, e por milagre ainda deu o fato...

A mãe se levantou do assento, e, trôpega ainda, tomou na mão as vísceras que sangravam:

— Pois, meu filho, vá até aquela casa ver se arranja um tiquinho de água mode consertar e lavar...

O pequeno bateu e pediu água. Na salinha, com a cabra morta sobre uma mesa, o homem gesticulava com fúria, contando a história à mulher; e vendo chegar o menino, voltou-se, feito uma onça:

— Por aqui ainda, seu cachorro? Não tem água coisa nenhuma! já pra fora! Deviam estar na cadeia! Vamos, já pra fora! Achou pouco o que ainda dei?

Mas às últimas palavras, já Pedro ia longe, assombrado, numa carreira desabalada de cachorro enxotado.

Chegou junto da mãe, chorando de vergonha e de susto:

— O homem botou a gente pra fora, chamando tudo quanto é nome...

E num foguinho de garranchos, arranjado por Cordulina com um dos últimos fósforos que trazia no cós da saia, assaram e comeram as tripas, insossas, sujas, apenas escorridas nas mãos.

### 4.3.1 Análise do contexto situacional do capítulo 12

A seguir, apresenta-se a análise do registro — campo, relações e modo, do capítulo 12.

**Campo:** Sem dinheiro para a passagem e sem apoio do governo, a família tem de fazer o percurso de Quixadá até Fortaleza a pé. Nessa peregrinação, Josias, um dos filhos do casal, no desespero da fome, come uma mandioca brava crua e morre envenenado. Apesar da tristeza e dificuldade, continuam a caminhada. Mais adiante, Chico Bento encontra uma cabra magra e mata o animal para dar de comer à família. No entanto, o dono do animal aparece e fica enfurecido. Mesmo ouvindo a história triste de Chico Bento em busca de alimento para ele e sua família, o dono do animal, deixa somente as vísceras para alimentá-los.

**Relação:** Chico Bento, vaqueiro retirante, juntamente com Cordulina, sua esposa, enterram o filho Josias. Restam-lhe Duquinha, o filho mais novo e Pedro, o filho mais velho. O grupo constitui a família de Chico Bento. Distância social mínima entre os participantes. Homem dono da cabra. Distância social máxima entre esse personagem e a família de Chico Bento.

**Modo:** Verbal escrito (capítulo de romance). Texto narrativo em terceira pessoa. Constitui-se o enredo de uma prosa enxuta e viva. Os períodos são, em geral, breves, permeados da transcrição dos atos e dos acontecimentos. O diálogo é corrente.

### 4.3.2 Análise da transitividade e da avaliatividade do capítulo 12

#### METÁFORA DA DESPEDIDA

<i>LÁ SE TINHA FICADO</i>	<i>O JOSIAS,</i>	<i>na sua cova à beira da estrada,</i>
Circunstância	Existente	Circunstância
		Apreciação (-)

<b>com uma cruz de dois paus amarrados</b>					
	Circunstância	Material	Ator	Relacional	Atributo
FEITA pelo pai. <b>FICOU EM PAZ.</b>					
Apreciação (-)					
Não <b>tinha</b> mais que <b>CHORAR</b> <b>de fome,</b> <b>estrada a fora.</b>					
	Comportamental	Circunstância		Circunstância	
Mod. Obrigação		Afeto (-)		Afeto (-)	
<b>NÃO TINHA MAIS <u>ALGUNS ANOS DE MISÉRIA</u> À FRENTE DA VIDA,</b>					
	Relacional	Atributo		Circunstância	
Av. Social (-)			Av. Social (-)		
para CAIR depois <b>NO MESMO BURACO,</b> <b>À SOMBRA DA MESMA CRUZ.</b>					
	Material	Circunstância		Circunstância	
Apreciação (-)			Apreciação (-)		
<u>Cordulina</u> , no entanto, <b>QUERIA - o</b> <u>vivo.</u> Embora <b>SOFRENDO</b>					
	Experienciador	Mental Fenômeno	Atributo		Mental elíptico
Afeto (+)					
mas em pé, <b>ANDANDO</b> <b>junto dela,</b> <b>CHORANDO</b> <b>de fome,</b>					
	Circunstância	Material	Circunstância	Comportamental	Circunstância
Afeto (+)			Afeto (-)		
[Josias] <b>BRIGANDO</b> <u>com os outros.</u>					
	Dizente	Verbal		Alvo	
Afeto (+) token					
E quando [Cordulina] <b>REENCETOU</b> <u>a marcha</u> <b>PELA ESTRADA INFINDÁVEL</b>					
	Ator	Material	Meta	Circunstância	
Apreciação (-)					
<b>Chamejante e vermelha,</b> não <b>CESSAVA</b> de <b>PASSAR</b> pelos olhos <b>a mão trêmula:</b>					
	Atributo	Material	Circunstância	Meta	
Apreciação (-)				Apreciação (-)	
<b>— Pobre do meu bichinho!</b>					
Afeto (+)					

<u>Dia a dia</u> , com <u>forças</u> que iam <b>MINGUANDO</b> , <u>a miséria</u> <b>ESCALAVRAVA</b> mais			
Circunstância	Ator	Material	Ator
		Graduação (↓)	Julgamento (-) Graduação (↑)
<b>a cara sórdida</b> , e mais fortemente os <b>FERIA</b> com a <b>sua garra desapijada</b> .			
Meta	Meta	Material	Circunstância
Apreciação (-)	Graduação (↑)		Julgamento (-)
<b>Só talvez</b> por um milagre iam <b>AGUENTANDO</b> <b>tanta fome, tanta sede, tanto sol</b> .			
		Material	Meta
Mod. Probabilidade			Graduação (↑)

**Discussão:** As escolhas lexicais compõem, desde o início, o quadro de miséria e desolação. Quanto à transitividade, o processo “ficar” em “*Lá se tinha ficado o Josias*” deve ser entendido como Existencial, que, na verdade, aponta paradoxalmente à negação da existência do garoto com a morte prematura. As expressões circunstanciais já no início do período — “*na sua cova, à beira da estrada*”, “*com uma cruz de dois paus amarrados*” — revelam como eram comuns as mortes à beira da estrada, na penosa caminhada dos retirantes nas constantes migrações. Essa crítica é reforçada nos períodos seguintes em que fica evidente a natureza cíclica desse problema que está longe de ser apenas natural, mas principalmente social.

Pelo que se depreende da microestrutura textual, por meio das expressões de avaliatividade explícita, o pequeno Josias não teria mais “*alguns anos de miséria*”, “*à frente da vida*”, para cair “*no mesmo buraco*”, “*à sombra da mesma cruz*”. Embora o trecho soe determinista em relação ao destino dos filhos dos retirantes, Rachel de Queiroz, ainda que de forma indireta, está levantando, por meio de escolhas lexicais, o problema da desigualdade social. Portanto, de acordo com a abordagem diatextual (MANUT et al, 2012), que propõe uma percepção a partir de uma posição específica do sujeito, o social e o histórico precedem o pessoal. Nesse sentido, a narrativa produz identidade e conhecimento de modo específico, uma vez que Rachel de Queiroz, ao representar a seca como problema perpetuado pela ausência de políticas sociais, abre um possibilidade de questionamento diante dos problemas que não são apenas geográficos.

As expressões de avaliatividade — apreciação negativa — além de compor o cenário natural (*estrada infindável, chamejante e vermelha*) caracterizam também os seres, ocorrência que se dá em *mãos trêmulas, cara sórdida*.

O casal Chico Bento e Cordulina aparece nessa fase do texto sempre como participante Ator em processos Materiais, como “andar”, “fazer”, “marchar”. Eles representam a resistência do sertanejo diante da adversidade, amargando, entretanto, perdas na tentativa de fugir da natureza agreste.

Os processos “querer” (mental) e “chorar” (comportamental) potencializam a ideia de martírio que reina em toda a atmosfera da peregrinação dos retirantes.

Os processos materiais “escalavrar” (dar golpes) e “ferir” estão personificados na própria *miséria impiedosa* que aparece como Ator em processo Material, tendo como Meta os retirantes que constituem as maiores vítimas da seca.

Faz-se necessário observar também, nessa fase do texto, que vários termos que compõem expressões de avaliatividade explícita — afeto, apreciação, julgamento — despertam no leitor uma percepção-julgamento dos valores que motivam o comportamento dos personagens. Assim, relacionando à proposta de Macken-Horarik (2003), Rachel de Queiroz, por meio da intersubjetividade, convida o leitor a sentir com seus personagens, avaliando eticamente seu comportamento. A mudança de avaliatividade, de implícita para explícita, nessa fase da narrativa, de certa forma, escancara a realidade que já não precisa mais ser mitigada.

Finalmente, as expressões: “Lá se tinha ficado o Josias”, “minguando” e “ficou em paz” expandem a metáfora do adeus que Rachel de Queiroz vai construindo ao longo de toda a narrativa. O casal Chico Bento e Cordulina despede-se do pequeno Josias que, ironicamente, morre tentando matar a fome. Seca é também o adeus ao filho.

Já as expressões “alguns anos de miséria à frente da vida” e “cair no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz” sinalizam para um destino inevitável, o determinismo a que está fadado o retirante em constante estado de tensão contra a natureza e o meio social.

O comer era quando Deus fosse servido.

Às vezes paravam num povoado, numa vila. Chico Bento, a custo, sujeitando-se às ocupações mais penosas, arranjava um cruzado, uma rapadura, algum litro de farinha. Mas isso de longe em longe. E se não fosse uma raiz de mucunã arrancada aqui e além, ou alguma batata-brava que a

seca ensina a comer, teriam ficado todos pelo caminho, nessas estradas de barro ruivo, semeado de pedras, por onde eles trotavam trôpegos, se arrastando e gemendo.

Pedro, o mais velho dos pequenos, também tentava um ganho; mas em tempo assim, com tanto homem sem trabalho, quem vai dar o que fazer a menino?

E Cordulina, botando a vergonha de lado, com o Duquinha no quadril — que as privações tinham desensinado de andar, e agora mal engatinhava —, dirigia-se as casas, pedindo um leitinho para dar ao filho, um restinho de farinha ou de goma pra fazer uma papa...

A pobre da burra, que vinham sustentando Deus sabe como, com casca seca de pau e sabugos de monturo, foi emagrecendo, descarnando, até ficar uma dura armação de ossos, envolvida num couro sujo, esburacado de vermelho.

Chico Bento julgou melhor trocá-la por qualquer cinco mil-réis, que ser forçado a abandoná-la por aí, meio morta, em algum pedaço de caminho. Um bodegueiro, em Baturité, lhe ofereceu seis mil réis.

E deixaram a companheira de tantas léguas amarrada a uma estaca de cerca, a cabeça pendendo do cabresto, a cauda roída e suja batendo as moscas das pisaduras.

Eles tinham saído na véspera, de manhã, da Canoa.

Eram duas horas da tarde.

Cordulina, que vinha quase cambaleando, sentou-se numa pedra e falou, numa voz quebrada e penosa:

— Chico, eu não posso mais... Acho até que vou morrer. Dá-me aquela zoeira na cabeça!

Chico Bento olhou dolorosamente a mulher. O cabelo, em falripas sujas, como que gasto, acabado, caía, por cima do rosto, envesgando os olhos, roçando na boca. A pele, empretecida como uma casca, pregueava nos braços e nos peitos, que o casaco e a camisa rasgada descobriam.

A saia roída se apertava na cintura em dobras sórdidas; e se enrolava nos ossos das pernas, como um pano posto a enxugar se enrola nas estacas da cerca.

Num súbito contraste, a memória do vaqueiro confusamente começou a recordar a Cordulina do tempo do casamento.

Viu-a de branco, gorda e alegre, com um ramo de cravos no cabelo oleado e argolas de ouro nas orelhas...

Depois sua pobre cabeça dolorida entrou a tresvariar; a vista turbou-se como as ideias; confundiu as duas imagens, a real e a evocada, e seus olhos visionaram uma Cordulina fantástica, magra como a morte, coberta de grandes panos brancos, pendendo-lhe das orelhas duas argolas de ouro, que cresciam, cresciam, até atingir o tamanho do sol.

No colo da mulher, o Duquinha, também só osso e pele, levava, com um gemido abafado, a mãozinha imunda, de dedos ressequidos, aos pobres olhos doentes.

E com a outra tateava o peito da mãe, mas num movimento tão fraco e tão triste que era mais uma tentativa do que um gesto.

Lentamente o vaqueiro voltou as costas; cabisbaixo, o Pedro o seguiu. E foram andando à toa, devagarinho, costeando a margem da caatinga.

Às vezes, o menino parava, curvava-se, espiando debaixo dos paus, procurando ouvir a carreira de algum tejuauçu que parecia ter passado perto deles, Mas o silêncio fino do ar era o mesmo. E a morna correnteza que ventava passava silenciosa como um sopro de morte; na terra desolada não havia sequer uma folha seca; e as árvores negras e agressivas eram como arestas de pedra, enristadas contra o céu.

Mais longe, numa volta da estrada, a telha encarnada de uma casa brilhava ao sol. Lentamente, Chico Bento moveu os passos trôpegos na sua direção.

De repente, um bé!, agudo e longo, estridulou na calma. É uma cabra ruiva, nambi, de focinho quase preto, estendeu a cabeça por entre a orla de galhos secos do caminho, aguçando os rudimentos de orelha, evidentemente procurando ouvir, naquela distensão de sentidos, uma longínqua resposta a seu apelo.

<u>Chico Bento</u> , perto, OLHAVA - a, <u>com as mãos trêmulas</u> ,
Experienciador                      Mental      Fenômeno                      Circunstância
Apreciação (-)

<u>a garganta áspera,</u> Circunstância	<u>os olhos afoqueados.</u> Circunstância		
Apreciação (-)	Apreciação (-)		
<u>O animal</u> Comportante	<b>SOLTOU</b> Comportamental	novamente Circunstância	<u>o seu <b>CLAMOR AFLITO.</b></u> Comportamento
			Afeto (-)
<b>Cauteloso,</b> Atributo	<u>o vaqueiro</u> Ator	<b>AVANÇOU</b> Material	<u>um passo.</u> Escopo
Julgamento (+)			
<u>E de súbito,</u> Circunstância	<u>em três pancadas</u> Circunstância	<b>secas,</b> Circunstância	<b>rápidas.</b> Circunstância
Apreciação (-)			
<u>O seu cacete de jucá</u> Ator	<b>ZUNIU,</b> Material		
Apreciação (-)			
<u>a cabra</u> Comportante	<b>ENTONTECEU,</b> Comportamental	<b>AMUNHECOU,</b> Comportamental	
	Apreciação (-)	Apreciação (-)	
E [a cabra] Ator	<b>CAIU</b> Material	<u>em cheio</u> Circunstância	<u>por terra.</u> Circunstância

**Discussão:** No trecho, os processos materiais “avançou” e “caiu”, bem como os comportamentais “soltou”, “entonteceu” e “amunhecou” evocam o sentido de luta pela sobrevivência que equipara tanto os humanos quanto os animais, todos vítimas da seca.

As circunstâncias, que descrevem o contexto em que se realizam os processos, coincidem, na sua maioria, com as expressões de avaliatiividade de apreciação com valor negativo. É o que se dá em “mãos trêmulas”, “garganta áspera” e “olhos afoqueados”, que intensificam o padecer da fome crônica e a voracidade com que o vaqueiro mata o único animal que encontra na estrada a fim de



As expressões de avaliatividade de apreciação “movimento febril” e “couro descarnado” constituem uma imagem que pode descrever tanto homens quanto animais. Todos fraquejam e sucumbem diante da seca.

A expressão “cortava”, na formatação de intensidade em que é representada, pode ser metaforicamente coerente com o discurso narrativo (Li, 2010). A seca provoca uma ruptura, um hiato, um corte nas vidas, mudando a rotina dos sertanejos e espalhando cruces à beira da estrada.

Afinal, toda a pele destacada, estirou-se no chão.  
E o vaqueiro, batendo com o cacete no cabo da faca, abriu ao meio a criação morta.  
Mas Pedro, que fitava a estrada, o interrompeu:  
— Olha, pai!  
Um homem de mescla azul vinha para eles em grandes passadas.

[o homem]	AGITAVA	<u>os braços</u>	<b>em fúria,</b>	<b>ao berros:</b>
Ator	Material	Meta	Circunstância	Circunstância
			Julgamento (-)	Julgamento (-)
— <b>Cachorro! Ladrão!</b>				
	MATAR	<u>minha cabrinha!</u>	<b>Desgraçado!</b>	
	Material	Meta	Afeto(+)	Julgamento (-)
Julgamento (-)	Julgamento (-)			
<u>Chico Bento,</u>	<b>tonto,</b>	<b>desnorteado,</b>	DEIXOU	<u>a faca</u> CAIR* e,
Ator	Atributo	Atributo	Material	Meta
* DEIXOU CAIR=DERRUBOU (Material)				
			Julgamento (-)	Julgamento (-)
ainda de cócoras,	TARTAMUDEAVA	<b><u>explicações confusas.</u></b>		
Circunstância	Verbal	Verbiagem		
	Julgamento (-) <i>token</i>	Julgamento (-)		
<u>O homem</u>	<b>AVANÇOU,</b>	<b>ARREBATOU - l</b>	<b>he</b>	<u>a cabra</u>
Ator	Material	Material	Beneficiário	Meta
	Julgamento (-)	Julgamento (-) <i>token</i>		
e procurou	ENROLÁ - <u>la</u>	no couro.		
	Material	Meta	Circunstância	
Dentro da sua <b>perturbação,</b>	<u>Chico Bento</u>	COMPREENDEU	apenas	
Circunstância	Experienciador	Mental		
Julgamento (-) <i>token</i>				

que <u>lhe</u>	<b>TOMAVAM</b>	<u>aquela carne</u>
Beneficiário	Material	Meta
em que <u>seus olhos famintos</u> já se REGALAVAM,		
Experienciador	Mental	
Apreciação (-)		
da qual <u>suas mãos febris</u> já tinham SENTIDO	<u>o calor confortável.</u>	
Experienciador	Mental	Fenômeno
Apreciação (-)	Apreciação (+)	

**Discussão:** Os processos materiais que têm como ator o homem dono da cabra — além de estabelecerem mudanças rápidas no fluxo da cena — denotam violência e indiferença diante da situação do mais fraco. Já o processo verbal “tartamudeava” (gaguejar) reflete justamente o impacto que o personagem Chico Bento tem ao ser surpreendido pelo dono do animal que lhe toma a carne e lhe dirige os improperios, daí a verbiagem “explicações confusas”. E é por meio do processo mental que se dá a tomada de consciência do vaqueiro que, diante da necessidade de sobrevivência, naquele momento, é completamente incapaz de compreender o caráter ilícito do fato, agindo apenas no desespero da fome e motivado pelo sofrimento da família.

As expressões de circunstância vão ampliando gradativamente a atmosfera de tensão e tragicidade do evento.

Quanto à avaliatividade, as expressões de atitude são sempre de julgamento negativo, referindo-se ao dono do animal, e de apreciação negativa referindo-se à forma como se externa a dor do personagem Chico Bento.

Nesse sentido, a narrativa conduz o leitor a uma posição de empatia em relação ao personagem, compreendendo quais valores estavam em jogo no momento em que agiu daquela forma (MACKEN-HORARIK, 2003). É certo que não se pode tomar o que é dos outros, mas a fome leva o vaqueiro a esfolar a cabra que encontrara na estrada a fim de salvar sua família.

As expressões “arreatou” e “tomavam” estabelecem coerência com outras fases da narrativa, à medida que a seca vai pouco a pouco levando o sertanejo à

degradação, à humilhação, tomando-lhes a dignidade, a saúde, a vida e forçando-o a um adeus contínuo. Há metarrelação de confirmação, uma vez que as escolhas de avaliatividade — principalmente as de apreciação negativa — são semelhantes às da fase anterior.

E lhe veio agudamente à lembrança Cordulina exânime na pedra da estrada... o Duquinha tão morto que já nem chorava...

Caindo quase de joelhos, com os olhos vermelhos cheios de lágrimas que lhe corriam pela face áspera, suplicou, de mãos juntas:

— Meu senhor, <b>pelo amor de Deus!</b> <u>Me</u>	DEIXE	<u>um pedaço de carne,</u>
Beneficiário	Material	Meta
Afeto (+) Graduação (+)		
<u>um taquinho</u> ao menos, que DÊ	<u>um caldo</u>	<u>para a mulher mais os meninos.</u>
Meta	Material	Beneficiário
Afeto (+)		
Foi <u>pra eles</u> que <u>eu</u> <b>MATEI!</b>		
Beneficiário	Ator	Material
Afeto (+) Julgamento (+) <i>token</i>		
Já <b>CAÍRAM DE FOME!</b>		
Material	Circunstância	
Apreciação (-)		
— Não DOU <u>nada!</u> <b>Ladrão!</b> <b>Sem vergonha!</b> <b>Cabra sem vergonha!</b>		
Material elíptico	Meta	
Graduação (↑)	Julgamento (-)	Julgamento (-)
		Julgamento (-)

**Discussão:** Os processos materiais nessa fase reforçam a argumentação de Chico Bento sobre a necessidade de alimentar sua família. Trata-se de uma situação extrema — “cair de fome” — que justifica uma medida extrema, traduzida no processo material “matar”. Além disso, esse processo aparece marcado também como avaliação de julgamento positivo, *token*, uma vez que “matar” pode ser considerado vil, visto que Chico Bento não era dono do animal, mas considerado positivo no contexto, já que o ato é motivado pela fome.

Na construção do diálogo entre o dono da cabra e Chico Bento, Rachel de Queiroz evidencia sua identidade em relação aos valores inerentes à situação extrema em que se vê envolvido o personagem Chico Bento. Como

enunciadora, a autora organiza os elos mútuos entre o texto e o contexto, tornando-se intralocutora/interlocutora por meio da argumentação do personagem (Manut et al, 2012).

A expressão “caíram de fome”, sinaliza para o próprio estado crônico de inanição que se manifesta externamente em corpos esqueléticos e faces cadavéricas. Essas apreciações pejorativas são congruentes com todas as caracterizações dos retirantes ao longo da narrativa. São expressões de avaliatividade que partem do individual e refletem no social. Dessa forma, tanto as apreciações negativas, quanto julgamentos representam de forma contundente o processo de degradação dos retirantes, apresentado de forma gradativa durante toda a narrativa.

A energia abatida do vaqueiro não se estimulou nem mesmo diante daquela palavra. Antes se abateu mais, e ele ficou na mesma atitude de súplica.

E o homem disse afinal, num gesto brusco, arrancando as tripas da criação e atirando-as para o vaqueiro:

— Tome! Só se for isto! A um diabo que faz uma desgraça como você fez, dar-se tripas é até demais!...

A faca brilhava no chão, ainda ensanguentada, e atraiu os olhos de Chico Bento.

Veio-lhe um ímpeto de brandi-la e ir disputar a presa, mas foi ímpeto confuso e rápido. Ao gesto de estender a mão, faltou-lhe o ânimo.

O homem, sem se importar com o sangue, pusera no ombro o animal sumariamente envolvido no couro e marchava para a casa cujo telhado vermelhava, lá além.

Pedro, sem perder tempo, apanhou o fato que ficara no chão e correu para a mãe.

Chico Bento ainda esteve uns momentos na mesma postura, ajoelhado.

E antes de [Chico Bento] se ERGUER, CHUPOU <u>os dedos sujos de sangue</u> ,				
Ator	Material	Material	Meta	Apreciação (-)
que lhe DEIXARAM na boca <u>UM GOSTO AMARGO DE VIDA.</u>				
Mental	Circunstância	Fenômeno	Afeto (-)	

**Discussão:** O processo material “erguer-se” interrompe o momento de letargia por que passa Chico Bento diante das agressões verbais do dono da cabra. Ao ver ir embora mais uma oportunidade de alimentar sua família e incapaz de responder às sensações provocadas pela humilhação do momento, resta ao vaqueiro apenas sentir o sabor do sangue nos dedos que se assemelha à amargura da vida.

A expressão “um gosto amargo de vida” cria coerência discursiva ao sinalizar o sofrimento e desamparo dos retirantes na peregrinação que parece não ter fim.

Cordulina acordou de seu letargo e voltou-se espantada para o filho, que vinha com aquelas tripas na mão.

— Que é isso, menino?

— É a tripa de uma criação... o papai matou, mas veio o dono tomar, e por milagre ainda deu o fato...

A mãe se levantou do assento, e, trôpega ainda, tomou na mão as vísceras que sangravam:

— Pois, meu filho, vá até aquela casa ver se arranja um tiquinho de água mode consertar e lavar...

O pequeno bateu e pediu água. Na salinha, com a cabra morta sobre uma mesa, o homem gesticulava com fúria, contando a história à mulher; e vendo chegar o menino, voltou-se, feito uma onça:

— Por aqui ainda, seu cachorro? Não tem água coisa nenhuma! já pra fora! Deviam estar na cadeia! Vamos, já pra fora! Achou pouco o que ainda dei?

Mas às últimas palavras, já Pedro ia longe, assombrado, numa carreira desabalada de cachorro enxotado.

Chegou junto da mãe, chorando de vergonha e de susto:

— O homem botou a gente pra fora, chamando tudo quanto é nome...

E num foguinho de garranchos, arranjado por Cordulina com um dos últimos fósforos que trazia no cós da saia, assaram e comeram as tripas, insossas, sujas, apenas escorridas nas mãos.

#### 4.4 Transcrição e seleção de trechos do capítulo 19

A transcrição do capítulo 19 apresenta, sublinhadas, as partes que serão analisadas, mantendo-se as demais para lhes servir de cotexto.

#### Capítulo 19

Conceição passava quase o dia inteiro no Campo de Concentração, ajudando a tratar, vendo morrer às centenas as criancinhas lazentas e trôpegas que as retirantes atiravam no chão, entre montes de trapos, como um lixo humano que aos poucos se integrava de todo no imundo ambiente onde jazia.

Armado com um cartãozinho do bispo e um bilhete particular de Conceição à senhora que administrava o serviço, Chico Bento conseguiu obter o ambicionado lugar no açude do Tauape.

No bilhete, a moça fazia o possível para comover a destinatária. e a senhora, apesar de já se ter habituado a esses pedidos que falavam sempre numa pobreza extrema e em criancinhas famintas, achou jeito de desentulhar uma pá, e ela mesma guiou o vaqueiro aturdido, com seu ferro na mão, e o entregou ao feitor.

Duramente Chico Bento trabalhou todo o dia no serviço da barragem, sentindo acabar o fôlego, Só de longe em longe parava para descansar o pobre peito cansado e os músculos vadios. E o almoço, ao meio-dia, onde, junto ao pirão, um naco de carne cheiroso emergia, mal o soergueu e animou. Já era tão antiga, tão bem instalada a sua da primeira lasca de carne!..

E até lhe amargou o gosto daquela carne, lembrando-se de que Cordulina, a essa hora, engolia talvez um triste resto de farinha, e junto dela, devorada a magra ração, os meninos choravam...

Mas, à tarde, quando sentiu tinir no bolso o jornal ganho, um novo sentimento o animou.

Tinha finalmente algum dinheiro — só dois níqueis, é bem verdade! — mas dinheiro ganho com seu esforço, com os calangros dos seus braços, e que o auxiliaria a alimentar a filharada esfomeada...

Cordulina já o esperava meio inquieta. Desde que o Josias morrera e o Pedrinho fugira, vivia cheia desses terrores de morte e abandono.

Bastava que Chico Bento demorasse um nada, para que ela andasse aflita, ansiosa, tremendo por qualquer nova desgraça a que chegasse sem se saber como.

Ele trazia um pão, rapadura e um pouco de café.

E o alvoroço da meninada que o acolheu, e lhe arrebatou as compras, bem lhe pagou as tristes horas do dia, curvado sobre a pa, em tempo de morrer de calor e cansaço...

Mais tarde, já deitados, Cordulina lhe falou, meio hesitante:

— Chico, a comadre Conceição, hoje, cansou de me pedir o Duquinha. Anda com um destino de criar uma criança. E se é de ficar com qualquer um, arranjado por aí, mais vale ficar com este, que é afilhado...

— E o que é que você disse?

— Que por mim não tinha dúvida. Dependia do pai...

— E tu não tem pena de dar teus filhos, que nem gato ou cachorro?

— Que é que se é de fazer? O menino cada dia é mais doente... A madrinha quer carregar pra tratar, botar ele bom, fazer dele gente... Se nós pegamos nesta besteira de não dar o mais que se arranja é ver morrer, como o outro...

Chico Bento calou-se e ficou olhando uma estrelinha, quase no rebordo do horizonte, que esmaecia aos poucos, ao passo que a lua vermelha, enorme e lustrosa, ia se levantando devagar. Mas, detrás dele, a mulher insistiu:

— Que foi que você resolveu, Chico?

Sem se voltar, fixando ainda a estrelinha moribunda, ele concordou:

— É... dê... Se é da gente deixar morrer, pra entregar aos urubus, antes botar nas mãos da madrinha, que ao menos faz o enterro...

Numa das vezes em que foi buscar as sobras de comida que Dona Inácia lhe guardava, Cordulina levou o Duca, com a camisinha lavada, escanchado ao quadril, tão triste e tão magro que não tinha para onde descarnar mais, e petrificadas as feições numa careta de choro, parado e sem voz.

Conceição, vendo-a entrar, gritou alegremente:

— Foi de vez, comadre? Agora não leva mais! Pobrezinho de meu afilhado! Que é que tem dentro dessa barriga tão inchada, Manuel?

Mas, mal o quis tomar ao colo, o pequeno acentuou hostilmente a careta chorona e agarrou-se à mãe, incrustando-lhe no ombro a sua pequena garra enegrecida.

Com muito custo, Cordulina o pôs no chão. Duquinha ficou de cócoras, encolhido, agarrado ao pé da mesa, como um bicho bravo assustado, grunhindo surdamente de desconsolo e de medo, a qualquer aproximação.

E para que ele a não visse sair, a mãe, depois de ir à cozinha arrecadar a sua trouxa, retirou-se escondida, passando pela alcova.

Conceição aproximou-se de novo, procurando atrair o afilhado com agrados, com comida. Mas Duquinha não se mexia, agarrado nervosamente ao seu pé de mesa. A moça insistiu. Trouxe um pouco de leite e chegou-o ao menino.

A mãozinha seca empurrou o copo com raiva, com brutalidade, derramando o leite; e na mesma obstinação agressiva ficou repelindo tudo, enquanto Conceição, desolada, já não sabia o que fazer.

Ao meio-dia, Dona Inácia teve uma ideia: fez Conceição, com uma colher, por detrás dele, chegar-lhe um pouco de leite à boca.

Quando o menino cuidou em si, já engolia. E gostando, deixou de se revoltar, chupou sofregamente a colher, e entrou a beber com fúria, com uma pressa áspera e esfaimada, abrindo desmedidamente a boca e reclamando com gritos quando a moça se demorava.

Mas não se movia dali. O bracinho empretecido e seco envolvia sempre o pé da mesa.

E quando enfim dormiu, num sono leve e arfante, foi com susto, com infinitas cautelas que a madrinha o despregou, para o levar à redinha armada perto de sua cama. Vendo isso, Dona Inácia estranhou:

— Para que esses luxos? Por que você não bota o menino no quarto de criada, com a Maria?

— O pobrezinho está tão doente, Mãe Inácia! Pode acordar de noite, e a Maria é mesmo que uma pedra!...

Fosse pela falta da mãe, ou fosse por um atual excesso de alimentação, ou apenas em consequência das misérias sofridas, Duquinha caiu muito doente.

Conceição mal dormia, sempre pertinho da criança, que estirada na rede, com muita febre, não comia, imóvel e indiferente feito um defunto.

Cordulina mal aparecia, sempre de carreira, sem poder abandonar o marido e os outros filhos. E de saída, os olhos agradecidos envolvendo a moça, dizia sempre:

— Deus lhe paga isso, minha comadre! São Francisco das Chagas vai dar à senhora tudo o que o seu coração pedir!

Veio um médico, um moço sério, de óculos, que aplicando no doente o seu termômetro de cordão de ouro, murmurou:

—Trinta e nove e meio!

Conceição perguntou:

— Morre, doutor?

— Não sei... Esses meninos da seca são tão milagrosos que às vezes escapam...

E apalpando os bracinhos ressequidos como asas de penas, as pobres perninhas atrofiadas:

— Mas também que esqueleto a senhora foi arranjar! Há retirantes que têm crianças mais saudáveis...

A moça explicou:

— Este não escolhi, doutor. É porque é meu afilhado...

Então é como um defuntinho que minha mulher recebeu, também porque era afilhado. Tinha vindo a pé desde o Icó! Mas morreu...

E ao se afastar, acrescentou:

— No entanto, tenha esperança... Pode ser... Há tanto milagre no mundo!

Quinze dias compridos e angustiados Duquinha levou para uma melhora sensível.

Enfim já se sentava na rede e pegava com as mãos incertas a tigela de leite ou de caldo. E já não olhava a madrinha com a primitiva expressão assustada. Tinha para ela olhares agradecidos e meigos, que a acompanhavam a circular no quarto, e demoravam longamente, com uma fixidez brilhante, nas pregas do seu vestido branco, nos laços de suas tranças. Conceição toda se desvelava em exageros de maternidade. E a avó, vendo o cuidado dela, e o carinho com que cercava a criança, dizia às vezes:

— Ali, menina! quando acaba, você diz que não é boa para casar!...

Uma tarde, no Campo, Chico Bento chamou Conceição à parte, com ares preocupados:

— Comadre, se a senhora me desse uma palavrinha... Ela se aproximou, sentou-se:

— O que é, compadre?

O vaqueiro pigarreou, cuspiu para o lado, procurou a frase inicial:

Minha comadre, quando eu saí do meu canto era determinado a me embarcar para o Norte. Com a morte do Josias e a fuga do outro, a mulher desanimou e pegou numa choradeira todo dia, com medo de perder o resto... Eu queria primeiro que a senhora desse uns conselhos a ela; e ao depois que me arranjassem umas passagenzinhas pro vapor. Esse negócio de morrer menino é besteira...

Morre quando chega o dia, ou quando Deus Nosso Senhor é servido de tirar...

Conceição mordeu o lábio, pensativa:

— Isso não, compadre! Eu acho que a comadre tem uma certa razão...

Estas crianças não suportam uma viagem numa gaiola, de Amazonas acima... E mesmo que aguentem o navio, o que é que fazem com as doenças? Chico Bento lembrou:

Cordulina voltou, assombrada:

— Que Maranhão, Chico, Deus me livre! Tu não tens visto dizer que morre lá família inteira de sezão, que nem se fosse de peste?...

Conceição assentiu, riscando pensativamente com a unha as pregas da saia:

— E... eu tenho ouvido dizer que há muita febre no Maranhão ... Também acho que não serve para vocês...

Chico Bento deixou cair os braços magros, num gesto de desânimo:

— Então que é que se há de fazer? A senhora bem está vendo que eu não posso ficar aqui, nesta desgraça... Serviço no Tauape quase não tem mais... Onde é que eu arranjo com que dar de comer aos filhos, se não for de esmola?

Àquela alegação amarga e justa, Conceição calou-se; depois murmurou lentamente:

— Lá isso é... Mas também o Amazonas, hoje, não vale a pena... Nem ao menos borracha está dando dinheiro. E no Maranhão, pelo que dizem, é mesmo que ir buscar a morte...

E ficaram os três indecisos, calados. Conceição atentando novamente nas pregas de sua saia, Cordulina com as mãos cruzadas no regaço e os olhos baixos, Chico Bento apalpando tristemente a cara ossuda, com a vista perdida num ponto indeterminado.

Perto deles, o cego da viola cantava para seu auditório esmolambado; e a toada dolorida chegava de mistura com o hálito doentio do Campo:

*“No céu entra quem merece,  
No mundo vale quem tem...  
Eu como tenho vergonha  
Não peço nada a ninguém...  
Que me parece quem pede*

*Ser cativo de quem tem...”*

Subitamente, Conceição teve uma ideia:

— Por que vocês não vão para São Paulo? Diz que lá é muito bom... Trabalho por toda parte, clima sadio... Podem até enriquecer...

O vaqueiro levantou os olhos, e concordou, pausadamente:

— É... Pode ser... Boto tudo nas suas mãos, minha comadre. o que eu quero é arribar. Pro Norte ou pro Sul...

Timidamente, Cordulina perguntou:

—E é muito longe, o São Paulo? Mais longe do que o Amazonas?

— Quase a mesma coisa. E lá não tem sezão, nem boto, nem jacaré... É uma terra rica, sadia...

Chico Bento ajuntou:

— Eu já tenho ouvido contar muita coisa boa do São Paulo. Terra de dinheiro, de café, cheia de marinheiro... Conceição levantou-se, rebatendo o vestido:

— Pois então está dito: São Paulo! Vou tratar de obter as passagens. Quero ver se daqui a alguns anos voltam ricos...

Com seu modo tímido, Cordulina chegou-se a ela:

— E o Manuel?

— Ah! Esse é meu, não dou mais, Vou fazer dele um homem! Não, comadre, aquele vocês não levam!..

E despedindo-se, Conceição saiu vagarosamente, pensando que poderia dar bom impulso à roda daqueles destinos, levando-os a um caminho melhor, mais suave e mais largo...

#### **4.4.1 Análise do contexto situacional do capítulo 19**

A seguir, apresenta-se a análise do registro — campo, relações e modo, do capítulo 19.

**Campo:** Já em Fortaleza, Chico Bento e a sua família são instalados no campo de concentração do Alagadiço. A situação é mais complicada, pois a fome e a morte são presentes também naquele lugar de condições precárias. Conceição, professora solteira de 22 anos, trabalha como voluntária na ajuda aos flagelados. Numa das visitas ao campo de concentração, a moça encontra a família de Chico Bento que já era conhecida de Conceição desde o tempo em que trabalhavam nas Oroeiras. Na época, Conceição fora convidada para batizar o filho mais novo de Chico Bento, Duquinha. Penalizada com a situação da família de Chico Bento, ela pede para ficar com Duinginha e criá-lo. Chico Bento e a sua mulher não querem deixar o filho, mas compreendem que ele terá mais chances de sobreviver com a madrinha. A criança está bem doente, quase morrendo de inanição. Entretanto, com a dedicação da madrinha e a ajuda de um médico, o garoto se recupera e se adapta à nova família. Mesmo em Fortaleza, Chico Bento não encontra muitas oportunidades de emprego. A fim de ajudá-los, Conceição compra uma passagem para Chico Bento e a sua

família se mudarem para São Paulo, onde as chances de sobrevivência são maiores e poderão construir sua vida com mais dignidade.

**Relação:** Chico Bento, vaqueiro retirante, Cordulina, sua esposa e Conceição, professora voluntária no Campo de Concentração e amiga do casal. Distância social mínima entre os participantes. Duquinha, filho mais novo de Chico Bento, ao ser adotado pela madrinha, sente a ausência da mãe e trata Conceição com certo distanciamento.

**Modo:** Verbal escrito (capítulo de romance). Texto narrativo em terceira pessoa. Constitui-se o enredo de uma prosa enxuta e viva. Os períodos são, em geral, breves. O diálogo é corrente.

#### 4.4.2 Análise da transitividade e da avaliatividade do capítulo 19

<u>Conceição</u>	<b>PASSAVA</b>	<u>quase o dia inteiro</u>	no	<b>Campo de Concentração,</b>
Ator	Material	Circunstância		Circunstância
	Afeto (+) <i>token</i>			Av. Social (-) <i>token</i>
ajudando a	<b>TRATAR,</b>	[ <u>Conceição</u> ]	VENDO	MORRER
	Material elíptico	Experienciador	Mental	Comportamental
	Afeto (+)			
<u>às centenas</u>	<u>as criancinhas lazarentas e trôpegas</u>			
Circunstância		Fenômeno de VENDO		
		Comportante de MORRER		
Graduação (↑)	Afeto (+)		Julgamento (-)	
que	<u>as retirantes</u>	<b>ATIRAVAM</b>	<u>no chão,</u>	<u>entre montes de trapos,</u>
Meta	Ator	Material	Circunstância	Circunstância
	Av. Social (-)	Afeto (-)	Apreciação (-)	Apreciação (-)
<b>como lixo humano</b>	<u>que</u>	<u>aos poucos</u>	se INTEGRAVA	<b>de todo</b>
	Ator	Circunstância	Material	
Av. Social (-)				Graduação (↑)

<b><u>no imundo ambiente</u></b> onde JAZIA.
Circunstância Material
Apreciação (-)

**Discussão:** Trecho marcado predominantemente por processos materiais. Vale ressaltar que o processo “tratar” apresenta a personagem Conceição como ator e as crianças dos retirantes como meta. Já o processo material “atirar” apresenta como ator as retirantes, e meta as criancinhas mortas. Assim, de forma contrastante, de um lado, temos o cuidado da personagem Conceição, inclusive como experienciador do processo mental “vendo” e, de outro, o comportamento das retirantes em relação à morte dos próprios filhos. Pelas escolhas lexicais que Rachel de Queiroz faz ao descrever certa rudeza com que as mães “atiravam” no chão as crianças mortas, já sinaliza para o leitor uma situação que se tornara tão comum naquele ambiente que é possível compreender a crítica social implícita em relação aos chamados Campos de Concentração. Para lá era encaminhado um contingente de flagelados, não para ser tratado ou socorrido, mas mantido ali a fim de que não levassem miséria e sujeira para o centro da cidade (TRAVASSOS, 2011).

Em relação à avaliatividade, as expressões atitudinais de afeto projetam os sentimentos e as experiências externas da personagem Conceição no cuidado com os flagelados e, por meio do processo de intersubjetividade, fazem com que o leitor ‘supervisione’ o personagem, avaliando eticamente seu comportamento, bem como a compreensão das motivações que o levaram a agir daquela maneira (MACKEN-HORARIK, 2003).

Ainda no que se refere à avaliatividade, o trecho apresenta ainda algumas avaliações sociais negativas — “Campo de Concentração”, “retirantes”, “como lixo humano”, — e expressões de apreciação também negativas — “entre montes de trapos”, “no imundo ambiente” — que, de certa forma, sinalizam para o aspecto mais sombrio da narrativa em que o ser humano, naquele cenário de miséria e desolação, é reduzido a lixo, a trapos velhos. Essa coisificação do ser, associada ao isolamento a que foi relegado aquele contingente de flagelados, constitui uma evidente crítica social na medida em que denuncia a omissão do Estado que — ao mesmo tempo que mostra sua

preocupação em preservar as famílias mais ricas de Fortaleza — não dispunha de condições mínimas de sobrevivência aos menos favorecidos.

Armado com um cartãozinho do bispo e um bilhete particular de Conceição à senhora que administrava o serviço, Chico Bento conseguiu obter o ambicionado lugar no açude do Tauape.

No bilhete, a moça fazia o possível para comover a destinatária e a senhora, apesar de já se ter habituado a esses pedidos que falavam sempre numa pobreza extrema e em criancinhas famintas, achou jeito de desentulhar uma pá, e ela mesma guiou o vaqueiro aturdido, com seu ferro na mão, e o entregou ao feitor.

Duramente Chico Bento trabalhou todo o dia no serviço da barragem, sentindo acabar o fôlego, Só de longe em longe parava para descansar o pobre peito cansado e os músculos vadios. E o almoço, ao meio-dia, onde, junto ao pirão, um naco de carne cheiroso emergia, mal o soergueu e animou. Já era tão antiga, tão bem instalada a sua da primeira lasca de carne!..

E até lhe amargou o gosto daquela carne, lembrando-se de que Cordulina, a essa hora, engolia talvez um triste resto de farinha, e junto dela, devorada a magra ração, os meninos choravam...

Mas, à tarde, quando sentiu tinir no bolso o jornal ganho, um novo sentimento o animou.

Tinha finalmente algum dinheiro — só dois níqueis, é bem verdade! — mas dinheiro ganho com seu esforço, com os calangros dos seus braços, e que o auxiliaria a alimentar a filharada esfomeada...

Cordulina já o esperava meio inquieta. Desde que o Josias morrera e o Pedrinho fugira, vivia cheia desses terrores de morte e abandono.

Bastava que Chico Bento demorasse um nada, para que ela andasse aflita, ansiosa, tremendo por qualquer nova desgraça a que chegasse sem se saber como.

Ele trazia um pão, rapadura e um pouco de café.

E o alvoroço da meninada que o acolheu, e lhe arrebatou as compras, bem lhe pagou as tristes horas do dia, curvado sobre a pa, em tempo de morrer de calor e cansaço...

Mais tarde, já deitados, Cordulina lhe falou, meio hesitante:

— Chico, a comadre Conceição, hoje, cansou de me pedir o Duquinha. Anda com um destino de criar uma criança. E se é de ficar com qualquer um, arranjado por aí, mais vale ficar com este, que é afilhado...

— E o que é que você disse?

— Que por mim não tinha dúvida. Dependia do pai...

— E <u>tu</u> não TEM pena de <b>DAR</b> <u>teus filhos</u> , que nem gato ou cachorro?	
Portador	Relacional Atributo Material Meta
Julgamento (-) Afeto (-)	
A <u>mulher</u> se JUSTIFICOU <b>amargamente</b> :	
Dizente	Verbal Circunstância
Afeto (+) <i>token</i>	
— Que é que se é de FAZER? <u>O menino</u> <u>cada dia</u> É <b>mais doente</b> ...	
Material	Portador Circunstância Relacional Atributo
Graduação(↑) Apreciação (-)	
A <u>madrinha</u> quer <b>CARREGAR*</b> [ <u>o menino</u> ] pra <b>TRATAR</b> , BOTAR <u>ele</u> bom,	
Ator	Material Material Material Material Meta Atributo
Carregar=levar	
Afeto (+) Afeto (+)	

FAZER <u>dele gente</u> ... Se <u>nós</u> PEGAMOS <u>nessa besteira</u> de não DAR [o menino]	Material	Meta	Atributo	Experienciador	Mental	Fenômeno	Material	Meta
Afeto (+)								
o mais que se arranja é <b>VER</b> [o menino] <b>MORRER</b> , como o outro...								
			Mental	Fenômeno	Existencial			
Julgamento (-)								
<u>Chico Bento</u> CALOU-SE e ficou OLHANDO <u>uma estrelinha</u> ,	Comportante	Comportamental		Mental		Fenômeno		
Afeto (+)								
quase no rebordo do horizonte, que <b>ESMAECIA</b> aos poucos,								
			Circunstância	Ator	Material	Circunstância		
Apreciação (-)								
ao passo que a <u>lua vermelha</u> , <b>enorme e lustrosa</b> , ia se LEVANTANDO devagar.								
			Ator	Atributo		Material	Circunstância	
Apreciação (+)								
Mas detrás dele, <u>a mulher</u> INSISTIU:								
		Circunstância	Dizente	Verbal				
— Que foi que <u>você</u> RESOLVEU, Chico?								
Experienciador Mental								
Sem se voltar, FIXANDO ainda <u>a estrelinha moribunda</u> , <u>ele</u> CONCORDOU:								
		Circunstância	Mental		Fenômeno	Experienciador	Mental	
Apreciação (-)								
— É... DÊ... Se é <u>da gente</u> <b>DEIXAR</b> [o menino] <b>MORRER</b> ,								
			Experienciador	Mental		Comportamental		
Julgamento (-)								
pra <b>ENTREGAR</b> [o menino] <b>aos urubus</b> ,								
		Material	Meta	Beneficiário				
				Julgamento (-)	Apreciação (-)			

Antes BOTAR	<b>nas mãos da madrinha, que ao menos FAZ o ENTERRO*.</b>	
Material	Circunstância	*Faz o enterro=enterrar (Material)
	Afeto (+)	Julgamento (+)

**Discussão:** Trecho marcado pelo diálogo entre Chico Bento e Cordulina. Os argumentos da mulher são construídos a partir de processos materiais transformativos — “carregar”, “tratar”, “botar”(criar), “fazer”. Embora Cordulina sinta mais uma perda, acredita que, dando o garoto para adoção, será uma forma de salvá-lo da morte. Nesse sentido, deixar Conceição criar o garoto será transformar o seu destino.

Por outro lado, os processos mentais “ver”, “olhando”, “concordou”, “fixando” revelam o silenciamento de Chico Bento diante da impossibilidade de refutar os argumentos da esposa. Sua inércia se traduz pelo processo comportamental “calou-se”. Dessa forma, por meio do dialogismo dialético (BAKHTIN, 1979) que exerceu forte influência na abordagem diatextual (MANUT et al, 2012), é possível compreender que o texto queiroziano faz emergir um discurso (FAIRCLOUGH, 1995) que, de certa forma, legitimava práticas sociais muito comuns em meio às grandes secas — doar os filhos para evitar que morressem de fome.

O processo relacional “é” caracteriza o estado de saúde do menino, que revela novamente a iminência de perda de mais um filho.

Algumas expressões de avaliatividade de atitude de afeto, combinadas com avaliação social negativa revelam o inconformismo do vaqueiro diante da necessidade de “dar” o menino, uma prática muito comum entre os retirantes que acabavam dando seus filhos ou até alugando crianças para outras pessoas pedirem esmolas. É o que se denota da expressão “que nem gato e cachorro”.

Temos nessa fase do texto a metarrelação de confirmação da avaliação social negativa (MACKEN-HORARIK, 2003), uma vez que cria equivalência com fases anteriores, a partir de expressões avaliativas similares que sinalizam crítica a social.

Em “amargamente” temos uma avaliação de atitude de afeto implícita (*token*), positiva apenas no contexto, em que a mãe justifica o fato de ter de entregar o filho para ser criado pela madrinha, mas, na verdade, ela sofre como o marido.

Nota-se que todo diálogo esbarra novamente entre os limites da vida e da morte. Paradoxalmente, morrer ou viver, ambos apontam para a separação, para um novo adeus. A adoção que poderá salvar a criança é também a despedida dos pais biológicos.

As expressões “dar”, “entregar” e “deixar morrer” evocam a metáfora conceptual da despedida que organiza de forma coerente a tensão entre ficar e partir, viver e morrer.

A própria figura da “estrelinha moribunda, no rebordo do horizonte” corrobora para a metáfora da esperança do casal que vai “esmaecendo”, com a perda de outro filho. Mais uma vez tem-se que a seca é adeus. Novamente a família de Chico Bento está às voltas com outra despedida. Agora, é a do filho caçula, o Duquinha, que será dado para adoção. A diferença, entretanto, é que esse adeus acena como uma esperança de vida melhor, pelo menos para o garoto.

Numa das vezes em que foi buscar as sobras de comida que Dona Inácia lhe guardava, Cordulina levou o Duca, com a camisinha lavada, escanchado ao quadril, tão triste e tão magro que não tinha para onde descarnar mais, e petrificadas as feições numa careta de choro, parado e sem voz.

Conceição, vendo-a entrar, gritou alegremente:

— Foi de vez, comadre? Agora não leva mais! Pobrezinho de meu afilhado! Que é que tem dentro dessa barriga tão inchada, Manuel?

Mas, mal o quis tomar ao colo, o pequeno acentuou hostilmente a careta chorona e agarrou-se à mãe, incrustando-lhe no ombro a sua pequena garra enegrecida.

Com muito custo, Cordulina o pôs no chão. Duquinha ficou de cócoras, encolhido, agarrado ao pé da mesa, como um bicho bravo assustado, grunhindo surdamente de desconsolo e de medo, a qualquer aproximação.

E para que ele a não visse sair, a mãe, depois de ir à cozinha arrecadar a sua trouxa, retirou-se escondida, passando pela alcova.

Conceição aproximou-se de novo, procurando atrair o afilhado com agrados, com comida. Mas Duquinha não se mexia, agarrado nervosamente ao seu pé de mesa. A moça insistiu. Trouxe um pouco de leite e chegou-o ao menino.

A mãozinha seca empurrou o copo com raiva, com brutalidade, derramando o leite; e na mesma obstinação agressiva ficou repelindo tudo, enquanto Conceição, desolada, já não sabia o que fazer.

Ao meio-dia, Dona Inácia teve uma ideia: fez Conceição, com uma colher, por detrás dele, chegar-lhe um pouco de leite à boca.

Quando o menino cuidou em si, já engolia. E gostando, deixou de se revoltar, chupou sofregamente a colher, e entrou a beber com fúria, com uma pressa áspera e esfaimada, abrindo desmedidamente a boca e reclamando com gritos quando a moça se demorava.

Mas não se movia dali. O bracinho empretecido e seco envolvia sempre o pé da mesa.

E quando enfim dormiu, num sono leve e arfante, foi com susto, com infinitas cautelas que a madrinha o despregou, para o levar à redinha armada perto de sua cama. Vendo isso, Dona Inácia estranhou:

— Para que esses luxos? Por que você não bota o menino no quarto de criada, com a Maria?

— O pobrezinho está tão doente, Mãe Inácia! Pode acordar de noite, e a Maria é mesmo que uma pedral!...

Fosse pela falta da mãe, ou fosse por um atual excesso de alimentação, ou apenas em consequência das misérias sofridas, Duquinha caiu muito doente.

Conceição mal dormia, sempre pertinho da criança, que estirada na rede, com muita febre, não comia, imóvel e indiferente feito um defunto.

Cordulina mal aparecia, sempre de carreira, sem poder abandonar o marido e os outros filhos. E de saída, os olhos agradecidos envolvendo a moça, dizia sempre:

— Deus lhe paga isso, minha comadre! São Francisco das Chagas vai dar à senhora tudo o que o seu coração pedir!

Veio um médico, um moço sério, de óculos, que aplicando no doente o seu termômetro de cordão de ouro, murmurou:

—Trinta e nove e meio!

Numa das vezes em que foi buscar as sobras de comida que Dona Inácia lhe guardava, Cordulina levou o Duca, com a camisinha lavada, escanchado ao quadril, tão triste e tão magro que não tinha para onde descarnar mais, e petrificadas as feições numa careta de choro, parado e sem voz.

Conceição, vendo-a entrar, gritou alegremente:

— Foi de vez, comadre? Agora não leva mais! Pobrezinho de meu afilhado! Que é que tem dentro dessa barriga tão inchada, Manuel?

Mas, mal o quis tomar ao colo, o pequeno acentuou hostilmente a careta chorona e agarrou-se à mãe, incrustando-lhe no ombro a sua pequena garra enegrecida.

Com muito custo, Cordulina o pôs no chão. Duquinha ficou de cócoras, encolhido, agarrado ao pé da mesa, como um bicho bravo assustado, grunhindo surdamente de desconsolo e de medo, a qualquer aproximação.

E para que ele a não visse sair, a mãe, depois de ir à cozinha arrecadar a sua trouxa, retirou-se escondida, passando pela alcova.

Conceição aproximou-se de novo, procurando atrair o afilhado com agrados, com comida. Mas Duquinha não se mexia, agarrado nervosamente ao seu pé de mesa. A moça insistiu. Trouxe um pouco de leite e chegou-o ao menino.

A mãozinha seca empurrou o copo com raiva, com brutalidade, derramando o leite; e na mesma obstinação agressiva ficou repelindo tudo, enquanto Conceição, desolada, já não sabia o que fazer.

Ao meio-dia, Dona Inácia teve uma ideia: fez Conceição, com uma colher, por detrás dele, chegar-lhe um pouco de leite à boca.

Quando o menino cuidou em si, já engolia. E gostando, deixou de se revoltar, chupou sofregamente a colher, e entrou a beber com fúria, com uma pressa áspera e esfaimada, abrindo desmedidamente a boca e reclamando com gritos quando a moça se demorava.

Mas não se movia dali. O bracinho empretecido e seco envolvia sempre o pé da mesa.

E quando enfim dormiu, num sono leve e arfante, foi com susto, com infinitas cautelas que a madrinha o despregou, para o levar à redinha armada perto de sua cama. Vendo isso, Dona Inácia estranhou:

— Para que esses luxos? Por que você não bota o menino no quarto de criada, com a Maria?

— O pobrezinho está tão doente, Mãe Inácia! Pode acordar de noite, e a Maria é mesmo que uma pedra!...

Fosse pela falta da mãe, ou fosse por um atual excesso de alimentação, ou apenas em consequência das misérias sofridas, Duquinha caiu muito doente.

Conceição mal dormia, sempre pertinho da criança, que estirada na rede, com muita febre, não comia, imóvel e indiferente feito um defunto.

Cordulina mal aparecia, sempre de carreira, sem poder abandonar o marido e os outros filhos. E de saída, os olhos agradecidos envolvendo a moça, dizia sempre:

— Deus lhe paga isso, minha comadre! São Francisco das Chagas vai dar à senhora tudo o que o seu coração pedir!

Veio um médico, um moço sério, de óculos, que aplicando no doente o seu termômetro de cordão de ouro, murmurou:

—Trinta e nove e meio!

<u>Conceição</u>	PERGUNTOU:
Dizente	Verbal
— <i>MORRE</i> , doutor?	
Existencial	

— Não SEI...	<u>Esses meninos da seca</u>	SÃO	<u>tão milagrosos</u>
Mental elíptico	Portador	Relacional	Atributo
	Av. Social (-)		Graduação (↑) Afeto (+)
que <u>às vezes</u> ESCAPAM...			
	Circunstância	Material	
	Mod. Probabilidade		
E APALPANDO <u>os bracinhos ressequidos</u> como <u>asas depenadas</u> ,			
Material	Meta		Atributo
	Afeto (+) <i>token</i>		Apreciação (-)
<u>as pobres perninhas atrofiadas:</u>			
	Atributo		
	Afeto (+) <i>token</i>		
— Mas também que <u>esqueleto</u> <u>a senhora</u> foi <u>ARRANJAR!</u>			
	Meta	Ator	Material
	Apreciação (-)		Julgamento (-)
HÁ <u>retirantes</u> que TÊM <u>crianças mais sadias...</u>			
Existencial Existente	Portador	Relaciona	Atributo
			Graduação (↑) Apreciação (+)
<u>A moça</u> EXPLICOU:			
Dizente	Verbal		
— <u>Este</u> não ESCOLHI, doutor. É porque [o menino] É <u>meu afilhado...</u>			
Fenômeno	Mental	Portador Relacional	Atributo
			Afeto (+)
— Então [ele] É <u>como um defuntinho</u> que <u>minha mulher</u> RECEBEU,			
Portador	Relacional	Atributo	Meta Beneficiário
			Material
			Apreciação (-)/Afeto (+)
também porque ERA <u>afilhado</u> . Tinha VINDO a pé desde o Icó!			
	Relacional	Atributo	Material
			Circunstância

Mas , MORREU...	
Existencial	
— No entanto, <b>TENHA ESPERANÇA</b> *... <b>Pode ser...</b>	
Mental	
Ter esperança= acreditar	
Julgamento (+)	Mod. Probabilidade
HÁ <b><u>tanto MILAGRE</u></b> <u>no mundo!</u>	
Existencial	Existente Circunstância
Graduação (↑) Afeto (+)	

**Discussão:** Trecho marcado por passagens dialógicas, introduzidas pelos processos verbais “explicou” e “perguntou”. As verbiagens ampliam o contexto da narrativa e têm como participantes – dizente – as personagens Conceição e o médico.

Os processos relacionais, seguidos dos seus atributos, caracterizam o estado precário das crianças dos retirantes. Há, entretanto, na citação do médico, uma característica peculiar que essas crianças apresentam: conseguir sobreviver em meio a tanta adversidade, o que produz um significado coerente com a escolha do atributo “milagrosos”.

Os processos materiais que têm como ator a personagem Conceição apresentam como meta a criança doente, o que, de certa forma, demonstra o esforço da personagem no resgate aos flagelados.

Em relação à avaliatividade, as expressões de atitude de afeto “bracinhos ressequidos” e “pobres perninhas atrofiadas” constituem *tokens*, expressões que, embora negativas isoladamente, são positivas no contexto à medida que aproximam o leitor da situação de penúria e subnutrição dos retirantes. O leitor, por meio da empatia, é levado aqui a “sentir” com os personagens e a avaliar as motivações que levaram Conceição a adotar o filho de Chico Bento (MACKEN-HORARIK, 2003).

Há também avaliação social negativa em “meninos da seca” que aponta para uma questão bastante comum na caracterização das crianças, filhos dos retirantes, ou seja, crianças em meio a tanta miséria, jamais chegariam à fase adulta. E as avaliações de apreciação negativas — “esqueleto” e “asas

depenadas” — são escolhas de avaliatividade que dão maior extensão ao quadro de miséria (metarrelação de confirmação) e compõem um cenário bastante deprimente do flagelo a que estavam submetidos adultos e crianças.

O processo existencial “há” no final dessa fase da narrativa — “há tanto milagre no mundo” — cria um elemento novo, ou seja, o fato de o menino sobreviver após tantas desventuras é um milagre. Rachel de Queiroz abre a possibilidade de um novo olhar que abranda as cores da tragédia. Em meio a tanta miséria é possível ter esperança.

O termo “milagre”, combinado com a expressão de modalização de probabilidade “pode ser” abre uma possibilidade para um rumo diferente no desfecho da narrativa, eivada de tantas despedidas. Pelo menos para o filho caçula de Chico Bento e Cordulina, a “esperança” a que se refere o médico acena como um sinal de que a criança vingará e chegará à fase adulta, graças ao esforço da madrinha.

Quinze dias compridos e angustiados Duquinha levou para uma melhora sensível.

Enfim já se sentava na rede e pegava com as mãos incertas a tigela de leite ou de caldo. E já não olhava a madrinha com a primitiva expressão assustada. Tinha para ela olhares agradecidos e meigos, que a acompanhavam a circular no quarto, e demoravam longamente, com uma fixidez brilhante, nas pregas do seu vestido branco, nos laços de suas tranças. Conceição toda se desvelava em exageros de maternidade. E a avó, vendo o cuidado dela, e o carinho com que cercava a criança, dizia às vezes:

— Ali, menina! quando acaba, você diz que não é boa para casar!...

Uma tarde, no Campo, Chico Bento chamou Conceição à parte, com ares preocupados:

— Comadre, se a senhora me desse uma palavrinha... Ela se aproximou, sentou-se:

— O que é, compadre?

O vaqueiro pigarreou, cuspiu para o lado, procurou a frase inicial:

Minha comadre, quando eu saí do meu canto era determinado a me embarcar para o Norte. Com a morte do Josias e a fuga do outro, a mulher desanimou e pegou numa choradeira todo dia, com medo de perder o resto... Eu queria primeiro que a senhora desse uns conselhos a ela; e ao depois que me arranjasse umas passagenzinhas pro vapor. Esse negócio de morrer menino é besteira...

Morre quando chega o dia, ou quando Deus Nosso Senhor é servido de tirar...

Conceição mordeu o lábio, pensativa:

— Isso não, compadre! Eu acho que a comadre tem uma certa razão...

Estas crianças não suportam uma viagem numa gaiola, de Amazonas acima... E mesmo que aguentem o navio, o que é que fazem com as doenças? Chico Bento lembrou:

Cordulina voltou, assombrada:

— Que Maranhão, Chico, Deus me livre! Tu não tens visto dizer que morre lá família inteira de sezão, que nem se fosse de peste?...

Conceição assentiu, riscando pensativamente com a unha as pregas da saia:

— E... eu tenho ouvido dizer que há muita febre no Maranhão ... Também acho que não serve para vocês...

Chico Bento deixou cair os braços magros, num gesto de desânimo:

— Então que é que se há de fazer? A senhora bem está vendo que eu não posso ficar aqui, nesta desgraça... Serviço no Tauape quase não tem mais... Onde é que eu arranjo com que dar de comer aos filhos, se não for de esmola?

Àquela alegação amarga e justa, Conceição calou-se; depois murmurou lentamente:

— Lá isso é... Mas também o Amazonas, hoje, não vale a pena... Nem ao menos borracha está dando dinheiro. E no Maranhão, pelo que dizem, é mesmo que ir buscar a morte...

E ficaram os três indecisos, calados. Conceição atentando novamente nas pregas de sua saia, Cordulina com as mãos cruzadas no regaço e os olhos baixos, Chico Bento apalpando tristemente a cara ossuda, com a vista perdida num ponto indeterminado.

Perto deles, o cego da viola cantava para seu auditório esmolambado; e a toada dolorida chegava de mistura com o hálito doentio do Campo:

*“No céu entra quem merece,  
No mundo vale quem tem...  
Eu como tenho vergonha  
Não peço nada a ninguém...  
Que me parece quem pede  
Ser cativo de quem tem...”*

Subitamente, Conceição teve uma ideia:

— Por que vocês não vão para São Paulo? Diz que lá é muito bom... Trabalho por toda parte, clima sadio... Podem até enriquecer...

O vaqueiro levantou os olhos, e concordou, pausadamente:

— É... Pode ser... Boto tudo nas suas mãos, minha comadre. o que eu quero é arribar. Pro Norte ou pro Sul...

Timidamente, Cordulina perguntou:

—E é muito longe, o São Paulo? Mais longe do que o Amazonas?

— Quase a mesma coisa. E lá não tem sezão, nem boto, nem jacaré... É uma terra rica, sadia...

Chico Bento ajuntou:

— <u>Eu</u> tenho OUVIDO CONTAR <u>muita coisa boa de São Paulo.</u>			
Experienciador	Mental	Verbal	Fenômeno
Graduação (↑) Afeto (+)			
<b><u>Terra de dinheiro, de café, cheia de marinheiro...</u></b>			
Atributo			
Apreciação (+) Apreciação (+) Graduação (↑) Apreciação (+)			
<u>Conceição</u> LEVANTOU-SE, REBATENDO <u>o vestido:</u>			
Ator	Material	Material	Meta
— Pois então está DITO*: <u>São Paulo.</u> Vou tratar de OBTER <u>AS PASSAGENS.</u>			
	Mental	Citação	Material elíptico
DITO: metáfora do processo (mental cognitivo)= então está decidido			
Afeto (+)			
Quero VER se daqui a alguns anos VOLTAM <u>ricos...</u>			
Mental elíptico	Circunstância	Material	Atributo
Julgamento (+)			

**Discussão:** A personagem Conceição é ator em processo material. Sua conduta, além de integrar alto grau de humanidade para com todos os flagelados, está especialmente direcionada na ajuda à família de Chico Bento. Os processos mental e verbal inserem outras vozes na narrativa, mas ressoam como novas perspectivas para o casal recomeçar sua história.

Em relação à avaliatividade, as expressões de atitude de afeto e apreciação são positivas, apontando São Paulo como lugar de prosperidade e ascensão social, daí o termo “ricos” como julgamento positivo. Nota-se que, especialmente no final desse estágio, as escolhas de avaliatividade tendem a ser positivas, criando contraste com as fases anteriores (metarrelação de oposição). Tem-se, portanto, um vislumbre de esperança para a família de Chico Bento após tantas perdas.

Com seu modo tímido, Cordulina chegou-se a ela:

— E o Manuel?

— Ah! Esse é meu, não dou mais, Vou fazer dele um homem! Não, comadre, aquele vocês não levam!..

E <i>DESPEDINDO-SE</i> , <u>Conceição</u> SAIU <u>vagarosamente</u> , PENSANDO				
Verbal	Ator	Material	Circunstância	Mental
Dizente: Conceição			Experienciador: Conceição	
que <b>pod</b> eria DAR <b>bom impulso</b> à <u>roda daqueles destinos</u> ,				
Ator	Material	Meta	Beneficiário	
Mod. Probabilidade		Afeto (+)		
LEVANDO - <u>os</u> <b>a UM CAMINHO MELHOR, MAIS SUAVE E MAIS LARGO...</b>				
Material	Meta	Escopo		
Afeto (+)				

**Discussão:** Pelos processos materiais, nota-se que é a personagem Conceição quem conduz a narrativa a um desfecho que atenua a fatalidade dos eventos. E por meio do processo mental se concretiza seu desejo de abrandar a aridez daquelas vidas.

As expressões de avaliatividade de afeto “bom impulso” e “caminho melhor” acenam para uma possibilidade de novos horizontes para a família de Chico Bento, mesmo encerrando intrinsecamente um adeus.

Em “despedindo-se” completa-se o sentido que permeia toda narrativa e constrói a metáfora conceptual da despedida — *Seca é adeus*. Entretanto, a despedida aqui é cheia de perspectivas — “um caminho melhor, mais suave e mais largo” —, expressão que denota esperança e faz dissipar os dias de martírio que pintaram com sofrimento e desgraça a peregrinação do vaqueiro Chico Bento e sua família.

## 5 DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS

De acordo com Macken-Horarik (2003), para uma interpretação bem-sucedida o leitor deve processar bem as palavras e construir a relação semântica, ou metarrelação, entre estágios e fases da narrativa, movendo-se entre experiências internas e externas.

Assim, selecionou-se, para análise de *O Quinze*, a categorização por meio de quatro estágios (Fechamento da fazenda das Aroeiras; Preparativos para a viagem de Chico Bento; Viagem a pé até Fortaleza; Partida para São Paulo). E as fases foram organizadas pela divisão em parágrafos na narrativa.

No primeiro estágio, observou-se que a maioria dos processos materiais tem como ator os animais que deixam a fazenda (A junta de bois *passou* devagarinho... a derradeira rês *transpôs* a porteira... o lento *caminhar* do gado que *marchava* à toa). Entretanto, a representação de experiência interna (sofrimento, resiliência, inércia) fica por conta do personagem Chico Bento por meio dos processos mentais (... *vendo* o gado sair um a um... Chico Bento *alougou* os olhos pelo horizonte cinzento... Depois *olhou* um garrotinho magro). A representação do personagem nessa fase é sempre estática, ainda que apresente algum processo material (*parou*, *caminhou* devagar). A cena é pictórica, de um lado, o movimento lento do gado, que transpõe o limite da porteira, o abandono, o destino incerto; de outro lado, o ser humano impotente diante da estiagem prolongada que afeta a vida de ricos e pobres, esses últimos de forma ainda mais cruel.

Em relação à avaliatividade, as expressões atitudinais de afeto, na maioria positivas nesse estágio (*afagou*... num gesto de *carinho* e *despedida*... *os olhos tristes*, a *última rês*), reforçam a característica do homem sertanejo, preso à terra, o sofrimento diante da desintegração do espaço em que vive, em que trabalha. E as expressões de avaliatividade de afeto negativas (*dolorosamente*, *desesperança*, *devagarinho*), também representam a experiência interna, evidenciando a dificuldade do personagem Chico Bento em desligar-se do espaço. A partir dessas escolhas, Rachel de Queiroz convida o leitor a uma posição de empatia em relação aos dramas do personagem (MACKEN-HORARIK, 2003).

Já as expressões atitudinais de apreciação, todas sem exceção nesse estágio, são de caráter negativo (*horizonte cinzento*, *caatinga*, *marmeleiral esquelético*, *tudo de um cinza de borralho*, *torrões de lama ressequida*, etc.) pintam o cenário com as cores da paisagem calcinada, da vida extinguindo-se pouco a pouco e da despedida próxima.

Observe o quadro comparativo abaixo com a incidência de expressões atitudinais em relação ao espaço e sua interferência no personagem, no primeiro estágio da narrativa.

**Quadro 13 - Relação de expressões atitudinais no primeiro estágio.**

Apreciação (-)	Afeto (+)	Afeto (-)	Av. Social (-)
Horizonte cinzento Caatinga; marmeleiral esquelético tudo de um cinza de borralho; em torrões de lama ressequida; pacavira defunta; retorcida; folhas empapeladas; sem ânimo; vergôntea estorricada; pasto seco. magro;	a flor do pasto; a última rês; afagou a velha anca rosilha; num gesto de carinho e despedida; sofrer; os olhos tristes; um garrotinho magro (token) a velha anca rosilha (token)	dolorosamente; desesperança; devagarinho; sofrer; compadre amigo (token)	não chovendo; sem serviço na fazenda; .

Fonte: Montefusco, 2020

Como já apontado, para Macken-Horarik (2003), as expressões de atitude evocadas e inscritas criam um espaço semântico mais amplo que, por si só, se torna avaliativo. As fases de avaliação relativas ao mundo interior do personagem trabalham juntamente com as escolhas de avaliatividade no domínio externo, criando metarrelações. Assim, a percepção ética é o resultado desse conjunto de relações semânticas.

Nota-se que as escolhas feitas por Rachel de Queiroz aproximam o leitor do drama vivido pelo vaqueiro Chico Bento e sua família. As cores que pintam a aridez do clima e o espaço calcinado e sem vida se harmonizam com o esvaziamento do ser, na iminência de perder o emprego, a casa, a vida que construiria.

O discurso narrativo vai estabelecendo de forma gradativa a metáfora conceptual da despedida. E a dor na partida é a mesma tanto para animais — como se observa em muitos trechos em que os animais aparecem humanizados (*garrotinho magro que mastigava sem ânimo uma vergôntea estorricada*) quanto para os seres humanos, todos vítimas do flagelo da seca.

No final desse estágio tem-se de forma velada uma crítica social na medida em que os fazendeiros, com a longa estiagem, tinham a opção de ir para a capital.

Vendo que teriam prejuízo devido à escassez de chuva, soltavam o gado e fechavam as fazendas. Os empregados, por sua vez, não tinham a mesma sorte. Sem qualquer opção de trabalho, viam-se forçados a migrar.

No segundo estágio (Preparativos para a viagem de Chico Bento), os processos verbais que introduzem as passagens dialógicas criam um mundo de possibilidades fora do sertão (*O mundo é grande*) que o próprio vaqueiro sente dificuldades em acreditar. Entretanto, é preciso convencer sua esposa, Cordulina, de que partir é necessário.

Nesse estágio, Chico Bento figura como ator em processos materiais (*arribar, armar, ganhar o mundo, vai, saindo*). Na verdade, trata-se de uma representação do mundo interior do personagem, visto que tudo são conjeturas, apenas expectativas que devem ser levantadas a fim tornar a partida iminente menos dolorosa. Embora a postura do vaqueiro aparente certo agenciamento nas decisões que terá de tomar (*projeto ambicioso*), em dado momento, tudo se lhe afigura como a inevitável partida forçada, quase como uma expulsão da sua terra.

Cordulina, incapaz de assimilar as perdas e se determinar de acordo com tal entendimento, aparece nesse estágio apenas como experienciador em processo mental (*ouvia, sentia*). Quase sem entender seu destino, esboça gestos de resignação diante dos argumentos do marido, daí os processos comportamentais que somente indicam sua postura passiva (*baixou a cabeça, chorando*).

Nota-se que, em meio aos elementos abstratos (processos que conduzem à experiência interna dos personagens, bem como na sondagem de todas as suas angústias e incertezas), o ponto de maior tensão nesse estágio constitui o episódio das passagens. Nessa fase do texto, o diálogo entre o preposto do governo e Chico Bento ocorre de forma monoglóssica (*Não é possível*). Fica evidente, pelos processos materiais (*dar, sacudir, sair, ir*), que não resta outra alternativa ao vaqueiro senão aventurar-se numa viagem a Fortaleza a pé, com mulher e filhos. Há, no trecho, uma crítica ao sistema de distribuição de passagens por meio da expressão que denota ironia em “O governo ajuda os pobres”, que constitui *token* de atitude de julgamento, uma vez que as passagens eram apenas para quem podia pagar, ou seja, não consistia em ajuda alguma, mas somente excluía os menos favorecidos.

É nesse sentido que as expressões de avaliatividade que mais aparecem nesse estágio constituem avaliações sociais de caráter negativo (*morrendo de fome,*

retirante, ganhar o mundo, dormir no tempo) ampliando o campo semântico de caracterização dos flagelados que são vítimas da seca e excluídos do sistema.

As expressões atitudinais de afeto (*minha barraquinha, olhos cegos de lágrima, chorando*) comprovam uma co-padronização de escolhas de avaliatividade e criam metarrelação de confirmação com a fase anterior, colocando o retirante no centro da tragédia humana desencadeada pelo clima da região. Já as expressões atitudinais de apreciação sinalizam para as incertezas e angústias da família de Chico Bento diante da jornada numa viagem cheia de percalços e novas perdas.

O quadro comparativo abaixo apresenta a ocorrência de expressões atitudinais em relação aos eventos e a maior incidência de avaliações sociais e afeto, no presente estágio.

**Quadro 14 – Relação de expressões atitudinais no segundo estágio.**

Avaliação Social (-)	Apreciação (-)	Afeto (-)	Afeto (+)	Julg. (-)
Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie; morrendo de fome; retirante; os pobres; a seca; dormir no tempo; ganhar o mundo. esses luxos; os pobres (token)	mundão de meu Deus; um galho; tipoia em todo pé de pau; lamparina moribunda; noites assim limpas ( <i>token</i> ); atrás de um gancho	os olhos cegos de lágrimas; chorando; baixava a cabeça; onda aquecedora de entusiasmo ( <i>token</i> ); projeto ambicioso ( <i>token</i> ); triste; melancolia do desterro próximo	minha barraquinha; névoa otimista.	a voz dolente do vaqueiro; sacudiu; ajuda (token); ratuíno.

Fonte: Montefusco, 2020

Na primeira fase do terceiro estágio, por meio de processos relacionais, a narrativa conduz a mais um episódio de despedida, em que se encerra a trajetória do pequeno Josias. Rachel de Queiroz conduz o leitor a uma reflexão: não seria a morte algo libertador diante de tantos martírios? É o que se entende em “Ficou em paz”. E a sequência de processos em que ocorre essa digressão (comportamental, material, relacional) exemplificam a experiência do mundo exterior, o mundo real, sem perspectivas a que estão fadados os retirantes ao longo da vida (*chorar de fome, ter anos de miséria, cair no mesmo buraco*). Ainda nessa fase, a personagem Cordulina, mãe do garoto, é experienciador do processo mental “queria”, no desejo de que o filho, mesmo doente, ainda estivesse com ela.

Nesse estágio, a miséria se nos apresenta como um ente personificado. Ela é ator em dois processos materiais — escalavrava (dar golpes) e feria —, tendo como meta os retirantes. Por outro lado, o processo material transformativo “minguando”, que se refere à força dos flagelados se acabando, se harmoniza com a ideia da própria vida se extinguindo ante a força avassaladora da miséria.

No episódio da cabra, tanto Chico Bento quanto o dono da cabra aparecem como atores em processo material. Entretanto, ainda que de forma implícita, os processos materiais na representação do homem dono da cabra se afiguram como uma violência desproporcional do mais forte contra o mais fraco (o homem *avançou, arrebatou-lhe a cabra...* Chico Bento compreendeu que *lhe tomavam* aquela carne). Daí as escolhas lexicais que, por meio da intersubjetividade, direcionam o leitor numa posição de percepção-julgamento e compreensão das motivações que levaram Chico Bento a matar o animal (MACKEN-HORARIK, 2003).

No que se refere à avaliatividade, há, ainda nessa fase, muitas ocorrências de avaliação social negativa, sinalizando-nos que a seca não é apenas um problema geográfico e climático, mas um problema principalmente social. Há uma padronização de escolhas que nos apontam para um fenômeno: a natureza cíclica dos eventos que seguem sempre o mesmo roteiro — estiagem prolongada, migrações, morte. É o que se depreende das escolhas lexicais que o narrador faz logo no início desse estágio (Não tinha mais que chorar *de fome, estrada afora...* Não tinha mais *alguns anos de miséria, à frente da vida*, para cair depois *no mesmo buraco*, à sombra da mesma cruz). Não estaria Rachel de Queiroz fazendo o leitor refletir sobre a realidade como um processo passível de intervenção e não como destino atávico do sertanejo?

Convém ressaltar que a abundância de expressões atitudinais de apreciação e avaliação social negativas são representações do mundo exterior que, além de dar a dimensão do cenário de desolação e miséria dos flagelados, refletem na experiência interna dos personagens e atuam diretamente sobre a avaliação do leitor. Nota-se que há uma harmonia de escolhas avaliativas em relação à fase anterior — principalmente no que se refere à avaliação social e apreciação — formando metarelacão de confirmação. Assim, o julgamento do leitor sobre correto ou errado emerge a partir das avaliações externas.

A maioria das expressões atitudinais de afeto analisadas nesse estágio estão ligadas à personagem Cordulina, mãe do Josias, (*queria-o vivo, junto dela... brigando...*) e

expandem a ideia de sofrimento da mãe em relação à perda do filho, criando no domínio interno empatia do leitor em relação ao sofrimento da personagem.

As expressões atitudinais de julgamento também são nesse estágio predominantemente negativas. Ora aparecem na personificação da miséria, ora na frieza com que o dono da cabra trata o personagem Chico Bento (avançou.. arrebatou... Ladrão! Cabra sem vergonha!). A avaliação de atitude de julgamento no processo material “matei” (Foi pra eles que eu *matei*) constitui *token*, pois o personagem, no desespero de ver sua família morrendo de fome, mata o animal. Assim, avaliação de julgamento negativa, se analisada isoladamente, porém, positiva no contexto.

O quadro comparativo abaixo apresenta a ocorrência de expressões atitudinais em relação aos eventos e personagens, bem como a maior incidência de apreciação, avaliação social, afeto e julgamento que aparecem na análise do terceiro estágio.

**Quadro 15 – Relação de expressões atitudinais no terceiro estágio.**

Apreciação (-)	Avaliação social (-)	Julgamento (-)	Afeto (+)
na sua cova à beira da estrada; com uma cruz de dois paus amarrados; no mesmo buraco; à sombra da mesma cruz; pela estrada infundável; chamenante e vermelha; a mão trêmula a cara sórdida; com mãos trêmulas; a garganta áspera; olhos afogueados; pancadas secas; zuniu; entonteceu; amunhecou; movimento febril das mãos; couro descarnado; seus olhos famintos; suas mãos febris os dedos sujos de sangue.	alguns anos de miséria à frente da vida; caíram de fome;	escalavrava; sua garra desapiiedade; em fúria aos berros; cachorro! Desgraçado! tartamudeava ( <i>token</i> ); tonto, desnorreado; explicações confusas; avançou; arrebatou-lhe ( <i>token</i> ); tomavam; matei ( <i>token</i> ); Ladrão; Sem vergonha; Cabra sem vergonha.	queria-o vivo; junto dela; brigando ( <i>token</i> ); comovido e ansioso; minha cabrinha. pelo amor de Deus; um taquinho.

Fonte: Montefusco, 2020

Assim, percebe-se que as fases de avaliação interna trabalham juntamente com as escolhas de avaliatividade do domínio externo. Novamente, temos que a empatia do leitor em relação aos personagens se dá justamente nessa

harmonização de escolhas de expressões atitudinais combinadas com escolhas avaliativas em outras fases do texto (MACKEN-HORARIK, 2003).

No quarto estágio — *Partida para São Paulo* — observou-se que as experiências externas, apresentadas por processos materiais, são projetadas não só pelo casal de retirantes, Chico Bento e Cordulina, como também a partir da experiência da personagem Conceição, cuja participação é decisiva para a mudança do destino do casal.

Conceição é ator em processo material, e o casal e o filho Duquinha são meta (Conceição *saiu*, pensando que poderia *dar* bom impulso à roda daqueles destinos, *levando-os* a um caminho melhor...a madrinha quer *carregar o menino, tratar, botar ele bom...* ).

Os processos relacionais, à medida que caracterizam o estado de subnutrição e fragilidade das crianças dos retirantes, reforçam a necessidade de Chico Bento e Cordulina darem o filho à madrinha a fim de salvar a criança (o menino cada dia é mais doente... esses meninos da seca *são* milagrosos... é como um defuntinho).

Alguns processos mentais e comportamentais, na representação da experiência interna do personagem Chico Bento, levam o leitor a “sentir” com o personagem no drama de perder mais um filho (Se pegamos na besteira de não dar o menino, é *ver morrer*...Chico Bento *calou-se* e ficou *olhando* uma estrelinha... ele *concordou*... *deixar morrer*).

Em termos de avaliatividade, a representação do mundo interior dos personagens e os dilemas vividos por eles se dá por meio de expressões atitudinais de afeto negativo no que se refere ao casal de retirantes, cujo drama reside no fato de ter de dar o filho à madrinha (*que nem gato e cachorro... amargamente*). Entretanto, as expressões atitudinais de afeto positivo atenuam o sofrimento em relação à adoção do filho pela madrinha, abrindo novas perspectivas ao casal (*nas mãos da madrinha... carregar... meu afilhado... milagrosos... muita coisa boa de São Paulo*).

As avaliações sociais são negativas no que se referem à representação do drama dos flagelados (*dar os filhos... esses meninos da seca... retirantes*), o que, de certa forma, denota o estigma social a que está fadado o nordestino numa vida de peregrinação em busca de sobrevivência. Entretanto, algumas apreciações positivas surgem na narrativa, sinalizando uma esperança para aqueles que se aventuram buscar a vida em outros estados (*terra de dinheiro, de café, de marinheiro... voltem ricos*).

Segue o quadro com a relação de expressões atitudinais mais frequentes no quarto estágio:

**Quadro 16 – Relação de expressões atitudinais no quarto estágio.**

Avaliação social (-)	Julgamento (-)	Afeto (+)	Afeto (-)	Apreciação (-)
Campo de Concentração; as retirantes; como lixo humano; esses meninos da seca; retirantes	deixar morrer; entregar aos urubus. dar os filhos;	passava; tratar; as criancinhas botar ele bom; nas mãos da madrinha; milagrosos; bracinhos ressequidos ( <i>token</i> ); perninhas atrofiadas ( <i>token</i> ); meu afilhado; carregar; muita coisa boa de São Paulo; São Paulo.	que nem gato e cachorro; amargamente.	no chão; entre montes de trapos; no imundo ambiente; doente; estrelinha moribunda; aos urubus; asas depenadas; esqueleto; como um defuntinho.

Fonte: Montefusco, 2020

De acordo com o quadro do quarto estágio relativo às expressões atitudinais, e comparando-o com o estágio anterior, observam-se expressões avaliativas de avaliação social negativa na caracterização dos espaços em geral, do ambiente do Campo de Concentração e até mesmo do comportamento daqueles que estavam isolados naquele território de miséria e abandono. Assim, as escolhas lexicais que Rachel de Queiroz faz conduzem a uma crítica social, ainda que de forma implícita, uma vez que as autoridades confinavam os flagelados no chamado “Campo de Concentração” a fim de que aquele contingente não fosse para o centro de Fortaleza e incomodasse as famílias ricas. O próprio termo “campo de concentração” em si carrega uma conotação bastante negativa na medida em que constituía um espaço destinado à contenção de centenas de retirantes, resultado de uma política de segregação e contenção da massa de indigentes vítimas da seca (TRAVASSOS, 2011).

Pode-se observar o mesmo processo em relação às expressões atitudinais de apreciação — todas negativas. Nota-se que essa fase cria equivalência em relação à fase anterior em que há também muitas escolhas avaliativas semelhantes na caracterização do espaço e o efeito que ele provoca na vida dos retirantes. Há,

portanto, metarrelação de confirmação a partir das escolhas que se harmonizam em várias fases do texto e resultam num posicionamento do leitor. Nesse caso, a seleção de confirmações resulta no processo de empatia (MACKEN-HORARIK, 2003).

Especificamente nessa fase, praticamente todas as avaliações atitudinais de afeto positivo revelam o cuidado da personagem Conceição em relação aos retirantes e, principalmente, para com a família de Chico Bento. Conceição, além de ser ator em todos os processos materiais que representam cuidado em relação aos flagelados, sua participação atenua o sofrimento das vítimas e, para a família de Chico Bento, ela representa a esperança de um recomeço, a chance de o casal reescrever sua história após tantas despedidas.

A fim de demonstrar a importância das expressões que caracterizam a avaliação social no discurso narrativo, apresenta-se, a seguir, um quadro mais detalhado sobre a avaliação social do retirante.

**Quadro 17 – Avaliação Social do Retirante**

Avaliação Social Explícita a partir da avaliação negativa (-) dos retirantes	Avaliação Social implícita a partir da avaliação negativa (-) do comportamento dos membros da família, Julgamento (-)	Avaliação Social implícita a partir da avaliação negativa (-) dos animais, Apreciação (-) e/ou humanização dos animais e vegetação
Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie; morrendo de fome; retirante; os pobres; a seca; dormir no tempo; ganhar o mundo. criancinhas lazarentas e trôpegas; as retirantes; como lixo humano; dar os filhos; esses meninos da seca; retirantes	chorar de fome; estrada afora; alguns anos de miséria à frente da vida; caíram de fome; ladrão. seus olhos famintos; suas mãos febris os dedos sujos de sangue.	couro descarnado; olhos afogueados; os olhos tristes; marmeleiral esquelético; pacavira defunta.

Fonte: Montefusco, 2020

Considerando a humanização dos animais e a animalização da família, ao longo da trama, Rachel de Queiroz os aproxima como vítimas do mesmo processo de aniquilamento imposto pela rudeza do espaço físico castigado pelas condições climáticas e iguais na luta pela sobrevivência. É o que se observa na representação do quadro abaixo:

**Quadro 18 – Representação da realidade: o homem e o animal**

Humanização dos animais e animalização dos retirantes/membros da família	
HUMANO	<p>E apalpando os bracinhos ressequidos <i>como asas depenadas</i>, as pobres perninhas atrofiadas.</p> <p>Com a cabra morta sobre a mesa, o homem gesticulava com fúria, e vendo chegar o menino, voltou-se <i>feito uma onça...</i></p> <p>Duquinha ficou de cócoras, encolhido, agarrado ao pé da mesa, <i>como um bicho bravo assustado, grunhindo</i> surdamente de desconsolo e de medo...</p> <p>Tem de ir por terra, <i>feito animal...</i></p>
ANIMAL	<p>Depois olhou um garrotinho magro que, bem pertinho, <i>mastigava sem ânimo</i> uma vergõntea estorricada;</p> <p>O velho touro da fazenda saiu, <i>arrogante...</i> atrás do lento caminhar do gado que <i>marchava à toa</i>, parando às vezes, e pondo no pasto seco os <i>olhos tristes</i>, como numa agudeza de <i>desesperança</i>.</p> <p>Algumas reses seguiam <i>cabisbaixas</i>, na mesma <i>marcha pensativa</i>, a cauda abanando lentamente as ancas descarnadas.</p> <p>O animal soltou novamente seu <i>clamor aflito...</i></p>

Fonte: Montefusco, 2020

Por meio das avaliações positivas de Afeto e sua recorrência, Rachel de Queiroz convida o leitor a uma posição de empatia, levando-o a uma percepção-julgamento dos valores adotados pelos personagens ao longo da narrativa (MACKEN-HORARIK, 2003). Por meio desse processo de solidariedade emocional, a narrativa trabalha no leitor de forma que ele, ao mesmo tempo em que consegue sentir os dramas vividos pelo personagem, é capaz também de supervisioná-lo nas suas ações.

É o que se observa a partir do levantamento desses elementos no quadro seguinte:

**Quadro 19 – Recurso de construção da empatia pelo Afeto (+)**

Afeto (+) para os membros da Família e demais retirantes
os olhos cegos de lágrimas; chorando; baixava a cabeça; onda aquecedora de entusiasmo ( <i>token</i> ); projeto ambicioso ( <i>token</i> ); triste; melancolia do desterro próximo passava; tratar; as criancinhas botar ele bom; nas mãos da madrinha; milagrosos; bracinhos ressequidos ( <i>token</i> ); perninhas atrofiadas ( <i>token</i> ); meu afilhado; carregar; muita coisa boa de São Paulo; São Paulo

Fonte: Montefusco, 2020

No que se refere à metafunção ideacional, que tem a função de representar padrões de experiência (HALLIDAY, 1994), que se dá tanto no mundo físico como no mental, identifica-se, a seguir, por meio da análise da transitividade, como os processos utilizados no enredo de *O Quinze*, ora viabilizam esse movimento constante de partidas que organizam a metáfora dominante — metáfora da despedida —, ora constroem a imagem de impotência do sertanejo ante a agressividade do meio e indiferença dos mais abastados.

Selecionaram-se no quadro que segue os processos mais significativos para formatação do significado do texto e, principalmente, aqueles que, ao transcenderem os significados referenciais de itens lexicais, progressivamente engendraram a metáfora dominante na obra, desvelando a crítica social. São eles os processos materiais, mentais e comportamentais, como ilustrado no quadro 20.

Quadro 20 – Construção da coerência no discurso narrativo por meio da transitividade

PROCESSOS	EXEMPLOS	RELAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICA
Material	<p>(Em relação aos retirantes)</p> <p>Abrir as porteiras... Soltar o gado... Tomar um rumo... Só restava arribar... Armar tipoia... Ganhar o mundo... Por que você não <i>vai</i> por terra? Chico Bento foi <i>saindo</i>... Antes <i>botar</i> nas mãos da madrinha...</p> <p>(em relação aos animais)</p> <p>A derradeira rês <i>transpôs</i> a porteira... ...atrás do lento <i>caminhar</i> do gado... <i>Saída</i> a última rês... <i>Sair</i> um a um do curral... <i>Passou</i> junto de Chico Bento... ...que <i>marchava</i> à toa...</p>	Experiência externa, movimento que sinaliza consecutivas partidas em busca de sobrevivência. Transitoriedade dos eventos
Mental	<p>Chico Bento <i>alongou os olhos</i> pelo horizonte cinzento... Depois <i>olhou</i> um garrotinho magro... Cordulina <i>ouvía</i> chorando... Chico Bento <i>olhava-a</i> com as mãos trêmulas... O mais que se arranja é <i>ver</i> o menino morrer... Chico Bento calou-se e ficou <i>olhando</i> uma estrelinha no rebordo do horizonte. <i>Esperar</i> um mês... Embora <i>sofrendo</i>, mas em pé... Chico Bento <i>compreendeu</i> apenas que lhe tomavam aquela carne...</p>	Experiência do mundo da consciência. Personagem não oferece resistência diante do evento fatalístico.
Comportamental	<p>Cordulina <i>baixava</i> a cabeça... Cordulina <i>ouvía chorando</i>... <i>Enconstado</i> ao mourão da porteira, o vaqueiro... Chegou junto da mãe, <i>chorando</i> de vergonha e de susto... Não tinha mais que <i>chorar</i> de fome...</p>	Experiência do mundo interior do personagem que se reflete no corpo.

Fonte: Montefusco, 2020

A fim de examinar a relação entre a microestrutura e a macroestrutura, recorreu-se também, nesta tese, à proposta de Li (2010). Para a autora, a escolha lexical e a coesão constroem significados no discurso que transcendem os significados referenciais de cada palavra por meio da interação de itens lexicais que se relacionam semântica e pragmaticamente. Assim, a coesão lexical pode fornecer

intravisiões importantes no processo de construção da ideologia do texto e integra a análise da teoria conceptual da metáfora engendrada por Lakoff e Johnson (1980).

Dessa forma, a coesão lexical e as metáforas conceptuais, de forma persuasiva, induzem as experiências cognitivas dos leitores orientando-os a diferentes visões da realidade. A análise dos estágios da narrativa enfocou as repetições de escolhas lexicais, principalmente no que se refere à avaliatividade, que construíram a metáfora dominante, possibilitando um outro entendimento sobre o efeito da seca no sertanejo: o sentido de uma existência que se extingue pouco a pouco em constantes despedidas.

Assim, as expressões metafóricas (concreto) encontradas, auxiliaram na formação da metáfora conceptual (abstrato) — seca é adeus, que se define num gradativo despovoamento, esvaziamento do ser numa perda contínua: bens, saúde, filhos, honra.

Segue o quadro com a relação das expressões que constroem a metáfora da despedida — Seca é adeus.

#### Quadro 21 — Metáfora da despedida: SECA É ADEUS

1. Encostado... o vaqueiro aboiava dolosamente **vendo o gado sair** um a um do curral...
2. A junta de bois mansos **passou** devagarinho...
3. A derradeira rês, a Flor do pasto... **transpôs a porteira e passou** junto a Chico Bento.
4. ... num gesto de carinho e **despedida**.
5. **Saída a última** rês, Chico Bento bateu os paus na porteira...
6. ... e **foi caminhando** devagar atrás do **lento caminhar do gado**, que **marchava à toa**...
7. ...pondo no pasto seco os **olhos tristes**, como numa agudeza de **desesperança**.
8. Chico Bento parou, alongou os olhos pelo **horizonte cinzento**.
9. **A caatinga, o marmeleiral esquelético** era tudo de um cinzento de borralho.
10. ... não chovendo até o dia de São José, você **abra as porteiras e solte o gado**.
11. Você pode **tomar um rumo**...
12. Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava **arribar**.
13. **Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie**, não havia de ficar morrendo de fome...
14. **O mundo é grande** e no Amazonas há sempre borracha...
15. Combinou com a mulher **o plano de partida**.
16. Ela **ouvira chorando**, enxugando os olhos cegos de lágrimas.
17. Mas, Chico, eu tenho tanta pena **da minha barraquinha!**
18. Onde é que a gente vai viver por esse **mundão de meu Deus?**
19. Tinha carecido se **ganhar o mundo** atrás de um gancho?
20. Pouco a pouco... a névoa otimista foi se **adelgçando** e se foi **sumindo** a onda aquecedora do entusiasmo.
21. ...e do projeto ambicioso só lhe ficou, triste e aguda, a melancolia do **desterro próximo**.
22. Mas meu senhor, veja que **ir por terra com esse magote de meninos é uma morte!**

23. Chico Bento foi **saindo**.
24. **Lá se tinha ficado o Josias**, na sua cova à beira da estrada.
25. **Ficou em paz**.
26. **Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida**.
27. ... pra cair depois **no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz**.
28. E quando [Cordulina] reencetou a marcha **pela estrada infindável**.
29. Dia a dia, com as forças que **iam minguando...**
30. O animal soltou novamente o seu **clamor aflito...**
31. ... a cabra **entonteceu**.
32. E **caiu** em cheio por terra...
33. ...compreendeu apenas que lhe **tomavam** aquela carne...
34. O homem **arrebato-lhe** a cabra...
35. Já **caíram** de fome!
36. ... que lhe deixaram **um gosto amargo de vida**.
37. E tu não tem pena de **dar** teus filhos que nem gato e cachorro?
38. A madrinha quer **carregar** [o menino]
39. ...o mais que se arranja é **ver morrer** como o outro...
40. Se é da gente **deixar morrer**, pra entregar aos urubus...
41. **Morre**, doutor?
42. No entanto, **tenha esperança...** há tanto **milagre** no mundo!
43. Vou tratar de **obter as passagens...**
44. E **despedindo-se**, Conceição **saiu** vagorosamente...
45. ... levando-os **a um caminho melhor, mais suave e mais largo...**

Fonte: Montefusco, 2020

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, com o apoio teórico-metodológico da LSF, objetivei examinar o discurso narrativo no romance *O Quinze* a partir dos atributos linguísticos da obra, com foco na noção de metáfora conceptual, na relação literatura e linguística para verificar a crítica social e alguns mecanismos — como a transitividade e a avaliatividade — pelos quais a narrativa trabalha sobre o leitor, capacitando-o a sentir com os personagens, ao mesmo tempo em que avalia eticamente seus comportamentos.

A pesquisa responde às seguintes perguntas: (a) Como é feita a relação entre língua e literatura pela LSF em *O Quinze*? (b) Qual é o papel da metáfora na crítica social na obra? (c) Qual é o papel da transitividade e da avaliatividade no processo persuasivo no discurso? Adota-se a seguinte orientação:

Para a análise, foram selecionados quatro capítulos que correspondem à seguinte progressão no enredo: capítulo 3 (Fechamento da fazenda das Aroeiras), capítulo 5 (Preparativos para a viagem de Chico Bento e sua família), capítulo 12 (Viagem a pé à Fortaleza), capítulo 19 (Partida para São Paulo). Em seguida, foram indicados trechos específicos para uma análise crítica e sistematizada via transitividade, avaliatividade, metáfora e demais teorias que embasaram a pesquisa.

Em relação à pergunta (a), importa lembrar que, de acordo com a LSF, os significados que emergem do texto são formados a partir da microestrutura (lexicogramática), por meio de escolhas no sistema linguístico. Assim, quando se faz uma escolha, o que se escreve ou o que se diz — principalmente no que se refere à criação literária, uma vez que o escritor é enunciador — adquire significado contra um fundo em que se encontram muitas possibilidades de escolhas que poderiam ter sido feitas, mas que não o foram. Daí a importância da análise linguística no texto literário, a partir de uma perspectiva metafuncional, bem como o levantamento do contexto de situação considerando-se as variáveis situacionais — campo, relações e modo do discurso — para se chegar à compreensão de “como” e “por quê” o texto adquire determinado significado (HALLIDAY, 1994).

É nesse sentido que a narrativa de Rachel de Queiroz, no dizer de Alfredo Bosi (2013), é constituída de uma prosa enxuta e viva. As frases são curtas, formando períodos breves, colados à transcrição dos atos e dos acontecimentos — uma construção muito próxima da novelística popular, ao fio da tradição oral,

principalmente pelos efeitos que extrai da técnica do discurso direto (ARÊAS, 1997). Como Rachel é uma escritora que vem do povo, ela usa a verdadeira expressão popular na sua narrativa, como no seguinte trecho:

Chico Bento também já não estava no rancho. Vagueava à toa, diante das bodegas, à frente das casas, enganando a fome e enganando a lembrança que lhe vinha, constante e impertinente, da meninada chorando, do Duquinha gemendo:

*“Tô tum fome! Dá tumê! [...]”*

Mas dentro da turbação lhe zunia ainda aos ouvidos:

*“Mãe, dá tumê...”* (QUEIROZ, 2003, p.54)

Trata-se de uma expressão natural, direta, coloquial, bem ao gosto da proposta dos romancistas da geração de 30, que era de explorar e trazer para a literatura a língua falada cotidianamente pelo povo, uma linguagem genuinamente brasileira, direta e sintética, com o objetivo de alcançar maior proximidade com o público (CATTAPAN, 2012).

Para Halliday (1985), o uso é a marca fundamental de caracterização de uma língua. Assim, no caso da obra *O Quinze*, é no desenho incisivo das frases que se revela uma linguagem tão árida quanto o ambiente do sertão que chega a deixar alguns brancos na descontinuidade dos capítulos. Embora essa linguagem embrutecida e rústica — como a própria natureza agreste — possa denotar ausência de literatura, é justamente nessa forma quase ‘desidratada’ na composição do enredo — sem rebuscamento linguístico, mas com certa sobriedade — que aparecem as qualidades de uma prosa literária autêntica e cheia de dramaticidade.

O texto queiroziano sobeja na simplicidade da linguagem, e até mesmo o uso de expressões aparentemente desgastadas, em momentos descritivos, como a utilização de imagens — “foice da morte”, “garra desapiedada da miséria”, “horizonte cinzento” — constituem metáforas que corroboram na impressão de uma secura geral na composição do enredo e na forma pungente que atinge o leitor.

É por meio da análise das metafunções ideacional (na construção de experiência do mundo exterior e interior dos retirantes) e interpessoal (no diálogo com o leitor que é convidado a sentir com os personagens) que se define a arquitetura do romance *O Quinze*, revelando-se aspectos semântico-discursivos que, na relação entre língua e literatura, determinam um olhar mais realista por parte do leitor à medida que se revelam as ideologias presentes no texto.

É oportuno lembrar aqui que, no discurso narrativo de *O Quinze*, a análise da microestrutura textual revela a expressividade de uma linguagem que aproxima o leitor da obra, trazendo-lhe não só consciência social mas emotividade individual. É nesse sentido que o texto literário, à medida que representa a realidade de forma transfigurada — e no caso da obra de Rachel de Queiroz, a denúncia do terrível contexto que a seca traz para algumas regiões do Brasil — conta com vários recursos linguísticos que aparecem no discurso narrativo de forma explícita (frases curtas, períodos breves, linguagem coloquial) e implícita, que se dá com os recursos de empatia e avaliação ética que despertam no leitor uma percepção-julgamento a partir das motivações dos personagens.

Em relação à pergunta (b): Qual é o papel da metáfora na crítica social em *O Quinze*? De acordo com Monteiro (1964, p. 223-225), Rachel de Queiroz não aborda de forma panfletária os problemas sociais como alguns romancistas da geração de 30. Entretanto, ao retratar as existências, o choque de vidas, os encontros e os desencontros dos retirantes por meio de recursos linguísticos que fazem emergir do texto as metáforas conceptuais —, aí, sim, os problemas tornam-se visíveis. Como o enredo é construído em dois planos — a história de Conceição que é de uma família abastada e a trajetória de Chico Bento e sua família, retirantes — a própria descontinuidade dos capítulos vai revelando alguns contrastes na forma como ricos e pobres lidam com o problema das secas no Nordeste. Embora ambos sofram consequências nefastas, é nítida a solução que as famílias abastadas, donos de fazendas, tinham para contornar as dificuldades: deixar o sertão e ir para a capital.

Em relação ao estudo das metáforas e expressões metafóricas analisadas no discurso narrativo da obra, a pesquisa mostra que as escolhas lexicais feitas em *O Quinze*, relacionadas colocacionalmente, constroem metáforas dominantes que funcionam como temas organizacionais, criando um determinado entendimento do romance. Charteris-Black (2004) afirma que a metáfora, primeiramente, camufla em geral uma função persuasiva subjacente que não é imediatamente transparente, influenciando na interpretação feita pelos receptores do texto. Já no início do capítulo três, as escolhas lexicais de Rachel de Queiroz deixam claro o primeiro movimento de partida dos animais diante das porteiras que são abertas por Chico Bento por determinação do administrador. Em seguida dá-se a descrição do espaço da fazenda desolada pela seca — causa da partida involuntária —, introduzindo a ideia da despedida que permeará todo discurso narrativo: SECA É ADEUS.

Assim, ao longo dos capítulos analisados, Chico Bento e Cordulina, na triste fatalidade que os acompanha ao ter de deixar sua terra, estão sempre às voltas com despedidas sucessivas. Josias morre ao comer a manipeba, uma raiz venenosa, Pedro desaparece ao juntar-se com outro grupo de retirantes, Duquinha, o caçula, acaba sendo adotado por Conceição, outra medida extrema que o casal Chico Bento e Cordulina tomam para evitar que o menino morra de inanição. Ao longo do percurso por terra para chegar a Fortaleza, a família vai-se fragmentando e os recursos tornam-se cada vez mais escassos. Há um progressivo esvaziamento de Chico Bento e Cordulina que vão perdendo a casa, o trabalho, os filhos, a honra, a saúde. Assim, a construção gradativa desse movimento de partida da família conta com recursos linguísticos que garantem coesão textual e são responsáveis pela construção de metáforas conceptuais. Tais metáforas vão tecendo uma espécie de teia mental cuja finalidade é a persuasão do leitor, no nível do discurso, sobre a mensagem contida no texto.

Num olhar atento às escolhas lexicais de Rachel de Queiroz via análise da transitividade e da avaliatividade, revela-se a metáfora conceptual da despedida que garante cognitivamente a coerência no discurso narrativo da obra. Dessa forma, tem-se na metáfora do adeus a conotação alegórica da própria seca. (seca é adeus ao emprego, adeus à terra natal, adeus aos recursos, adeus à dignidade, adeus aos filhos, adeus à saúde...). Vale ressaltar que a metáfora conceptual dominante já carrega em si uma avaliação de afeto que permeia toda obra. A empatia do leitor, portanto, é construída a partir da dor do retirante face às sucessivas despedidas por ausência de vida, aniquilamento da natureza e esvaziamento do ser.

Ideologicamente é possível entender que, para o retirante restam poucas alternativas, pois, além dos problemas do sertão decorrentes do clima da região, agrava-se o problema social, já que a omissão do Estado permite relações de poder que acirram ainda mais as desigualdades.

Enfim, a crítica social está presente no discurso narrativo da obra ora de forma sutil, quando ocorre nos brancos da narrativa até pelo que não é dito (ARÊAS, 1997), ora de forma explícita por meio da avaliação social negativa na voz dos personagens (*morrendo de fome, dormir no tempo, ganhar o mundo, dar os filhos, os pobres...*) e finalmente pela construção gradativa da metáfora conceptual dominante que se revela nos constantes percalços dos retirantes, forçando-os a despedidas sucessivas.

Em relação à pergunta (c): Qual é o papel da transitividade e da avaliatividade no processo de construção da persuasão do discurso?

Por meio da transitividade, uma análise cuidadosa da microestrutura permite verificar que grande parte dos processos materiais que apresentam como ator os retirantes indicam um movimento contínuo que é próprio das constantes migrações (*tomar um rumo, arribar, ganhar o mundo, armar tipoia, ir por terra, foi saindo, abrir as porteiras*). Assim é também em relação aos animais que, em vários momentos da narrativa, são colocados no mesmo patamar dos retirantes, ou seja, expulsos da terra e/ou abandonados pelos donos das fazendas (*sair, marchar, passar, fechar, transpor*).

É nesse sentido que uma análise que parte da microestrutura do texto pode revelar a ideologia e as relações de poder na macroestrutura. Logo no final do terceiro capítulo, na carta do administrador, quase todos os processos na descrição dos problemas focalizam a experiência dos proprietários de terra, da forma como a longa estiagem os afeta. Assim, na construção do enredo, os processos materiais “abrir as porteiras”, “soltar o gado” e até mesmo a ordem para não “gastar o dinheiro à toa” constituem deliberação da dona da fazenda, Dona Maroca. A Chico Bento resta apenas a execução, não havendo qualquer ponderação por parte dos patrões em consideração à situação do vaqueiro que perderia a casa e o trabalho. Até os processos mentais “sofrer o prejuízo” e “decidir fechar a fazenda” têm como experienciadores os proprietários, não sendo considerado em nenhum momento o destino dos empregados. Ora, Chico Bento é a um só tempo ator e meta, uma vez que executa uma sentença contra ele mesmo — *“E como quem vai reler uma sentença que executou, para se livrar da responsabilidade e do remorso, ele penosamente mais uma vez decifrou a letra do administrador, sobrinho de Dona Maroca”*.

Na carta do administrador, o sobrinho de dona Maroca, cumprindo as ordens da tia, diz que Chico Bento “pode” tomar um rumo. Pelo diatexto (MANUT et al, 2012), embora haja modulação de probabilidade no enunciado, fica evidente a compreensão do leitor sobre a impossibilidade de qualquer escolha por parte do vaqueiro. Ficando na fazenda, Chico Bento não terá emprego, restando-lhe apenas a alternativa de aventurar-se como retirante para fugir da seca. De forma irônica, a carta encerra com a expressão “compadre amigo”. Sabe-se que, com tal deliberação, Chico Bento será forçado a deixar a fazenda (adeus a casa, adeus ao trabalho).

Assim também ocorre no episódio da estação de trem. Toda dificuldade de Chico Bento em conseguir as passagens — que seriam cedidas pelo governo aos retirantes — reside no fato de que esses bilhetes para a viagem destinavam-se apenas a quem pudesse pagar (adeus aos recursos). Novamente um processo material sinaliza a deliberação de terceiros em relação ao destino do retirante (*Por que não vai por terra?*). E a humilhação do vaqueiro se dá por meio do julgamento de valor por parte do funcionário ao afirmar: *Agora é que retirante tem desses luxos...* O texto não deixa dúvida quanto ao caráter do funcionário, o que se percebe por meio da expressão de julgamento negativo “um ratuíno”, proferida por Chico Bento no momento de indignação. Assim também é possível que o leitor, num processo de empatia (MACKEN-HORARIK, 2003), sinta com o personagem (persuasão pela emoção) as injustiças no contexto das políticas, ou melhor, ausência de políticas consistentes que pudessem de fato amparar os menos favorecidos e mais atingidos pelos problemas da seca.

Os processos relacionais, ao caracterizar o preposto do governo, num olhar mais atento sinalizam a incapacidade do próprio Estado na gestão das políticas paliativas que se destinavam a amenizar a situação dos retirantes. Nesse trecho, a expressão “*O governo ajuda os pobres*”, o processo material “ajuda” é, na verdade, um julgamento negativo (*token*) que mais à frente se revela na fala indignada de Chico Bento em *Não ajuda nem a morrer!* Tem-se o enunciador permeado pelo texto que produz na medida em que interpreta as convenções sociais agindo-significando-comunicando-afirmando (MANUT et al, 2012).

Vale ressaltar que o episódio da partida de Conceição e Mãe Nácia da estação de Quixadá está intercalado entre o capítulo em que se dá o fracasso de Chico Bento para conseguir as passagens e, conseqüentemente, sua arriscada partida a pé com toda a família, estrada afora. Assim, na própria descontinuidade do enredo fica evidente que os ricos tinham possibilidades de sobrevivência em meio à grande seca, já os retirantes estavam à mercê de todo tipo de contratempo (desemprego, fome, abandono) na luta pela sobrevivência. Segundo Arêas (1997), nenhuma palavra é dita sobre o acontecimento, os fatos são apenas colocados lado a lado. Até o desabafo do personagem Chico Bento em “Deus só nasceu para os ricos!” perde a força quando, pelo bafo, Cordulina percebe que o marido tinha bebido demais.

Dessa forma, pouco a pouco, na progressão da narrativa, nos encontros e desencontros dos retirantes na penosa travessia a pé, desenha-se a transitoriedade dos eventos que contribuem para construir no frame do leitor, de forma persuasiva, a metáfora do adeus. Vale destacar que, em alguns estágios, o retirante é meta de outros processos cujos atores variam entre figuras humanas ou entidades abstratas como a seca, a miséria, a fome. Por outro lado, os processos mentais e comportamentais, na descrição de cenas dos flagelados, apontam sempre para a impotência do retirante que já não oferece resistência diante das fatalidades (*ouvir, olhar, esperar, calar-se, sofrer, morrer, chorar, encostado*). Os processos relacionais, além da caracterização dos personagens de forma pungente, contribuem para potencializar o estado de miséria e desolação na caracterização dos espaços atingidos pela seca, o que de forma indireta corrobora no processo de empatia do leitor em relação à problemática enfrentada pelos flagelados.

No que se refere à avaliatividade, as expressões atitudinais de afeto positivo levantadas ao longo dos capítulos objeto de análise estão associadas à representação do mundo dos personagens em relação aos problemas da seca e seus efeitos na vida do sertanejo. Revelam o apego de Chico Bento e Cordulina à terra, aos animais, à fazenda, à família, enfim, a história do casal e tudo que os prende irremediavelmente à vida no sertão. E em relação à personagem Conceição, as indicações atitudinais de afeto estão ligadas ao cuidado para com os flagelados.

Por outro lado, as expressões de afeto negativo remetem ao sofrimento dos personagens em relação à separação da terra, a dor em relação à perda dos filhos (um morto, outro que se perde e o caçula deixado para a adoção), bem como a insegurança e medo em relação a uma partida forçada e ao futuro incerto.

As expressões de atitude de julgamento negativo, na maior parte das ocorrências, referem-se à seca, personificada na miséria que fere o homem com sua garra desapiedada. Há algumas ocorrências em que, pela voz de Chico Bento, é avaliada negativamente a minguada ajuda do governo em relação aos retirantes, potencializando a crítica social presente no discurso narrativo. E no caso do dono do animal morto por Chico Bento, há uma série de expressões que revelam a intransigência e frieza daqueles que estavam em condições de vantagem diante das misérias dos demais flagelados, o que possibilita também uma avaliação do leitor em relação à motivação dos personagens na agência de determinadas condutas (MACKEN-HORARIK, 2003).

Mas é na grande quantidade de expressões de apreciação negativa que se pinta o cenário com as cores da miséria e desolação. É na exposição dos corpos esqueléticos, os ventres intumescidos, as faces cadavéricas que povoam as estradas e superlotam o Campo de Concentração do Alagadiço que Raquel de Queiroz evoca no leitor a compaixão diante daqueles destinos tão incertos quanto as chuvas no sertão (MACKEN-HORARIK, 2003).

Por fim, as avaliações sociais, também negativas, revelam a marca do estigma social naqueles que se aventuravam nas constantes migrações em busca de alternativas, mas que irremediavelmente estavam fadados à indigência. É o que se observa nas escolhas de avaliatividade do capítulo 5 (*sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, morrendo de fome...*), formando metarrelação de confirmação em relação ao quadro de desolação e miséria que se desenha no início do capítulo 3. Aqui se percebe que o processo material “arribar” é um imperativo para Chico Bento, se quiser sobreviver.

Vale ressaltar que o chamado “Campo de Concentração” — cujo objetivo era evitar que os retirantes alcançassem Fortaleza, trazendo “o caos, a miséria, a moléstia e a sujeira” (TRAVASSOS, 2011) e não de abrigar os flagelados como preconizava o governo — já carregava no nome a sentença de morte. No discurso narrativo de *O Quinze* algumas expressões de avaliação social negativa comprovam o lado sombrio desse lugar (*como lixo humano, criancinhas lazarentas e trôpegas*)

Portanto, em sua grande maioria, as marcas de avaliatividade, sejam elas relacionadas a elementos concretos ou abstratos, são potencialmente negativas, dialogando com o leitor de maneira persuasiva ao avaliar não apenas os problemas geográficos e climáticos, mas também o abismo social entre ricos e pobres, proprietários de terra e empregados.

Dessa forma, constata-se que as escolhas lexicogramáticas feitas por Rachel de Queiroz que compõem a microestrutura do texto — examinadas via Linguística Sistêmico-Funcional por meio da transitividade e da avaliatividade — revelam os processos persuasivos por meio dos quais se dá a convicção e sedução no nível da macroestrutura do discurso. Evidentemente, todo processo depende da posição de leitura do receptor. É nesse sentido que a intersubjetividade tem um papel preponderante na garantia da compreensão do interlocutor.

Diante das abordagens exploradas nesta tese, conclui-se que a LSF trouxe significativa contribuição ao estabelecer a compreensão do texto literário a partir da

linguagem contextualizada situacional e culturalmente, com foco na análise do discurso, revelando novos significados que ampliam o entendimento sobre a obra de Rachel de Queiroz.

Pretendeu-se neste estudo uma abordagem que não focasse unicamente na hermenêutica da crítica literária para a interpretação dos discursos, mas que revelasse a importância da própria língua enquanto matéria-prima do texto literário, bem como os valores implicados na microestrutura do texto capazes de denunciar as ideologias e relações de poder na macroestrutura. Além disso, as escolhas lexicogramaticais no discurso narrativo de *O Quinze* mostram como os leitores sentem-se influenciados pelo texto e, nesse processo persuasivo, são capazes de julgar e avaliar eticamente as condutas dos personagens, estabelecendo um posicionamento crítico nessa relação dialógica presente também nos textos literários.

Portanto, ao se recorrer às contribuições da Linguística Crítica (1970) e da ADC (1985) pretendeu-se uma investigação crítica nos discursos a fim de revelar as ideologias que permeiam os textos nas várias formações discursivas. Vale ressaltar que o instrumental oferecido pelo arcabouço de teorias utilizadas neste estudo capacitam os leitores a iniciarem um processo de reflexão com objetivo de romper com a dominação e alienação social, a partir da compreensão de valores implicados no uso da língua. Segundo Fowler (1970), os leitores não devem ser somente comunicativamente competentes, mas criticamente conscientes das formações discursivas e contradições dos textos a fim de poderem dialogar com suas fontes. Nesse sentido, a proposta emancipatória dessas teorias tem o escopo de articular categorias linguísticas ao caráter sociológico no discurso.

Além disso, para a Linguística Crítica (FOWLER,1991), as diferenças de expressão implicam distinções ideológicas. Por isso, em *O Quinze*, o problema das secas no Nordeste — que está longe de ser apenas geográfico e climático — e a crítica social subjacente são retratados numa instância de linguagem coloquial, própria da literatura oral, quase em estado puro. Aí reside toda a beleza do texto queiroziano que tem um propósito comunicativo específico (FAIRCLOUGH, 1992), diretamente relacionado ao contexto de produção, de consumo e de circulação a que se destinou na época de sua publicação.

Dessa forma, a percepção da crítica social foi possível via mecanismos da LSF, bem como, da metáfora conceptual, logo, a análise da microestrutura permitiu o entendimento das questões que permeiam a macroestrutura discursiva.

Enfim, com o resultado de inúmeras análises desenvolvidas nesta pesquisa, foi possível compreender a importância de se deter de forma cuidadosa às escolhas feitas pelo autor do texto, que envolvem o assunto, a interrelação e a linguagem específica para cada gênero do discurso e que culminaram — para a garantia do processo persuasivo — na construção de metáforas conceptuais, momento em que se dá a compreensão do texto incluindo a persuasão discursiva.

Com este estudo pretendi mostrar que uma análise linguística com base na microestrutura textual, principalmente no que se refere ao gênero literário, pode trazer ao professor subsídios para uma análise literária mais fecunda, lançando mão não apenas das teorias literárias, mas da própria língua como ponto de partida para uma análise crítica.

Quando o professor de língua e literatura se despoja da prática de análise calcada apenas em aspectos da teoria literária presente nos meios acadêmicos — e a análise por meio das metafunções da LSF possibilita esse olhar diferenciado — os alunos aprendem a ouvir o texto e descobrir em que medida ele é ou não coerente com suas propostas latentes. Todas essas constatações, portanto, criam possibilidades para o aluno desvelar as diversas ideologias que permeiam os discursos. Daí a importância, segundo Halliday (1994), do papel da gramática (morfologia e sintaxe) do texto para a compreensão mais profunda (semântica e pragmática) do discurso.

No que concerne ao ensino de língua e literatura, embora muitas abordagens preconizem a necessidade de buscar caminhos que considerem o universo do estudante, não se pode olvidar que desenvolver o olhar crítico exige do educador um arcabouço teórico que os estudos sobre as teorias da linguagem oferecem para uma melhor adequação das aulas à diversidade dos contextos.

Como pesquisador não tenciono esgotar o assunto, tampouco conseguir responder a toda complexidade que a obra de Rachel de Queiroz traz no seu cerne. Apresentamos aqui um recorte, um olhar diferenciado com novas possibilidades em meio à crítica vigente. Entretanto, enfatizamos a importância de se fomentar práticas educacionais que possibilitem a multiplicação de saberes e instrumentalização de educadores em suas práticas cotidianas.

Enfim, espero ter alcançado os objetivos propostos nesta pesquisa. E, além disso, ter contribuído na ampliação das discussões científicas do Programa de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, L. R. *O texto queiroziano e seu percurso crítico. Em Tese.* UFMG. 2013
- ALBUQUERQUE, JR. D. M.. *A invenção do Nordeste e outras artes.* 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANDRADE, A. *Aspectos da Cultura Brasileira.* Rio de Janeiro: Schimidt Editor, 1939.
- ARÊAS, V. Rachel: o ouro e a prata da casa. *Cadernos de Literatura Brasileira. Nº 4,* 1997.
- ARIEL, M. Discourse, grammar, discourse. *Discourse Studies* 11.1, 2009, p. 5-36.
- BAKHTIN, M.M. *The Dialogic Imagination: Four Essays.* Austin: University of Texas Press. 1935 [1981]
- \_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal.* 4. Ed., Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1979 [1997].
- \_\_\_\_\_. "Discourse in the Novel." *The Dialogic Imagination: Four Essays.* Trans. Michael Holquist and Caryl Emerson. Austin: U of Texas P, 1981. 259-422.
- BARBOSA, M. L. D. L. *Protagonistas de Rachel de Queiroz: caminhos e descaminhos.* Pontes, 1999.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira.* 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- BOOTH, W. C. "Distance and Point-of-View: An Essay in Classification." *Essays in Criticism* 11.1 (1961): 60-79.
- BRITTO, C. C. *Decifrando o Brasil: itinerários de Rachel de Queiroz. São Luís de Montes Belos 1* (2007).
- BUTLER, C. S. Systemic Functional Linguistics, Cognitive Linguistics and Psycholinguistics: opportunities for dialogue. *Functions of Language*, 20.2, 2013.
- CALEGARI, L. C.; HAISKI, V. A. *A perspectiva crítica em Rachel de Queiroz e em Graciliano Ramos.* Revista de LETRAS Dom Alberto.v.1, n. 2, ago/dez. 2012.
- CÂNDIDO, A. *Presença da literatura brasileira: Modernismo.* Difusão Europeia do Livro, 1979.
- CATTAPAN, J. C. R. O Quinze: contrastes e tensões. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*, v. 7, 2012.
- CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis.* New York: Palgrave MacMillan, 2004.

CHATMAN, S. *Story and Discours*. Ithaca: Cornell UP, 1978.

CHIAVEGATTO, V. C. *Introdução à linguística cognitiva*. Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, v. 16, n. 24, 2009.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: Rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh University Press, 1999.

CONY, C. H. Dois encontros exemplares. *Rachel de Queiroz: Cadernos de Literatura Brasileira*, v. 2, p. 15-17, 1997.

CORTAZZI, M.; JIN L. "Evaluating evaluation in narrative." *Evaluation in text: Authorial stance and the construction of discourse* (2000): 102-120.

COUTINHO, A. *A literatura no Brasil* (vol. 5). Glogal Editora, 1997.

DEETZ, S. Politically attentive relational constructionism (PARC) and making a difference in a pluralistic, interdependent worlds. In: CARBAUGH, D; BUZZANELL, P. (eds). *Distinctives qualities in communicating research*. Oxford. Taylor and Francis, 2009, p. 32-52.

DUARTE, E. A. Classe e gênero no romance de Rachel de Queiroz. In: *Literatura, política, identidades*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2005. p. 105-112.

\_\_\_\_\_. Rachel de Queiroz – literatura e política no feminino. Em DUARTE, C. L. (org.), *Anais do V Seminário Nacional Mulher & Literatura*. Natal, UFRN, 1995, p. 81-85.

ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Editora Companhia das Letras, 1994.

EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London: Printer Publishers, 2004. p. 20

EVANS, V.; BERGEN B. K.; ZINKEN J. *The Cognitive Linguistics Reader: advances in Cognitive Linguistics*. Londres: Equinox, 2007.

FAIRCLOUGH, N. *Language and Power*. London: Longman, 1989.

\_\_\_\_\_. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

\_\_\_\_\_. *Media discourse*. London: Edward Arnold, 1995.

\_\_\_\_\_. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.

\_\_\_\_\_. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FOWLER, R. *Language in the news*. London: Routledge, 1991.

\_\_\_\_\_. *Linguistic criticism*. 2. ed. Oxford: Oxford UP, 1996.

\_\_\_\_\_. Sobre a Linguística Crítica. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v.4, p. 207-222, 2004.

FUZER C; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. 1. ed. Campinas, SP. Mercado das Letras, 2014

GALLI, G. *Psicologia dele virtu social*. Bologna: CLUEBE, 1999.

GOATLY, A. *The language of metaphors*. London: Routledge, 1997.

GOMES, C. M. A aula de alteridade em O quinze. *Revista Diadorim7* (2012).

GREIMAS, A. J. *Sémiotique, dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Classiques Hachette, 1979.

HALLIDAY, M.A.K. *Language as a Social Semiotic*. Londres: Edward Arnold, 1978.

\_\_\_\_\_. *Spoken and written language*. Oxford: Oxford University Press, 1985.

\_\_\_\_\_. *Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

\_\_\_\_\_. *An introduction to functional grammar* (revisado por C.M.I.M Matthiessen). 3 ed. London: Arnold, 2004.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press.1989

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN C.M.I.M. *An introduction to functional grammar*. 3 ed. London: Arnold, 2004.

HODGE, R., KRESS, G. *Social semiotics*. London: Polity Press, 1988.

IKEDA, S.; SAPARAS, M. *Metáfora cultural: persuasão e revelação*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2017.

KÄRKKÄINEN, E. *Stance taking in conversation: From subjectivity to intersubjectivity*. *Text & Talk* 26.6, 2006, p. 699-731.

KITIS, E.; MILAPIDES, M. Read it and believe it: How metaphor constructs ideology in news discourse - A case study. *Journal of Pragmatics*, v. 28, p. 557-590, 1997.

LAFETÁ, J. L. *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades. Ed. 34, 2000

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

\_\_\_\_\_. *Moral politics: how liberals and conservatives think*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

\_\_\_\_\_. The contemporary theory of metaphor. In: *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphor We Live By*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

\_\_\_\_\_. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basics Books, 1999.

LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LEMKE, J. L. Semantics and social values. In: *Systems, Structures and Discourse: Selected Papers from the Fifteenth International Systemic Congress*, J. D. Benson, W. S. Greaves, P. H. Fries, and C. Matthiessen (eds.) 1989, p. 39.

LEMKE, J. L. Resources for attitudinal meaning – Evaluative orientations in text semantics. *Functions of Language*, v. 5, n. 1, 1998, p.33-56.

LI, J. Transitivity and lexical cohesion: Press representations of a political disaster and its actors. *Journal of Pragmatics*, v. 42. n. 12, p. 3444-3458, 2010.

LUCHJENBROERS, J.; ALDRIDGE, M. Conceptual manipulation by metaphors and frames: Dealing with rape victims in legal discourse. *Text & Talk*, v.27, n.3, p. 339-359, 2007.

MACKEN-HORARIK, M. *Appraisal and the special instructiveness of narrative*. Text 23.2 (285-312), 2003.

MANUTI, A.; TRAVERSA, R.; MININNI, G. *The dynamics of sense making: a diatextual approach to the intersubjectivity of discourse*. *Text & Talk* 32.1 (39-61), 2012

MARTIN, J. R. *English Text: System and Structure*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1992, 553-559 p.

MARTIN, J.R. Beyond Exchange: APPRAISAL Systems in English. In Susan Hunston; Geoff Thompson (eds.), *Evaluation in Text – Authorial Stance and the Construction of Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R; The language of evaluation, *Appraisal in English*, Palgrave Macmillian, 2005

MARTIN, J.R; MATTHIESSEN, C.M.I.M; PAINTER, C. *Working with Functional Grammar*. London: Arnold, 1997

MARTIN, J.R.; ROSE, D. *Working with discourse: Meaning beyond the clause*. New York: Continuum, 2003.

MATTHIESSEN, C. *Lexicogrammatical cartography: English systems*. Internat. Language Sciences Publ., 1995.

MONTEIRO, A. C. *O romance: teoria e crítica*. Livraria J. Olympio, 1964.

QUEIROZ, R. *O Quinze*. São Paulo, José Olyimpio, 2015.

RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*. São Paulo, Martins, 1962.

SILVA, A. S. O poder cognitivo da metáfora. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. II, p. 13-75, 2003.

SODRÉ, N. W. *História da literatura brasileira*. Editora Bertrand Brasil, 1982.

THEÓPHILO, R. *A seca de 1915*. Fortaleza, 1980.

THIBAUT, P. J. Semantic variation, social heteroglossia, intertextuality: Thematic and axiological meaning in spoken discourse. *Critical Studies*, v. 1, n. 2, p. 181-209, 1989.

THOMPSON, G. Voices in the text: Discourse perspectives on language reports. *Applied linguistics*, v. 17, n. 4, p. 501-530, 1996.

\_\_\_\_\_. *Introducing Functional Grammar*. Londres: Arnold. 2004.

THOMPSON, G; THETELA, P. *The Sound of One hand Clapping: The Management of Interaction in Written Discourse*. In: Text, 15 (1), 1995.

TRAVASSOS, L. S. M. Uma história não contada: o campo de concentração para flagelados de 1915 em Fortaleza-Ceará. *Anais Eletrônicos do V Colóquio de História "Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio"*. p. 717-730, 2011.

VAN DIJK, T. *Handbook of Discourse Analysis*. Londres: Academic Press. vol. 4, Discourse Analysis in Society, 1985.

\_\_\_\_\_. *News analysis: case studies of international and national news in the press*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1988.

\_\_\_\_\_. *Elite Discourse and Racism*. Newbury Park, CA: Sage, 1993.

\_\_\_\_\_. Texto e contexto. *Explorações na semântica e pragmática do discurso*. London: Longman, 1977.

VICENTINO, C.; DORIGO, G. *História do Brasil*. Scipione, 2004.

VOLLI, U. *Manuale di semiótica*. Roma-Bari: Laterza, 2004.

## ANEXO

### Resumo da obra *O Quinze*

Conceição é uma professora solteira de 22 anos que passa as suas férias na fazenda de Dona Inácia, sua avó. Durante dois meses ela convive com os moradores da fazenda e com seus parentes que moram na região. Um deles é Vicente, um vaqueiro filho de um proprietário de terras, e ele e Conceição flertam um com o outro.

Chegava sempre cansada, emagrecida pelos dez meses de professorado; e voltava mais gorda com o leite ingerido à força, resposta de corpo e espírito graças ao carinho cuidadoso da avó.

A seca começa a avançar e, com a falta de pasto para o gado, alguns fazendeiros resolvem soltá-lo à sorte. É o que acontece na fazenda da Dona Maroca, em Quixadá, onde Chico Bento trabalhava. Sem trabalho, ele e sua família são obrigados a abandonar Quixadá. Sem dinheiro para a passagem e sem apoio do governo, a família tem que fazer o percurso de Quixadá até Fortaleza a pé. Durante a viagem a fome é constante, a pouca comida que eles possuem não é suficiente para toda a viagem. No caminho para a Fortaleza, eles encontram outro grupo de retirantes que estão comendo um boi morto na beira da estrada. Chocados com a cena — praticamente comiam com voracidade um carne que já estava em estado de putrefação —, Chico Bento resolve dividir a pouca comida que eles possuem.

A fome de Chico Bento e a sua família cresce. Na estrada, eles encontram um animal, que Chico mata para dar a sua família. Mas o dono do animal surge de longe e reivindica a sua posse. Constrangido e com fome, o vaqueiro pede clemência e um pouco de carne para dar a sua família. O dono do animal lhe dá um pouco das tripas.

Com muita fome, um dos filhos do casal, Josias, come uma mandioca brava crua — a manipeba —, e morre envenenado. Outro filho, o mais velho, se perde durante a noite e segue com outro grupo de retirantes. A sorte da família muda um pouco neste momento. Desesperados atrás da criança, eles procuram o delegado da vila.

O delegado era um compadre de Chico Bento. Embora providencie alguns guardas para resgatar o filho do vaqueiro, as diligências são infrutíferas e não se tem mais notícia do garoto. O delegado recebe a família de Chico Bento, preparando uma refeição apropriada. Depois providencia passagem de trem e a família finalmente consegue chegar a Fortaleza.

No interior, a seca continua. Vicente trabalha duro para tentar salvar o gado. A preocupação e a luta contra as condições adversas são o foco da narrativa. O relacionamento de Conceição e Vicente começa a ficar mais abalado. Conceição não entende completamente a obstinação de Vicente com o trabalho no campo e Vicente não compreende os desejos de liberdade e igualdade de Conceição.

Como a seca se prolonga, Conceição consegue convencer a sua avó a ir com ela para Fortaleza. Na capital, ela começa a passar todo dia no campo de concentração, e logo se voluntaria para auxiliar os refugiados. Em uma das visitas, ela encontra Chico Bento e a sua família e resolve ajudá-los.

A família de Vicente vai embora também da fazenda por conta da seca, mas ele continua trabalhando para tentar salvar o gado.

Mesmo em Fortaleza, a família de Chico Bento não encontra oportunidades para melhorar sua condição de penúria. Conceição, então, compra uma passagem para Chico Bento e a sua família se mudarem para São Paulo. Como ela é madrinha da criança mais nova, o Manuel, Conceição pede para ficar com o garoto e criá-lo. Chico Bento e a sua mulher não querem deixar o filho, mas depois acreditam que ele tem mais chances de sobreviver com a madrinha.

Chega ao conhecimento de Conceição que Vicente tem um relacionamento com uma cabocla chamada Mariinha. A moça fica chateada com o primo, mas a sua avó tenta convencê-la de que isso é coisa de homem e que ela não deveria dar importância.

Já em dezembro, quando a chuva finalmente chega, a avó de Conceição retorna para a fazenda, mas Conceição fica na cidade e não procura mais seu primo, mas feliz em criar o seu afilhado.